REVISTA LUSITANA

VOL. XVIII 1914 N.os 3-4

ADAGIÁRIO PORTUGUÊS

(Coligido das fontes escritas)

Êstes ditos antigos são muito certos.
Jorge Ferreira, AULEGRAFIA, fl. 63.

§ I

Anexins do século XIII a XV

Cancioneiro da Vaticana — Leal Conselheiro — Cancioneiro geral de Garcia de Resende — Refranes do Marquez de Santillana.

A) Séculos XIII e XIV

O mal e o bem — á face vem.
Ouç'eu dizer huũ verv' aguysado
que — *bem e mal sempre na face vem,*
e verdad'é, per com' end' a mi aven,
d'uma dona hu tod'esto ey osmado:
ca de quanto bem na sa face vy
vem end' amigos, tanto mal a mi,
por que o verv' em meu dano é tornado.
Estevam Fernandes d'Elvas (Canc. da Vaticana, n.º 219.)

Quem bem serve bem pede.
De *que bem serve,* sempr' oy dizer
que *bem pede,* mais digo-vos de mi,
pero qu'eu gram temp' a, bem servi
hua dona que me tem em poder,

que non tenho que por meu bem servir
eu razom ei de lhe por en pidir
o maior bem dos que deus quiz fazer.
Estevam da Guarda, (Ib. n.º 225.)

Quem passarinhos receia, milho não semeia.
Lá diz o vervo:
cá nunca semeou
milho quem passarinhos receou.
João Soares Coelho, (Ib., n.º 284.)

Servir a dous senhores.
E, amigo, queredel-o oyr:
nom podedes dous senhores servir,
que ambos ajam de vos gracir.
João Ayros, (Ib., n.º 613.)

Bom dia naçeu, com'eu oy,
quem se d'outro castiga e nom de sy.
Id., ib. n.º 615.

Se assy for, por mi podem dizer
que fuy eu a que semeou o sal.
Id., ib. n.º 620.

Quem leve vae, leve vem.
Foy-se o meu amigo d'aqui
sanhudo, porque o nom vi,
e pesar-m' ha; mays oy
huñ verv' antiguo, de mi bem
verdadeyr', e cá diz assi:
quem leve vae, leve x 'ar vem.
Pero de Bardia, (Ib. n.º 713.)

Do que muyto quer a pouco devêm.
E bem entendo que fiz folia,
e dizem verdade per hũa rem:
do que muyto quer a pouco devêm;...
Lopo Jograr, (Ib., n.º 705.)

De longas vias mui longas mentiras.
De longas vyas muy longas mentiras,

est'é vervo antigo verdadeiro.
cá huñ ric'ome achei eu mentireiro...
Nuno Fernandes Torneol, (Ib. n.º 997.)

Longe da vista, longe do coração.
E pero muy longe de vós vivi
nunca aqueste verv' antig' achei:
quam longe d'olhos, tam longe de coração.
Fernando Esquyo, (Canc. Vat., n.º 900.)

hum verv' antigo, con sanha que ha:
como lhi cantardes, bailemos a cá.
Ruy Queymado, (Canc. Vat. 997.)

e atende m'el des enton:
que *aquel é guardado*
que desguarda...
Piro da Ponte. (Canc. Vat. n.º 566.)

Quem leva o bayo não leixa a sela.
(Canc. *Colocci-Branc.* n.º 368.)

Castanhas exidas, velhas ao souto. — (Id., Canc. n.º 375.)
Sentage acabada, velhas ao souto. — *Reça* (Minho.)

se hũa vez assanhar me fazedes,
saberedes quaes peras eu vendo.
(*Colocci-Br.* n.º 364.)

Avuytre comestes, que adevinhades.
(Canc. Vat. n.º 321.)

Qual ric'omem, tal cavallo,
tal concelho tal campana.
D. Affonso Lopes de Baiam, (Ib., n.º 1082.)

Dos escarmentados se fazem os ardeyros.
Affonso Soares (Ib., n.º 1155.)

O que perdeu nos alhos quer cobrar nas cebolas.
Id. (Ibid., n.º 1156).

A boy velho nom lhi busques abrigo.
Marinha Crespa, sabedes filhar
en o paaço sempr' huũ tal logar,
en que am todos muy ben a pensar
de vós; e porem diz o verv' antigo:
a boy velho nom lhi busques abrigo.

Pero da Ponte, (Ib., n.º 1162.)

Coçar-se com a mão do peixe.
aquel que vos filhe nunca vos leixe,
e moura en por vós como'é razon,
et poys ficardes con el des enton
coçar-vos-edes com a mão do peixe.

D. Affonso Sanches, (Ib., n.º 25.)
(É tambem usado por Jorge Ferreira de Vasconcelos.)

B) Século XV

Diz o exemplo:
Dime com quem viveste, e direyte as manhas, que as.

D. João I, (Libro de Monteria, fl. 9 (na Bibl. Nac.).

Vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te farás.

Elrei D. Duarte, *Leal Conselheiro*, fl. 223.

Ante de feito, conselho; e depois esforço.

(Ib., p. 375.)

Toda cousa que se faz entre vós, guardada ordem e tempo se faça.

(Ib., p. 375.)

Donde muytos se perden e poucos se salvam, todos devem seer guardados.

(Ib., p. 224.)

Nom te fiees se nom queres seer enganado. (Ib., p. 258.)—

É imitação do italiano: *Non te fidare, si ne vuvi esser gabloto.* E tambem: *Che si fida rimane enganate.* El rei Dom Duarte alude à tradição italiana, dizendo: «aquele dito de Itallya».

Quem em hum peccado falece, em todos he culpado.
(Ib., p. 217.)

Quem fallece em hum pecado, em todos he digno de culpa.
(Ib., p. 132.)

Quem sua fama despresa, mesquinho he.
(Ib., p. 132.)

Quem teme a morte, perde o prazer da vida.
(Ib., p. 118.)

Quem teme a morte, perde quanto vive.
Ib. (Tradução dos Provérbios de Catão.)

C) Provérbios glosados

Qua se dissesse o que sey,
muyto papel gastaria
á custa de um senhor
que não quer bem ós que guastam;
e nam queiraes mais penhor,
porqu' *a bom entendedor*
poucas palavras abastam.
D. Martinho da Silveira, (Canc. ger. t. I, 441.)

Dizem que *os escarmentados*
que *se fazem dos arteiros:*
poys vós, mais dos mais penados,
namorado dos namorados,
que soffrestes taes marteyros,
Poys seus males todos vistes,
day ó demo este cuidado!
alembre-vos quem servistes

que fez vossos dias tristes,
amador muy desamado!
Duarte de Brito, (Canc. geral, t. I, p. 319.)

(Caça, guerra e amores)
por um prazer cem dores.
Aurique da Mota, (Canc. ger., III 473.)

D) **Marquez de Santillana**

(N. B. — Os seguintes anexins tirados dos *Refranes que dicen las viejas tras el fuego,* do **Marquez de Santillana,** são ainda hoje populares em Portugal).

A pão duro dente agudo.
Aonde te querem muito, não vades a meudo.
Antes que cases, cata o que fazes, que não é mal que assim desates.
Amor de menino, agua em cêsto.
A velhaco, velhaco e meio.
Asno morto, cevada ao rabo.
Arremenda o teu pano, chegar-te ha para todo o ano.
Asno de muitos, lobos o comem.
Para tudo há remédio, menos para a morte.
Paga o justo pelo pecador.
Chega-te aos bons e serás um d'eles.
Até ao lavar dos cêstos é vindima *(Al lavar de los cestos faremos la cuenta).*
Ao villão, dá-se-lhe o pé e toma a mão. *(Al judio, datle un palmo e tomará quatro).*
Ao homem pela palavra, e ao boi pelo côrno.
Assim se mete como o piolho por costura.
A bom entendedor poucas palavras.
A lá vam leis onde querem reis.
Tenhamos paz e morreremos velhos.
Digo-vol-o nóra; e entende-m'o sógra.
Antes quebrar que torcer.
Bem canta Martha depois de farta.
Boi solto lambe-se todo.
Viva a galinha com sua pevide.

Bezerrinha mansa, mama a sua e mama a alheia.

Tantas vezes vae o càntaro à fonte até que lá fica.

Cantar mal e porfiar.

Cabra vae pela vinha; qual mãe tal filha.

Calem barbas e falem cartas.

Carne, carne cria; e peixe, água fria.

Villão em casa de seu sôgro.

De longas vias, longas mentiras.

Dádivas quebrantam pênhas.

Do rio manso me guarde Deus, que do forte me guardarei.

Do contado come o lobo.

Deus me dê contenda (me mate) com quem me entenda.

Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens. *(Dime con quien andavas, é decirte-he que fablavas.)*

De hora em hora, Deus melhora.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes. *(Dá Deus fabas à quiem non tiene quéxadas.)*

Do pão de meu compadre uma bôa fatia a meu afilhado.

Disse a panela à certà: Arreda-te para lá, não me enfarrusques.

Nunca do rabo de pôrco bom virote.

De ruim a ruim, quem acomete vence.

Com raiva do asno virar-se á albarda. *(De que non pueden al asno, tornou-se al albarda).*

Amor, dinheiro e cuidado, não está dissimulado. *(Dineros é diablos no se pueden encobrir).*

Quem te dá um ôsso, não te quer ver morto.

O lobo faz pela semana, com que ao domingo não vá à missa.

O cão do moleiro, não come, nem deixa comer. *(El perro del ortelano, nin come las verças nin deja comer.)*

Em casa de ferreiro espeto de pao. *(En casa del ferrero, cochillo mangoneiro.)*

Comida feita, companhia desfeita. *(El pan comido, la compañia desfecha.)*

Não vêr tranca no seu olho, e vêr o argueiro no alheio. *(El corcobado non vêe la su corcoba sinon el agena.)*

Cada terra com seu uso.

Com teu amo não jogues as pêras, que êle come as maduras e dar-te-há as verdes. *(En burlas nin en veras con tu señor non partas pêras.)*

Quanto mais ricos, mais malditos. (Cintra).

«e tambem o dito que diz: *Por tua lei e Rey e grey morrerás.*

«E fallo isto, porque me lembram huns riffoens, que se dizem: *Bento he o barão...* e *Gato escaldado de agua fria tem medo;* e *Quem mete a mão entre duas pedras;* a amisade que se trata por acquirir alguma cousa: *A cousa acquirida, a amisade perdida.*»

Cartas sobre o caso do Duque de Bragança.
(Ap. Annaes das Sciencias e das Lettras, t. I, p. 415.)

Tempos havia para usar de coruja,
E outros tempos para usar como falcão.
(Dito de D. João II a Lopo de Figueiredo.
Ib. p. 561).

Quem adiante não olha atraz fica.

O Lobo e a Golpelha (*Vulpecula,* raposa) todos são de uma conselha.

Filho alheio, mete-o pela manga, e sair-te há pelo seio.

Filho és e pai serás, como vires assim farás (qual ficieres tal avrás.)

Foi Maria à fonte, e trouxe que contar todo o ano. (Fué la negra al baño e teve que contar un año.)

Faze bem, não cates a quem.

Mais vale um toma, que dois te darei. (Faré, faré; mas vale un toma, que dos te daré.)

Fui a casa da minha visinha e envergonhei-me; vim para minha casa e remediei-me. (Fuy á mi vecina é envergonceme; volvi á mi casa é consoléme.)

Graeiro a graeiro, enche a galinha o papeiro.

Gato miador, nunca bom caçador.

Graças a minhas mãos; que a vontade de Deus bem conhecida era.

A mulher e a sardinha, quer-se pequenina. (La muger é la sardina, de rastros en el fuego.)

O que fôr soará.

A minha terra é aonde me vai bem. (La tierra que me sé, por madre me la he.)

Uma mão lava a outra, e ambas lavam o rosto.

O que o bêrço dá, a tumba o leva. (Lo que en la leche se mama, en la mortaja sale.)

O que a loba faz, ao lobo apraz.

Quem diz a verdade, não janta cá hoje.

Ralham as comadres, descobrem-se as verdades. (Mal me quieren mis comadres, porque digo las verdades.)

Muitas festas danam a noiva.

Morra Martha, morra farta. (Muera gata, é muera farta.)

Atraz de mim virá, quem bom me fará. (Male vena, que bueno te fará.)

Mais vale um passaro na mão, que dois a voar. (Mas val paxaro en mano, que buaytre volando.)

Mais sabe o tolo no seu, que o avisado no alheio. (Mas sabe el loco en su hacienda, quel cuerdo en la agena.)

Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.

Quem muito fala pouco acerta.

Mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.

Mata, que el rei perdôa. (Dito de D. João II).

Medo guarda vinha, que não vinhateiro.

Muitos são os amigos e poucos os escolhidos.

Antes magro no mato, que gordo no prato. (Mas vale flaco en el mato, que gordo en el papo del gato.)

Morto é o afilhado por quem tinhamos o compadrado.

Morra Sansão e quantos aqui estão.

Madrasta, o nome lhe basta. (Nem de pasta.)

Mais dá o duro que o cru.

Mal de muitos, goso é.

Parentes, são os dentes. (Mas caros tengo mis dientes, que mis parientes.)

Falar no máo, aparelhar o páo.

Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

Não vou lá, nem faço minga.

O diabo não é tão feio como o pintam. (Non es tan bravo el Leon como le pintan.)

Mijar à parede. (Nen son todos omes los que mean á la paret).

O bem é conhecido só depois de perdido.

Não é pelo ovo, mas é pelo fôro.

Não há peor surdo, como o que não quer ouvir.

Ouro é o que ouro vale.

O sr. João da Cunha, obra feita dinheiro na unha. (Obra fecha, dinero espera.)

O rabo é peor de esfolar. (Ob... aun el rabo está por desollar.)

Cada pôrco tem o seu San Martinho.

Palavras leva-as o vento.—Palavras e plumas o vento as leva.

Pedra movediça não cria musgo.

Quem tem boca vae a Roma.

Quem adiante não olha, atraz fica.

Quem compra e mente, na bolsa o sente.

Quem engana o ladrão tem cem anos de perdão. (Quien burla al burlador, cient dias gana de perdan.)

Brigam dois homens se ambos querem. (Quando uno no quiere, dos non baraxan.)

Quando te derem o bacorinho, bota-lhe logo o baracinho. (Quando te dieren la vaquilla, corre con la sóguilla.)

Quem cospe para o ár, na cara lhe cae. (Quien al cielo cuspe á su cara le cae.)

Quem ama a Beltrão, ama o seu cão.

Quem tem rabo não se assenta. (Quien su rabo alquila, non se asienta quando quiere.)

Quem tem dinheiro faz tudo o que quer.

Quem não pede não o ouve Deus.

Debaixo da ruim capa, está o bom bebedor.

Vão-se os aneis e fiquem os dêdos. (Si os perdieron los anillos, aqui fincaron los dedillos.)

Se Maria bailou, tome o que ganhou. (Si Marina bayló, tome lo que falló). Vid. *Chr. de Condestavel.*

Corno e aperreado. (Sobre cuernos penitencia.)

Quanto tens tanto vales.

Tu que não podes, leva-me às costas.

Uma andorinha só não faz verão.

Usa e serás mestre (Uso face maestre.)

Uma no papo e outra no saco.

Raposa que muito tarda, caça aguarda.

§ II

Anexins do século XVI

De Jorge Ferreira de Vasconcelos — Gil Vicente — Sá de Miranda — Gonçalo Fernandes Trancoso — António Ribeiro Chiado — António Prestes — Vários.

A) Anexins de Jorge Ferreira

a) Da Comédia ULYSSIPO

Honra e proveito não cabem n'um saco.

«Pera mim seguro tenho gasalhado em muitos que agora se inclinam as minhas artes de *proveito*, antes que as da immortal *honra;* porque diz, *que não cabem em hum saco.*»

Jorge Ferreira, *Ulyssipo,* prol. fol. 4 v.

Mais vêem quatro olhos do que dois.

«Quereis ora que vos diga, mulher? *Mais vêem quatro olhos do que dois.* Essa vossa confiança nada me contenta; etc.»

Id. ib. fol. 4 *v.*

Nem tudo o que diz o pandeiro é vero.

«Praza a Deus que seja como vós dizeis; mas duvidam doutores, e *nem tudo o que diz o pandeiro é vero.*»

Id. ib. fol. 5 edic. 1618.

A la larga, o galgo a lebre mata.

«E neste negocio de amor, se a porfia é sobeja, e a resistencia fraca, pouco tempo se conserva a virtude: a la larga, o galgo a lebre mata.»

Id. ib. fol. 5 (Vid. Santillana).

As cousas duras quebrantam-se com ferro,
E as molles desfazem-se com os dedos.

«E nunca outra cousa vêmos cada dia, senão baratarem as filhas os fundamentos dos paes, por leve gosto proprio: que *as cousas duras quebrantam-se com ferro, e as molles desfazem-se com os dedos.*»

Id. ib. fol. 5 *v.*

Pela semana faz a raposa com que não vae ao domingo á missa.

(Nas egrejas ruraes, quando se mata alguma raposa leva-se para a porta da egreja, no dia da missa, e ali

se dão esmolas ao que a matou.) — «Assim o creio eu, que *pela semana faz a raposa com que não va ao Domingo á missa.*»

Id. ib. fol. 5 *v*

Conhecer culpa é estrada de emenda.

Id. ib. fol. 5 *v*.

Quem porfia mata caça.
A continua goteira faz signal na pedra.

«Tão provido é o espirito namorado; e d'esta maneira arranhava tudo, porque *quem porfia mata caça*, e *a continua goteira faz sinal na pedra.*»

Id. ib. fol. 6.

Inda que muda a pelle a raposa,
Seu natural não despoja.

«D'ahi ficastes vós tão virtuoso, que *ainda que muda a pelle a raposa, seu natural não despoja.*»

Id. ib. fol. 6.

A verdade amarga e a mentira é doce.

Id. ib. fol. 6 *v*.

O uso é mestre de tudo.
Usa e serás mestre.

«Vós, senhora, se me quereis vêr como experimentado, pois *o uso é mestre de tudo.*»

Id. ib., 6 *v*.

Da mata sae quem a queima.

«Tudo ousam, e cometem por cumprirem com uma necessidade, donde se disse: *Da mata sae quem a queima.*»

Id. ib. fol. 6 *v*.

Coruja de serão — agua na mão.

«Mais vos aviso, como virdes escrava ou criada vossa cuchichar com vossa filha de amisade: *coruja de serão, agua na mão,* crêde que aí jaz o negocio, ou se vol-a desculpa sempre de seu máo serviço.»

Id. ib. id. fol. 7.

Acordar o cão que está dormindo.

«humas graciosas que soltam despejos deshonestos por *acordar o cão que está dormindo,* como nisso antrevem especial gosto e conversação, não pode ser bom, nem seguro, antes tem muito certo o perigo ou azo d'elle.»

Id. ibi. fol. 7, fol. 13.

Melhor se resiste á força dos máos, que á conversação.

«Evitae portanto taes conversações em apartando, porque *melhor se resiste á força dos máos que á conversação.*»

Id. ib. id. fol. 7.

Dize-me com quem tratas,
Dir-te-hei as manhas que has.

Id. ib. fol. 7.

No prevêr d'ante-mão está o acertar.

«Por maneira que em tudo haveis de trazer o olho, que no *prever d'antemão está o acertar;* porquanto, quasi sempre falta o bom conselho, quando se torna forçado no perigo do negocio que se consulta.»

Id. ibid. fol. 7.

O bem apercebido está meio combatido.

Id. ibid. fol 7.

Trazer agua no bico.

«E ainda hũa irmã com outra tratarem puridades e risos não entendidos continuamente, *traz muita agua no bico.*»

Id. ibid. fol. 7.

Nunca te vejas julgado de teus inimigos.

Phyl. — Certamente que os homens, parece que não estudaes senão em cuidar, suspeitar e inventar males da innocencia das mulheres.

Uly. — E ellas em contraminar nossos contos, e apurar nossas suspeitas.

Phyl. — Por isso dizem bem: *Nunca te vejas julgado de teus inimigos.*

Id. ibid. fol. 7 *v.*

A doçura tira nôjo.
E a cordura abre olho.

«Ora olhae pelo virote, que *a doçura tira nojo e a cordura abre o olho:* não vos descuideis de cousa que requere tanto cuidado.»

Id. ib. fol. 8.

A mais certa alcoviteira que filhas têm
E' sua propria mãe.

«e a vós culpas suas vos parecem rosas; d'onde acontece muitas vezes, que *a mais certa alcoviteira que filhas têm he sua propria mãe.*»

Id. ib. fol. 8.

Siso em prosperidade,
Amigo em adversidade,

Mulher rogada, casta?
Raramente se acha.

Ib. ib. fol. 9.

Pouco fel faz amargo muito mel.

«E sabeis que cousa é embicar em alguma culpa, ou nodoa de má suspeita? *pouco fel faz amargo muito mel;* e com muitas obras boas nada se merece com o mundo, e com uma má desmerece-se tudo porque:

De pequena bostella
Se levanta grande mazella.

Id. ib. fol. 9.

Não vêjo mata donde lobo saia.

«eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas, e bem descuidadas do mundo, *não vejo mata donde lobo saia;* passa a semana que não lavam rosto, nem prègam alfanete.»

Id. ib. fol. 9.

Cada bufarinheiro louva suas agulhas;

«Todavia sois mãe, cuidaes que é bom tudo o que ellas fazem; crédes-lhe tudo o que vos dizem, e *cada bufarinheiro louva suas agulhas,* e isto basta.»

Id. Ib. fol. 9 *v.*

A pôrca ruiva, o que faz isso cuida.

«Mal peccado; por vossos bons feitos julgaes vós os alheios, que *a porca ruiva, o que faz isso cuida.*»

Id. ib. fol. 10 *v*.

A quem peneira e amassa,
Não furtes a fogaça.

«Nem mais nem menos *a quem peneira e amassa não furtes a fogaça.*»

Id. fol. 10 *v*.

Do ruge ruge se fazem as cascaveis.

«E como *do ruge ruge se fazem as cascavais*, nada me agradam estes rodeios.»

Id. ib. fol. 10 *v*.

Quando o rio vae cheio, todos os caminhos vão dar á ponte.

Os que namorados são,
No passear se conheceram.

Id. ib. fol. 11.

Asno desovado, de longe aventa as pêgas.
A burro velho, não buz, buz.

Id. ib. fol. 11.

Bèsteiro que mal tira
Prestes tem mentira.

Coração sem arte
Não cuida maldade.

«Vós cuidaes que não ha mais mundo, que o que as vossas filhas dizem? e ellas nunca vos fallam verdade: porque, *besteiro que mal tira, prestes tem mentira:* vós sois com ellas, *coração sem arte não cuida maldade...*»

Id. fol. 11 *v*.

Por um cabellinho
Se pega fogo ao linho.

«Criaste e não castigaste, não creaste, e como já digo, valei-vos dos principios que *por um cabellinho se apega o fogo ao linho.*»

Id. ib. fol. 11 sg.

Pequeno machado derruba grande carvalho.

Pequeno azo faz grande dano.

Qualquer começo é mui perigoso: *pequeno machado, etc.*
Id. ib. fol. 11 *v.*

Pela vigilia se conhece o dia santo.
«Nos seus exercicios e occupações entendereis seus pensamentos, que *pela vigilia se conhece o dia santo.*»
Id. ib. fol. 11 *v.*

Bento é o varão
Que per outro se castiga e per si não.
«Não soffraes em vossa casa o que reprehendeis na alheia, que *bento é o varão que per outro se castiga, e per si não*».
Id. ib. fol. 11 *v.*

Onde fogo não ha, fumo se não levanta.
Id. ib. fol. 11 *v.*

A mulher muito louçã,
Dar-se quer á vida vã.

Pela listra se conhece a touca.

Fazei vós o que bem digo, e não o mal que eu faço.
Id. ib. fol. 12.

A raposa ama enganos,
O lobo cordeiros,
E a mulher louvores.

Do muito desejado é difficil a guarda.
Ninguem tem filhos sem cuidados.
Id. ib. fol. 62.

Beba cada um o vinho e não beba o siso.
«E quereis, se um vilão ruim não tem cabeça nem vergonha, que o imite eu? quereis ora que vos diga? *beba, etc.*
Fol. 14.

Aquelle andará pelas calejas
Que não ha egual renda com as despezas.

«E sabeis que dizem os velhos? *Aquelle andará etc.*»
Fol. 14.

Arrobas não são quintaes,
Nem as cousas são eguaes.

Quem se empena e não tem pena,
Depois se depena, e vive em pena.

Quem a si mesmo não conhece,
Vivendo desfalece.

Ninguem se contenta do seu estado.

Id. fol. 14 *v.*

Costume-se cada hum á sua sorte,
Não se queixará d'ella.

«Por isso disse Seneca: Toda a vida é serviço, *costume-se cada um á sua sorte não se queixará d'ella.*»
Id. ibid. fol. 15.

Não queiras perder o siso
Pelo doudo do teu visinho.

«Como é certo para com fracos juizos serem culpas louvores. Quão pouco sabeis de açor. Como vos não dá de quem hade pagar por todos! Nunca ouvistes? *Não queiras, etc.*»
Id. ib. fol. 15.

Não ha gentileza que chegue á da mulher desinfeitada.
E assás vestida é a bem acostumada.

Jorge Ferreira, *Ulyp.* fol. 150. «*E eu assim digo,* não ha gentileza, etc.»

Casa-te a teu contentamento
Que não é nó que se desata levemente.

Id. ibid. fol. 16 *v.*

Nunca ninguem diga d'esta agua não beberei.

«E encomenda-se a Deus, não lhe caia em casa: *nunca ninguem diga, d'esta agua etc.*»
Id. ibid. fol. 17.

Por demais é a decoada
Na cabeça do asno pardo.
Id. ibid. fol 18 *v*.

A mulher e a gallinha
Por andar se perde asinha.
Id. ib. fol. 18 *v*.

Cantaro que vae muitas vezes á fonte
Ou deixa a aza ou a fronte.
Id. ib. fol. 18 *v*.

Dize-me antes que t'o diga.
Id. ib. fol. 19.

Casareis e amançareis.
«Coitados de nós que sômos asnos para levar a carga que nos põem. Não debalde se diz: *Casareis etc.*»
Id. ib. fol. 19.

Carneiro filho de ovelha
Não erra quem o semelha.
Id. ib. fol. 19 *v*.

Mal vae quem má fama cobra.
Id. ib. fol. 19 *v*.

Fez-nos Deus e maravilhou-se;
Quem gabará a noiva!
Id. ib. fol. 19 *v*.

D'ahi vem a tosse ao gato.
Id. ib. fol. 20.

Lazera o justo pelo peccador.
Id. ib. fol. 20.

Al cuida o bayo, e al quem o sella.
Id. ib. fol. 24 *v*.

A pão duro — dente agudo.
Id. ib. fol. 21 *v*.

Como o burro do Vicente
Cada feira val menos.
Id. ib. fol. 21 *v*.

Comadres e vizinhas
A revezes hão farinhas.
Id. ib. fol. 22.

Obras são amores, que não bonas razones.
Bom amigo é o gato, senão que arranha.
Não são tantas las vozes como las nozes.
Id. ib. fol. 22 *v*.
} Id. fol. 22.

A quem o demo tomou uma vez sempre lhe fica um geitinho.
Id. ibid. fol. 22 *v*.

Cantar mal e porfiar.
Id. ib. fol. 22 sg. (Tral-o Dom Francisco Manuel de Mello, nas *Segundas Tres Musas* . . .

Tiradas os azos, tirados os pecados.
Id. ibid. act. 1, sc. 2, fol. 23.

Ninguem por confiança de virtude se offereça a perigos.
Id. ib. fol. 23.

Quem se guardou não errou.
Id. ib. fol. 23.

Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.
Id. ib. fol. 23.

Quando Deus não quer, santos não rogam.
Id. ib. fol. 23.

Mais pode Deus ajudar,
Que velar e madrugar.
Id. ib. 23 sg.

Mais vale quem Deus ajuda,
Do quem muito madruga.
(Oral.)

A mulher que não vela,
Não faz larga tella.
Id. ib. fol. 23 *v*.

O lavor a Judia,
Endereçado de noite, e dormir de dia.
Id. ib. fol. 23 *v.*

A mulher de bondade,
Outrem fale e ella cale.
Id. ib. fol. 23 *v.*

Quem cospe para o céo na cara lhe cáe.
Id. ib. fol. 23 *v.*

O rir e folgar não é peccado.
Id. ib. fol. 24.

Onde ha muito riso
Ha pouco siso.
Id. ib. fol. 24.

O que é bom para o figado
É máo para o basso.
Id. ib. fol. 24.

Bom é missar, e a casa guardar.
Id. ib. fol. 24.

De lá nos venham as pedras d'onde estão os nossos.
Id. ib. fol. 24.

Não te assanhes com a cantiga
Que não t'a dá teu imigo.
Id. ib. fol. 24.

O farto de jejum
Não tem cuidado algum.

Pouco dá o farto pelo faminto.

Com o que Pedro sara, Paulo adoece.

Tudo se estima como se julga.

Onde Deus está onde estava.

A mulher que muito mira
Pouco fia.

} Id. fol. 24 *v.*

Quem bem nega, nunca se lhe prova.

A mulher que é boa
Prata é que muito sôa.

Gato damnado
Muitas vezes julga por doce a agua.

Fol. 25.

De ruim cabeça nunca sae bom conselho.
Id. fol. 25 sg.

Ao marido serve como amigo
E guar'te d'elle como imigo.

Mêdo guarda vinha que não vinheiro.

O bem sôa e o mal vôa.
Antes morte que vergonha.

Fol. 26.

De porta cerrada o diabo se torna.
Uma hora cáe a casa, que não cada dia.
O que vosso fôr, á mão vos virá.
Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

Id. ib. fol. 26.

Este anexim completa-se com o seguinte:
«Tendo verga e tempo».

Erros de filhos são culpas de mães.

Tempo á chóca,
E tempo a quem a joga.
Ib. fol. 26.

Nem com toda a sêde ao cantaro
Nem com toda a fóme ao cêsto.

Mal haja o ventre
Que o bem não lhe vem em mente.

Quem não olha ao diante, atraz se acha.

Di'me com quem passes
Dir-te-hei o que fazes.

Fol. 27.

Quem com farellos se mistura
Máos cães o comem.

Ninguem vê o argueiro no seu olho, senão no alheyo. } Fol. 27.

Falar do arnez e nunca o vestir, todos o fazemos.
Id. fol. 27 *v*.

O que faz o louco á derradeira,
Faz o sabio á primeira.

Quem dos seus se aleixa
A Deus leixa. } Fol. 28.

Ninguem é muito fiel a quem teme.
Ib. fol. 28 *v*.

Chega-te aos bons, serás um d'elles.
Ib. fol. 28 *v*.

Quem á boa arvore se arrima
Bôa sombra o cobre.

O costume faz nova natureza.

Perdida é a decoada
Na cabeça do asno pardo.

Quem de sandice adoece
Tarde ou nunca guarece. } Fol. 28 *v*.

Não he o demo tão feio como o pintam.

Toda coisa quer seu tempo
E as malvas seu aduento.

A seu tempo nem as uvas,
Quando são maduras.

Se pepinos dessem em dezembro ninguem os comeria. } Fol. 29.

Quem máo pleito tem, a vozes o defende.

Fol. 29.

Quem com damas anda,
Sempre chora e não canta.

Os máos costumes e a emperrada
Quer-se quebrada.

Quem com muitas pedras bate
Em uma se fere.

Quem muitas estacas tomba
Alguma se lhe hade quebrar.

Quem ao deante não cata,
Atraz cáe e malbarata.

Fol. 29 *v.*

Amor com amor se paga.

«Pois todas as almas humanas pretendem seu prémio ou outra coisa, salvo amor que não se paga senão com amor.»

Id. ib. fol. 29 *v.*

Tal cabeça, tal siso.

Ib. fol. 30

Quem não fala não no ouve Deus.

Id. ib. fol. 32.

O casamento é bom de fazer,
Mas quem o hade mantêr
Muito hade saber.

Ib. fol. 32 *v.*

Quem em ruim logar põe vinha
A cortar a tira.

Ib. fol. 32 *v.*

Nem tanto amen, que se damna a Missa.

Id. ib. fol. 32 *v.*

Como a cêra é sobeja
Logo queima a Egreja.

Ib. fol. 32 *v.*

Enfeitae o cêpo Parecer-vos ha mancebo. A quem hasde rogar, Não has assanhar. Quem mais quer que bem, A mal vem.	Id. ib fol. 33.
Quem bem tem e mal escolhe, Por mal que lhe venha não se anoje. Tal te dizem, tal coração te fazem. Quer em jogo, quer em sanha, Sempre o gato mal arranha.	Fol. 33 *v.*
Quem mal e bem não pode soffrer A grande honra não pode vir ter. Todo o mal é de quem o tem. Se mal fizeres, para ti o farás. Quem comsigo se conselha, Comsigo se depena. Hajamos paz, morreremos velhos.	Fol. 34.
Em bocca cerrada não entra môsca. Quem muito fala, d'ella dana. A palavras loucas Orêlhas moucas. Ao doudo e ao touro Dar-lhe côrro. O que se pede, não se alcança de graça.	Id. ib. fol. 34.

Todo o mundo vê o argueiro no olho alheyo e no seu não vê traves. Ib. fol. 34 *v.*

Andar o carro adiante dos bois.

«Mas os velhos d'agora querem ser mancebos, e *anda* assim o demo ás véssas, *e o carro ante os bois.*»

Id. ib. fol. 34 *v.*

Va-se o demo para o demo,
E venha Maria para casa.

Id. fol. 34 *v.*

Pago-me eu do meu amigo,
Que come o seu pão comsigo
E o meu commigo.

Fol. 34 *v.*

Não dá quem tem,
Senão quem quer bem.

Ib. fol. 35.

Quem te dá o ôsso
Não te queria vêr morto.

Quem faz o que pode não é mais obrigado.

«Cada um accude com o que tem e pode, que não he mais obrigado; etc.»

Id. ib. fol. 35.

Quem nunca se aventurou,
Nunca perdeu nem ganhou.

Fol. 35 *v.*

A experiencia é mãe das cousas.
Dos experimentados se fazem os arteirados. } Fol. 36.

Jura má sobre pedra vã.

Id. fol. 36 *v.*

De mulher que perdeu a vergonha não espereis bom feito.

Id. ib. fol. 36 *v.*

Para nunca mais perro al molino.

Id. ib. fol. 38.

Com raiva do asno tornar á albarda.

Id. ib. fol. 38 *v.*

Dar couces contra o aguilhão.
Id. fol. 38 *v*.

Em quanto o mar bonança, todos são bons pilotos.
Id. ib. fol. 40.

Animo livre não tem o corpo sujeito.
Id. ibid. fol. 40.

Da mulher te guarda,
E da bôa não fies nada.

Cães que lobos matam,
Lobos os matam.

Cada um paga por onde pecca.

Fol. 40 *v*.

Tal a mãy tal a filha.

De mala berenjena, nunca buena calabaça.

Fol. 42.

Tomar o ferro caldo.
Id. ib. fol. 42 *v*.
(Phrase do tempo em que se fazia ordalio.)

Boi solto delambe-se todo.
«Bem dizem que não tem preço ser livre, que *boi solto delambe-se todo.*»
Id. ib. fol. 44.

Nunca te vejas julgado de quem te mal quer.
Id. ib. fol. 44 *v*.

Mal prolongado,
Morte em cabo.

Por bem fazer, mal haver.

Nace toda a creatura
Com sua ventura.

Id. fol. 44 *v*.

A um falso dois trèdores.
Id. ib. fol. 45.

Mais asinha se toma o mentiroso, que o coxo.

Quem te não ama, em jogo te difama.

Quem pode ser todo seu
E fôr d'outro é sandeu.

Por me fazer mel comeram-me as moscas.

Fol. 45.

Quem mal cae, mal jaz.

Quem crê de ligeiro
Agua recolhe num cesto.

Quem prestes se determina
De vagar se arrepende.

Se Maria bailou
Tome o que ganhou. (Vid. *Chronica do Condestavel.*)

Esquivança aparta amor.

Não cries gallinha hu raposa mora,
Nem crêas lagrimas de mulher que chora.

A máo capellão
Máo sacristão.

A má chaga, má herva.

Quem me não crê, verdade me não diz.

Fol. 45 *v.*

Cada dia peixe, amarga o caldo.

Quem te quer bem, na boca lh'o sentes.

Lá te vae ganho, não me dês pêrda.

Quem seu cão quer matar
Diz que raiva lhe põe nome.

O cão com raiva
Do seu dono trava.

Fol. 46.

Quem mais não pode
Morrer se deixa.

Em casa de ladrão, não falar em baraço.

Se mal me dizes, mal te venha. — Fol. 46.

Algum dia a minha pereira terá pêras.
Quem mais me dá, mais meu amigo he. — Fol. 46 *v.*

Viva quem vence.

A outro perro com esse osso.

Pela boca morre o peixe,
E a lebre tomam-na a peito. — Fol. 47.

Se uma vez perco a vergonha,
Vezo ponhas, que não tolhas.

Os ameaçados pão comem.

Ladre-me o cão e não me morda. — Fol. 47 *v.*

Por um cravo se perde uma ferradura;
Por ela um cavalo, e por um cavalo um cavaleiro,
Por um cavaleiro um campo e por um campo um reino.
Id. fol. 48.

Com teu senhor não jogues as pêras.

Não esteis dize tu direi eu,
Que de calar ninguem se arrependeu.

Quando um não quer dois não baralham

Fala bem não ouvirás mal.

Tão bom é Pedro como seu amo. — Fol. 48.

Quem não deve não teme.

O louco pela pena é côrdo. — Fol. 48 *v.*

O que perde o mez, não perde o ano.

O que se não faz em dia de Santa Luzia
Faz-se n'outro dia.

Fol. 49.

A chaga do amor, quem a faz a sara.
Id. ib. fol. 49.

Renzilha de S. João, paz para todo o anno.
Id. ib. fol. 49.

Ruin sea quien por ruin se tiene.
Id. ib. fol. 50.

Quien no se alaba de ruin se muere.
Id. ib. fol. 50.

Ni el imbidioso medrou
Ni quien cabe el morrou.
Id. ib fol. 50.

Filho alheio,
Braza em seio.
Id. fol. 50 *v*.

Inda que seja tôsca
Bem vejo a mosca.
Id. ib. fol. 52.

De cossaris a cossaris se perdem os barris.
Id. fol. 56 *v*.

Um dado máo duas mãos suja.
Id. ib. fol. 56 *v*.

Serve senhor nobre
inda que pobre.
Id. fol. 56 *v*.

Um mestre de más artes basta a corromper um lado.
Id. fol. 57.

De rabo de porco nunca bom virote.
Id. ib. fol. 58 *v*. Vid. Camões, Disparatesda Indi.

No bravo mar a tempos se acha bonança.
Id. fol. 61.

Não é pobre senão quem se tem por pobre.
Id. fol. 67 *v.*

A avareza é summa baixeza.
Ib. fol. 61 *v.*

Não é rico o que tem muito,
Senão o que se contenta.
Ib. fol. 62.

Do cobiçoso ninguem é amigo.
Ib. fol. 62.

Mal vae ao rato
Que não sabe mais que um buraco.
«e mais fal-o-hei d'aqui em diante, porque não seja como *o rato que não sabe mais que um buraco,* que se êste me não quer, êste outro me roga.»
Ib. folh. 62.

Se uma porta se cerra, outra se abre.
Não vende quem não tem quê.
Não ha rio que não vá ter ao mar.
Ib. fol. 62.

A máo bacoro boa lande.
Ib. fol. 62 *v.*

Sirvo-te para que me sirvas,
Que não és santo que se adore.
Quem não dá o que deve
Não ha o que quer.
Fol. 62 *v.*

Quem mais vive mais sabe.
Ib. fol. 63.

Nenhuma cousa é tão barata, como a que se compra.
Id. ib. fol. 63.

Veste-te do teu e chama-te meu.

Nunca fies nem porfies,
E' a melhor regra que vistes.

Mais vale um avache,
Que dois te darei.

Mais vale um passarinho na mão,
Que dois que vão avoando.

Fol. 63.

O abbade d'onde canta
D'ahi janta.

Ib. fol. 63 (Usado por Camões no *Filodemo.*)

Conta de perto, amigo de longe. *(Contas do Porto).*

Ib. fol. 63 *v.*

Não quero bácoro com chocalho.

A verdade Deus a amou.

Fol. 66.

Foi Maria ao banho,
Teve que contar todo o anno.

Ib. fol. 67.

Pão comesto, companhia desfeita.

Ib. fol. 67.

Quem não conhece que erra
Não soffre ser emendado.

Ib. fol. 67. *v.*

Quem hade fazer do seu proveito
Hade soffrer a pêrda do seu geito.

Ib. fol. 67 *v.*

Não é pelo ovo,
Senão pelo fôro.

Fol. 68.

Quem tem vontade, não conhece razão.

Ib. fol. 68.

Quem morte alheia espera
Longa soga tira.
Ib. fol. 69 *v.*

Não cuides que sabes por ti,
Que esse é o maior perigo dos perigos.
Ib. fol. 68 *v.*

Mais sabe o sandeu no seu,
Do que o sabido no alheio.
Ib. fol. 70.

Casou Maria com Pedro,
Casamento negro.
Ib. fol. 70.

Quem bem sê, não se levante.
Id. fol. 70 *v.*

Antes quero asno que me leve,
Que carvalho que me derrube.
Id. fol. 70 sg. (Este Anexim serviu de thema á farça de Gil Vicente intitulada *Inez Pereira,* em 1523.—Na *Côrte na Aldea,* tambem é citado por Rodrigues Lobo.

Arrenego da tegellinha de ouro em que heide cuspir sangue.
Id. fol. 70 *v.*

Mais vaie só, que mal acompanhado.

Antes cabeça de gato,
Que rabo de leão.

Quanto menos fortuna, menos trabalho.

Ninguem subiu que não caísse.

Ande eu quente
E ria-se a gente.

Amores e doces,
Com pão são bons.

Não se ganham truitas
A bragas enxutas.
Fol. 70 *v.* 95.

Mais vale pouco que nada.

Grão e grão, enche a galinha o papo.

A pouco e pouco,
Fia a velha o copo.

Jurado tem as aguas,
Não fazerem das negras alvas.
Fol. 71 *v.*

Se um ruim nos vae da porta
Outro vem que nos conforta.

Quem primeiro anda
Primeiro manja.

Onde amor não entra
Não pode haver fastio.
Id. fol. 72 *v.*
Não sejas priguiçoso
Não serás desejado.

O louvor da virtude está na obra.
Fol. 73 *v.*

Do pão do meu compadre
Grande pedaço a meu afilhado.
Id. fol. 76 *v.*

Boa guerra faz a boa paz.
Id. fol. 77.

Quem pouco sabe, pouco teme.

A doçura de proveito
Tolhe a dor ao dano.

Obras más desacreditam boas palavras.
Id. fol. 80.

Não pode dormir seguro coração receoso.
Id. fol. 81.

Quem melhor dita tiver a Deus agradeça.
Id. ib. fol. 82.

Quem achar remedio primeiro
Ajude parceiro.
Id. ib. fol. 86.

Quem de uma escapa cem annos vive.
Id. fol. 89.

Bom esforço espalha má ventura.
Id. fol. 91 *v*.

Tanto dá a agua na pedra até que quebra.
«Que coisa ha mais dura que o seixo, nem mais molle que a agua? pois já amostrei que tanto dá etc.
Id. fol. 92.

Onde a galinha tem os ovos
Lá se vão os olhos.
Id. fol. 94.

A seu tempo se colhem as uvas, quando são maduras.
Ib. fol. 25.

Inda não selamos, já cavalgamos.
Ib. fol. 95.

Medo hei, bom não serei.
Ib. fol. 95 *v*.

De lá nos venham as pedras d'onde estão os nossos.
Ib. fol. 95 *v*.

Melhor é divida velha, que peccado novo.
Ib. fol. 96.

Emquanto a pedra vae e vem, Deos dará do seu bem.
Ib. fol. 96 *v.*

O que não se faz em dia de Santa Luzia
Faz-se em outro dia.
Ib. fol. 96.

Ama el-rei a treição
E o trèdor não.
Ib. fol. 100.

Arrenego da tigellinha de ouro em que hei-de cuspir o sangue.
Ib. fol. 100.

O que quizeres negar não o dês por escripto.
Ib. fol. 100 *v.*

Antes que casar, cata que fazes,
Que não é nó que desates.
Ib. fol. 102.

Muita monda e pouco grão.
Ib. fol. 102 *v.*

Depois de morto, cevada ao rabo.
Ib. fol. 108.

A fiuza de parentes cata que merendes.
Ib. fol. 112.

Diz a caldeira á sertam:
Tir-te-lá não me luxes.
Ib. fol. 113.

Bem canta o francez molhado o papo.
Ib. fol. 113 *v.*

A palavras loucas, orelhas moucas.
Ib. fol. 120.

Judeu morreu meu pae, judeu quero morrer.
Ib. fol. 132.

Quem porcos acha menos, a cada monta lhe roncam.
Ib. fol. 133.

Onde te querem muito não vas a meudo.
Ib. fol. 133.

Quem mais pouco podér vá debaixo.
Ib. fol. 133.

O palreiro faz o seu amigo mudo.
Ib. fol. 133 *v.*

Não vae por aí o gato ás filhós.
Ib. fol. 133 *v.*

Quem merca e mente na bolsa o sente.
Ib. fol. 134.

A teu avogado e a teu abbade
Sempre dize verdade.
Ib. fol. 134.

D'onde esperança homem não tem
A's vezes lhe vem bem.
Fol. 134.

Nos mais velhos está o bom conselho.
Ib. fol. 134 *v.*

Máos juizos nunca faltam.
Ib. fol. 135.

Se queres ser bom juiz
Escuita o que cada um diz.
Fol. 135.

A boa palavra, em toda a parte cem soldos vale.
Ib. fol. 135 *v.*

Quem fogo quer e chove, a unhas o descobre.
Ib. fol. 136 *v.*

Quem te não roga, não lhe vás a bôda.
Ib. fol. 139.

Quem tôrto nasce, tarde se endireita.
Ib. fol. 148.

Quando Deus não quer, santos não rogam.
Ib. fol. 148.

A mãe e a filha por dar se fazem amigas.
Ib. fol. 152.

Da má mulher te guarda e da boa não fies nada.
Ib. fol. 153 *v.*

Bôcca que diz não diz sim.
Ib. fol. 153.

Quem primeiro anda, primeiro manja.
Ib. fol. 154 *v.*

Dá nó, e não perderás ponto.
Id. fol. 157 *v.*

Cada terra com seu costume.
Id. fol. 158 *v.*

Mal vae a raposa quando anda aos grillos.
Id. fol. 164 *v.*

Quem se bem estreia, bom anno lhe venha.
Id. fol. 164 *v.*

Como tangerdes, assim vos bailarão.
Id. fol. 165.

De largas vias, largas mentiras.
Id. fol. 165 *v.*

Pintar como querer.
Id. fol. 165 *v.*

Quem me quer bem,
Diz-me o que sabe,
Dá-me do que tem.
Id. fol. 166.

Não dá quem tem,
Senão quem quer bem.
Id. fol. 166.

Mais vale um toma, que dois te darei.
Id. fol. 169.

Escusa de máo pagador.
Id. fol. 167.

Dadivas quebrantam penhas.
Id. fol. 169 *v*.

Quem mais mete na barca, mais saca.
Id. fol. 169 *v*.

Quem não dá o que tem, não há o que quer.
Id. fol. 169 *v*.

Tal cabeça, tal sizo.
Id. fol. 169 *v*.

Amor com amor se paga.
«Diz o Castelhano: Se quereis amor, amae; e cá dizemos: *Com amor se paga amor.*»
Id. fol. 170 *v*.

Em ruim gado não ha que escolher.
Id. fol. 170 *v*.

Tal é o demo como sua mãe.
Id. fol. 170 *v*.

Quem feio ama formoso lhe parece.
Id. fol. 171.

O bom dia metel-o em casa.
Id. fol. 172 *v*.

Folguemos emquanto podemos,
Que não faltará outra hora em que choremos,
Inda que não queiremos.
Id. fol. 172 *v*.

Debaixo de má capa, jaz bom bebedor.
Id. fol. 173.

A cêra é sobeja, logo que queima a egreja.
Id. fol. 175.

Muito pode o gallo no seu poleiro.
Id. fol. 176.

Ganham bons para ruins.
Id. fol. 177 *v*.

Pão comesto companhia desfeita.
Id. fol. 181 *v*.

Um ruim se nos vae da porta,
Outro vem que nos conforta.
Id. fol. 181 *v*.

Vá o demo para o demo, e venha Maria para casa.
Id. fol. 181 *v*.

Em quanto dura o dar, dura o amigo.
Id. fol. 183.

Morto é o afilhado de que tinhamos o compadrado.
Id. fol. 184 *v*.

Do mal o menos.
Id. fol. 190.

Mais vale quem Deus ajuda,
Que quem muito madruga.

Bom esforço espalha má ventura.

Encommendar a Deus, que é santo velho.
Fol. 192.

Como falam no ruim, logo elle vem.
Id. fol. 192 *v.*

Não ha mais Fez.
Ib. fol. 202.

Em tudo quer Pedro ser tão bom como seu amo.
Ib. fol. 208.

Quanto vales, tanto podes.
Ib. fol. 214.

Asno desovado de longe aventa as pêgas.
Ib. fol. 216 *v.*

Comer Seca e Meca.
Ib. fol. 217.

Ir por lá e vir tosquiado.
Ib. fol. 220 *v.*

Inveja me hajas e não piedade.
Fol. 223 *v.*

Pede o guloso para o desejoso.
Ib. fol. 225.

Quando te dão o bacorinho,
Vae logo com o baracinho.
Ib. fol. 225. — (Tambem citado em Gil Vicente.)

Dá-me ventura, deita-me na rua.
Ib. fol. 232 *v.*

Quem casa por amores sempre vive em dores.
Ib. fol. 234 *v.*

Nunca ninguem diga por si — bem estou.
Ib. fol. 244.

O que é bom para o ventre
E' máo para o dente.
Ib. fol. 247 *v.*

Honra o bom que te honra,
E o ruim que te não deshonra.
Ib. fol. 249 *v.*

Se eu fôra adivinha
Não morrera mesquinha.
Ib. fol. 251 *v.*

Dize-me com quem vives,
Dir-te-hei que manhas has.
Ib. fol. 252 *v.*

Official do teu officio, teu inimigo.
Ib. fol. 253.

Cabra mouca dá na outra.
Ib. fol. 257 *v.*

Gato escaldado de agua fria tem mêdo.
Ib. fol. 258 *v.*

Lá vae quanto Martha fiou.
Ib. fol. 250.

Ou morrerá o asno ou quem o tange.
Ib. fol. 259 *v.*

Disse a caldeira á certam . . .
Ib. fol. 261.

El-Rei vae té d'onde pode e não té donde quer.
Ib. fol. 264 *v.*

Nem sempre o demo hade estar detraz da porta.
Ib. fol. 264 *v.*

Quem não se aventurou
Não perdeu nem ganhou.
Ib. fol. 264 *v.*

Quem bem sê, e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se enoje.
Ib. fol. 264 *v.*

O que de cada um for, á mão lhe virá.
Ib. fol. 265.

Quem se apressa a pagar
E' ingrato devedor.
Ib. fol. 265.

Emprestas-te, perdeste o amigo.
Ib. fol. 265 *v*.

Quem bem paga, herdeiro é do alheio.
Ib. fol. 265 *v*.

Depois de morto,
Nem vinha nem horto.
Ib. fol. 266.

Com verdade e com mentira
Casa o bom sua filha.
Ib. fol. 269.

Asno morto cevada ao rabo.
Ib. fol. 269 *v*.

A um ruim, ruim e meio.
Id. fol. 271 *v*.

Quem merca e mente na bôlsa o sente.
Id. fol. 271 *v*.

Debaixo de má capa jaz bom bebedor.
Id. fol. 272.

Bezerrinho que vae mamar, preme-lhe o paladar.
Id. fol. 272.

Colhe cada um segundo semêa.
Id. fol. 274.

Lançar as barbas de môlho . . .
Id. fol. 274.

Deus não dorme.
Id. fol. 275.

De lingua quem quer emenda.
Id. fol. 275.

Quem mais vive mais vê.
Id. fol. 276.

Quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha.
Id. fol. 276 *v.*

Quando se uma porta cerra, outra se abre.
Id. fol. 277 *v.*

B) Anexins tirados da Comedia Eufrosina

(Primeira escripta por Jorge Ferreira)

Mercurio não se faz de todo o pau.
(Proemio, p. 5, ediç. de Farinha).

Quem viver verá a volta que o mundo dá.
Id. ibid. p. 6.

Nem me aquenta, nem me arrefenta.
Id. ib. p. 6.

Meter o rabo entre as pernas.
Id. ibid. p. 6.

Quem faz a casa na praça
Uns dizem que é alta, outros que é baixa.
Id. ib. p. 7.

A palavras loucas, orêlhas moucas.
Id. ib. p. 7.

Tu que sêes na seda,
Qual me vires, tal me espera.
Id. ib. 7 *anexim antiguo.*
A quem hasde rogar,
Não hasde assanhar.
Id. ib. p. 7.
Qual te dizem,
Tal coração te fazem.
Id. ib. p. 7.

O demo sabe muito, porque é velho.
Id. ib. p. 8.
Por bem vas,
Como vires, assim faz.
Id. ib. p. 8.

Sabe mais que *João de Espera em Deus.*
Id. ib. p. 8.

Sey per Andres,
E por outros trez.
Id. ib. p. 8.

Quando o demo nasceu
Já eu engatinhava.
Id. ib. p. 8.

Onde choram não cantes.
Id. ib. p. 9.

Quem se guardou não errou.
Id. p. 9.

Rei sem conselho,
Perde o seu, e não ganha o alheio.
Id. p. 9.

Quem muito fala,
D'ello dana.
Id. p. 9.

A verdade é falar claro.
Id. p. 10.

Quem pergunta quer saber.
Id. ib. p. 10.

Quem viver verá.
Id. ib. p. 12.

Caça, guerra e amores
Por um prazer sem dôres.
Ib. p. 12.

Arrenegae do velho que não adivinha.
Id. ib. p. 12.

Buscar escamas traz a orelha.
Id, ib. p. 13.

Dos velhos é serem palavrosos.
Id. ib. p. 14.

Com raiva de asno
Tornar á albarda.
Ib. p. 17.

Falla Roldão e falla por seu mal.
Ib. p. 19.

Responder ad Ephesios.
Id. ib. p. 20.

Quem do mesquinho se compadece,
De si se lembra.
Id. ib. p. 23.

Para tudo ha remedio, senão para a morte.
Id. ibid. p. 26.

Parirão os montes, nascerá um ratinho.
Id. ibid. p. 27.

Quem o seo ama etc.
Id. ib. p. 27.
Burro de Vicente.
Ib. p. 27.

Soffrer as vaias dos amigos é flagello.
Ib. p. 28.
Vem a ventura
A quem a procura.
Ib. p. 28.

Mais vêem dois olhos do que um.
Ib. p. 28.

Por vida dos Continhos.
Ib. p. 28.

Tanta culpa é ser furioso, como fraco.
Ib. p. 28.

Capitão vencido, não é louvado.
Ib. p. 28.

Tudo se estima,
Segundo se julga.
Ib. p. 28.

O animo nobre é testemunho de si mesmo.
Ib. p. 29.

O amante sabe o qne deseja,
Mas não vê o que lhe cumpre.
Idem, ib. p. 29.

Bom é no mal alheio vêr o que se hade fazer.
Id. ib. p. 29.

O enfermo impaciente, faz o medico ser cruel.
Id. ib. p. 29.

Como silvas velhas para bugalhos.
Ib. p. 31.

O amor nasce da vista.
Ib. p. 34.

Ama el-rei a traição etc.
Id. ib. p. 35.

Não ha atalho sem trabalho.
Ib. p. 35.

Não sejas priguiçoso,
Não serás desejoso.
Ib. p. 35.

Junto da ortiga nasce a rosa.
Ib. p. 36.

Quem não se aventurou
Não perdeu nem ganhou.
Ib. p. 36.

Quem deu a Pedro falar gallego.
Ib. p. 37.

E' melhor vergonha em casa, que manha no coração.
Ib. p. 37.

A necessidade não tem lei.
Id. p. 37.

Quem sabe temer, sabe cometter.
Id. p. 37.

Ruim seja quem, em ruim conta se tem.
Id. p. 38.

Quem bôa ventura tem, a Deus a agradeça.
Id. p. 39.

Mais vale a quem Deus ajuda,
Que a quem muito madruga.
Id. p. 39.

Espada por espada, lança por lança.
Id. p. 39.

Quando fôres a Roma, faze-te romano.
Id. p. 39.

O amor no velho traz culpa,
Mas no mancebo fructo.
Id. p. 40.

Onde vae o pião, vá o ferrão.
Id. p. 41.

Primeiro os meus filhos, e depois os vossos.
Id. p. 41.

Tudo tem seu tempo,
E os nabos em advento.
Id. p. 41.

Estar mais a sabor,
Que a dor.
Id. p. 41.

Sam peitar, faz bom jantar.
Id. p. 41.

Sem rogar não ha logar.
Id. p. 41.

Dadivas quebrantam pedras.
Id. p. 41.

O Abbade d'onde canta, d'ahi janta.
Id. p. 42.

Faze-me a barba, far-te-hei a tosquia.
Id. p. 42.

Veste-te do teu e chama-te meu.
Id. p. 42.

Quem quiser mentir, arrede testemunhas.
Id. p. 42.

Mal avendo, e bem esperando, vae-se o tempo.
Id. p. 42.

Aquelle te deu, est'outro te dará,
Mal haja quem de seu não ha.
Id. p. 42.

Antes o máo por visinho,
Que cavalleiro mesquinho.
Id. p. 42.

Mercar homem bem é gram riqueza,
Mal comprar não é largueza.
Id. p. 43.

Nem de silva bom boccado,
Nem do escasso bom dado. (Dizem os antigos).
Id. p. 43.

Guarde-vos Deus da ira do Senhor,
E do alvorôço do povo,

De doudos em logar estreito,
De môça adivinha,
E de mulher latina,
De pessoa sinalada,
E de mulher trez vezes casada;
De homem porfioso,
De lôdos em caminho,
E de longa enfermidade,
De physico experimentador,
E de asno ornejador,
De official novo
E de barbeiro velho,
De amigo reconciliado,
E de vento que entra por buraco,
E de hora minguada,
E de gente que não tem nada.
Id. p. 43.

Cada um por si, e Deus por todos.
Id. p. 44.

Não sirvas a quem serve,
Nem peças a quem pede.
Id. p. 44.

Perdido é quem 'traz perdido anda.
Id. p. 44.

Em cada parte ha pedaço de máo caminho.
Id. p. 44.

A de Çaragoça, que morreu chorando doilos alheos.
Id. p. 45.

Qual o tempo, tal o tento.
Id. p. 45.

Velha experimentada,
Regaçada vae pela agua.
Id. p. 45.

(Continua).

THEOPHILO BRAGA.

"SAUDADE,, EM PORTUGUÊS E GALEGO

Como é sabido, foi el-rei D. Duarte o primeiro escritor que notou a excelência do vocábulo *saudade* (no **Leal Conselheiro,** capítulo *Do nojo, pesar, desprazer, avorrecimento e suydade*), o qual se encontra já, com a grafia *soïdade,* no **Cancioneiro da Vaticana** n.os 119, 210, 214 etc. e no **Cancioneiro da Ajuda** n.º 389, ed. da ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pág. 765.

Depois de registar isto,—o Sr. Dr. A. A. Cortesão, na revista portuense **a Águia** (2.a série, 116), diz:

«Foi, pois, D. Denis, ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano, o primeiro (até hoje conhecido) a empregar êste voc.; com a grafia *soïdade (soïdade).*

«Além desta grafia, também adoptada por Camões (Elegia II, 3 e VI, 6), encontram-se as seguintes: *suydade* no Leal Conselheiro, Cancioneiro da Vat. n.º 758, Azurara (Crónica da Guiné, pág. 340), Samuel Usque (Tribul. de Israel, 3.º fl. 40 v.), Infante D. Pedro (Livro da virtuosa benfeitoria, p. 206 e 292), etc.;—*soydade* no Canc. da Vaticana n.º 119 e 214, e Azurara p. 142;—*saudade* em Camões (soneto 83 e Lus. III, 124), Gil Vicente, Cancioneiro Geral, Jorge F. de Vasconcelos (Eufrosina), etc.;—finalmente *soedade,* cuja etimologia é a mesma, mas significando *solidão, logar solitário,* em Arraiz (Dialogos, II, 12 e V, 1).»

De Arraiz, diz Bernardo de Lima (**Dicc. da Lingua Port.;** Lisboa, 1783; pág. V, Prólogo): «Foi taõ rijo etymologista, que escrevêo soïdade por saúdade &c. contra os seus antecessores».

Mas os dicionários — além de «solidão, lugar solitário» — registam a *soedade* também outro significado: «o sentimento de quem está só da pessoa amada e ausente, com tristeza, e desejo d'ella, hoje dizemos *saudade*» ... (Morais, s. v. *soedade*).

Temos, pois, as grafias:

[solitatem >] *soidade, soydade* > *saudade*
suidade, suydade

[solitatem > soledade (1) >] *soedade*

O povo diz *soidade, saudade,* e *soudade* como já observou o Sr. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas,** II, 408). Umas vezes pronuncia *saùdade* e *soìdade (suìdade),* outras vezes *sáudade* e *sôidade.*

Em Lisboa, *sòdade.*

*

* *

No mesmo interessante e valioso artigo acima citado, o Sr. Dr. A. A. Cortesão regista a forma gráfica *soedade* em galego, abonando-a com um passo da bela poesia *A Virxe d'o Cristal* de Curros Enríquez que reproduzo da 2.ª ed. dos **Aires d'a miña terra** (Madrid, 1881; pág. 28):

Inorante de canto ll'acontecia
Ó probe de Martiño, por quen sofria
Soedades mil,
Rosa, n'a cinturiña crabad'a roca
Mazaroca fiando tras mazaroca
Pensaba n'il.

Mas em galego não há só a forma *soedade.* Há várias, que representam os falares do povo; não sendo o idioma galego fixado literáriamente, os escritores usam as formas que do povo colhem.

(1) Vid. pág. 4, últimas linhas.

Apontarei:

1. **soidade**

As mamorias de pequeno,
os meus primeiros amores,
praceres, soidades, dores
e tormentos que pasei?
[De *o Desterro (camiño de Portugal)*, poesia de Bernardo Barreiro, *in* **Lit. Gall.**, de Aldao, Barcelona, 1911; p. 223].

Acordey... o meu soño dourado,
como fume pasou de repente,
e magoado o meu peito se sente
de soidades e amor palpitar.
[Da poesia *A Galicia*, de Francisco Añon, *in* **Lit. Gall.**, de Aldao, p. 318].

Soidades é o título de um livro de poesias de Manuel Lugris Freire. Encontra-se ainda o vocábulo, com tal forma, nas **Follas Novas,** de Rosalía Castro (pp. 10 e 129, ed. da Habana, 1880).

2. **soidá**

Non m'olvides, queridiña,
se morro de soidás...
Tantas légoas mar adentro...
Miña casiña!... meu lar...!
[Rosalía Castro, *Adios rios, adios fontes,* in **Lit. Gall.** p. 334-335].

Cala, grilo, que si cantas
Sinto negras soïdás.
[Rosalía Castro, **Follas Novas**; Habana, 1881; pág. 224].

Nas **Follas Novas,** ainda se encontra *soidá* nas pp. 255 e 259.

3. **suidade**

Non quero, Alberto, que desleigada
c'o teu cariño, me creas, non,
¡ai! a tristura... ténme abafada...,
Cúrame, Alberto, co'a tua mirada
estas suidades d'o corazón!
[Da poesia *¿ Por que calas?..*, de José Perez Ballesteros, in **Lit. Gall.**, p. 420].

¡Cantas veces te lembrou
o que marchou para a guerra,
cando á sua nai deixou;
e partindo á estraña terra
de suïdades chorou!
[Da poesia *a Campana d'Anllons,* de Eduardo Pondal, in **Lit. Gall.** p. 426].

4. **saudade**

Com tanto anhelo, atafegos
sodes, d'esta negra sorte,
un argalleiro resorte,
n-as saudades do estranxeiro:
sodes xenio falangueiro
con aletadas de morte!

[Da poesia *N-Ausencia*, de César Cisneros Luces, in **Lit. Gall.**, p. 203].

¡X'o sei, Galicia amada!...
. . . . . .
eu sinto que me chamas
c'a voz dos meus deseios
das miñas saudades
c'as feles e amarguexos,
c'as bretemas escuras
d'este vivir qu'eu levo.

[Da poesia *Morriña*, de Alexandre Miguens Parrado, in **Lit. Gall.**, p. 215].

Há uma poesia de José Benito Amado, intitulada *Saudades;* vem inserta na **Literatura Gallega,** já citada, pág. 171, —extraída de **El Habla Gall.** de João Cuveiro; Pontevedra, 1868; pág. 43—, e nela se encontra o vocábulo também.

5. **soledade**

A poesia **a Campana d'Anllons,** de Eduardo Pondal,—a que já me referi—é encimada por êstes versos:

Canpanas de Bastabales,
cando vos oyo tocar
mórrome de soledades.

(Cântico popular)

(Vid. **Lit. Gall.**, pág. 426).

Em castelhano, há *soledad* correspondente a *saudade* (vid. **Dic. enciclop. hispano-amer.;** Barcelona; s. v. *soledad*), o que já foi notado pelos Srs. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas,** II, 408) e Dr. A. A. Cortesão (**a Águia,** 2.ª série, 117)). Em tal sentido, porém, julgo que o vocábulo não é já usado.

Também *soledade,* em português, era «o estado de quem está só, e a saudade que o acompanha da pessoa de quem está só, e desejosa»... (Morais, s. v. *soledade*). (1)

(1) Acêrca de vocábulos correspondentes a «saudade», noutras línguas, vid. o *Posilicismo*, IV, 169-170,—art. de A. R. Gonçalves Viana.

6. **soedade**

Já transcrito acima um passo de Curros Enríquez, com *soedade.*

Há uma colecção de «cantares viejos y nuevos de Galicia» — Vid. **Lit. Gall.,** de Aldao, pág. 595 —, dividida em 4 séries; a 1.ª compreende: 1 *Soedades.* 2 *A Campaña.* 3 *Bágoas do corazón,* etc.

*

* *

Significando *solidão, lugar solitário,* encontramos em galego também a forma *soedade:*

«— Chist... ¿oubindes?... dixérase que sona múseca cerca...
— Va, seica soñas — dixeron os compañeiros de cacería — ¿dónde queres que haxa múseca eiquí n-estas soedades?...»

. . . . . .

«¿Quén non coidaba que divinidá ou fadas despertaban, n-aquélas soedades, ecos de armonías arroubadoras?...»

[Do conto *O Violin encantado,* de Heraclio Perez Placer, in **Lit. Gall.,** p. 453 e p. 454].

¡Adios! montes e prados, igrexas e campanas,
¡Adios! Sar e Sarela, cubertos d'enramada,
¡Adios Vidán alegre, moiños e hondanadas,
Conxo o d'o craustro triste y as soedades prácidas
San Lourenzo ó escondido, cal un niño antr'as ramas,

[Rosalía Castro, **Follas Novas;** Habana, 1880; pág. 23].

E *soidá:*

¡Que tristeza tan doce!
¡Que soidá tan prácida!
¡Mais para un alma en horfandá sumida
Que soidá tan deserta e tan amarga!

[Rosalía Castro, **Follas Novas;** Habana, 1880; pág. 265].

E ainda *soledade, soledad, soledá:*

Estonces non sey qué sombras
Quizais de memorias vivas,
Quizais d'os frades difuntos,
Pasar en procesion mística
Veu, n'aquelas soledades,
Que amaba canto temia.
[Rosalía, **Follas Novas**, p. 242].

Y ó fin soya quedei, pero tan soya
. . . . . .
Que doce, mais que triste
Tamen é a soledad!
[*Ibidem*, p. 14-15].

A nosa vos, n'a soledá perdida,
Morrerá sin deixar xiquera ise éco
Qu'a brisa malencónica d'outono
Deixa n'a copa azul d'os ameneiros
[Curros Enríquez, **Aires d'a miña terra**; Madrid 1881, p. 1].

Alóenriva ó *sun sun* d'os pinos bravos,
En baixo á doce paz.
N'a cima crara luz, aires purísimos
Salvaxen soledá,
[Rosalía, **Follas Novas**, p. 221].

*

* *

Temos, pois, em galego:

[solitatem >] *soidade, suidade* > *saudade*
∨
soidá

[solitatem >] *soledade* > *soedade*
(soledad,
soledá)

*

* *

A mudança de *soidade* em *saudade* não teve ainda explicação que satisfizesse a todos.

Para o Sr. A. R. Gonçalves Viana (**Apostilas,** II, 408), na forma *saudade* «influiu, como é sabido, a palavra *saudar,* talvez por intermédio de *soudade,* pronúncia vulgar» . . .,

ao que o Sr. Dr. A. A. Cortesão objecta (**a Águia,** 2.ª sér. pág. 117): «mas para isso será preciso provar em primeiro logar ser da mesma época a introducção dêste voc. em o nosso idioma».

Em meu fraco entender, a transformação de *soidade* em *saudade* é de ordem literária; a mudança de *oi* em *au* seria influenciada, para assim dizer, por uma falsa latinização,—ao invés da habitual mudança de *au* em *oi*.

Já Bernardo de Lima, me parece, queria atribuir essa mudança aos escritores, quando notava ser o vocábulo «saudade» *mais harmónico* que «soidade» e que, por isso, embora *havendo tido igual uso,* começara a ser mais usado. «O vocábulo *saúdade,* por ser mais armonico, que *soídade* (1) sêo competidor, já o tem vencido, ainda que soídade tinha igual uso, que elle no tempo d'Arraes, e o precede sempre na etymologia». [Bernardo de Lima, **Dicc. da Ling. Port.;** Lisboa, 1783; pág. VII, nota *(y)*].

Viana-do-Castelo, 1913.

CLÁUDIO BASTO.

(1) O original tem aqui *sóidade,* por êrro tipográfico.

NOTA: Á data da revisão das provas dêste artigo, está publicado mais um belo trabalho da Ex.ma Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos — *A Saudade Portuguesa,* 1914 — no qual é versada a mesma questão. Vid. capp. III, V, VI e VII. — Por o meu art. ser anterior, é que nele se não faz alusão à obra da sábia escritora.

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

VI

Provérbios e ditos populares

Nas minhas investigações colhi algumas centenas de ditados.

Como muitos se encontram em vários trabalhos dos poucos que pude consultar, aproveito apenas os que, pela forma ou pela idea, se afastam dos já publicados. Há-de haver com certeza falhas e repetições, pois nem quero roubar espaço demasiado, nem desejo perder materiais.

1 — Em Santa Catarina, só a Santa e o Domingos Pina (1).

2 — Gente de Landim e burro que diz *im*... (2).

3 — O Entrudo borralheiro, o Natal em casa e a Páscoa na praça.

---

(1) Santa Catarina é uma aldeia, que fica quási toda no concelho de Famalicão. Num outeiro há uma ermida dedicada à santa, advogada das pessoas que sofrem de doenças mentais.

Algumas famílias do lugar, mal afamadas, atraíram a desconfiança dos vizinhos para uma terra, que é habitada de resto por muito boa gente também.

(2) Landim é uma freguesia de Famalicão; é uma espécie de vila em que fala Camilo muitas vezes.

«Os de Landim, disseram-me, teem fama de andar muito bem vestidos, mas a *lazarar*.»

4 — O ano vai mal, se não houver três cheias antes do Natal (1).

5 — Natal claro, claro em tudo; Natal escuro, escuro em tudo (2).

6 — Frango de Janeiro canta à meia noite em ponto.
— Galinha que nasce em Janeiro põe no colmeiro (isto é, em Julho).
— Frango de Janeiro vale um carneiro (3).

7 — Janeiro geoso, Fevereiro *scaldanoso* (4), Março amoroso, Abril chuvoso, Maio *loiroso* (5), fazem o ano formoso (6).

8 — Calça branca em Janeiro, ou é tolo, ou sinal de pouco dinheiro (7).

9 — Fevereiro quente traz o diabo no ventre.

10 — Em Março tanto durmo como faço.
— Em Março *iguaço* (8).

11 — O vinho que nasce em Maio é para o gaio; o que nasce em Abril vai ao funil; o que nasce em Março fica no regaço.

12 — Em Março onde quer eu passo (9).

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* XVI, pág. 288.

(2) Estando o Natal claro, não há vinho.

(3) Cfr. *Philosophia popular em provérbios* na Biblioteca do Povo e das Escolas, 2.º ano, 6.ª série, pág. 26, e *Trad. Pop.* cit., pág. 155.

(4) Com saraiva e geada.

(5) Nem muito de sol, nem de chuva.

(6) Cfr. *Philos pop.* cit., pág. 58.

(7) O povo distingue os *brasileiros* pelo fato branco. Ouvi na estação de Santo Tirso a seguinte frase: «*Inté pensabo por lá qu'êle qu'era brasileiro; êle tinha uma roupa abrancada* . . . »

(8) *Iguaço* pertence naturalmente ao verbo *iguar*, registado no *Vocabulário Ortográfico* de Gonçalves Viana e no *Novo Dicionário*.

A conjugação foi modificada por necessidade da rima. V. *Lições de Philologia* cit., pág. 418.

Em Montalegre colheu o meu discípulo Morais Caldas o ditado:

Março, garço,
As noites com os dias,
As messes com os marcos.

(9) *Trad. pop.* cit., pág. 198.

13 — Em Abril queima a mulher o carro e o carril ([1]).

14 — Em Maio come a velha cerejas ao lume.

15 — Em Maio bebe o boi no rêgo.

16 — Fraco é o Maio que não rompe uma *croça* ([2]).

17 — Em S. Tiago pinta o bago ([3]).

18 — Em Agôsto secam os montes, em Setembro as fontes, em Outubro seca tudo ([4]).

19 — Em Setembro vai-se andando e comendo ([5]).

20 — Em Outubro colhe tudo.

21 — Por S. Martinho mata o teu porco, barra o teu vinho ([6]).

22 — Em dia de Santo André, diz o porco: *qué, qué* ([7]).
— Porco que nasce em Abril, vai ao chambaril ([8]).

23 — O que se não faz no dia de Santa Luzia faz-se ao outro dia.

24 — O que puderes fazer hoje, não guardes para amanhã ([9]).

25 — De graça e *a sêco* ([10]) andam os cães, e ainda apanham muita lambada.

([1]) Cfr. *Dicion.* de Morais, 6.ª ed., t. *carril.*

([2]) A palavra *croça* serve para designar as capas de junco ou palha, que preservam da chuva. Contudo o *Novo Dicion.* dá o termo como (*ant.*).

([3]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 61.

([4]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 61.

([5]) Setembro é o tempo dos cachos.

Os proprietários não se limitam a permitir que os pobres colham o *rabisco*, em que nos fala Gil Vicente (*Inês Pereira*), isto é, os *gaipos* que ficam após a vindima; fecham os olhos quando, mesmo antes da vindima, o povo se limita a cortar um ou outro cacho.

([6]) Diz-se também a cada passo: *Em S. Martinho prova o teu vinho.* V. *Philos. pop.* cit., pág. 62.

([7]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 62.

([8]) Serve para matar pelo Santo André.

([9]) A doutrina é a mesma de — *Guarda que comer, não guardes que fazer.*

([10]) Diz-se que os jornaleiros andam *a sêco* quando comem por sua conta, recebendo, portanto, um jornal maior.

26 — Gado fraco tudo são moscas ([1]).

27 — Três luzes a arder deitam uma casa a perder.

28 — Muita parra, pouca uva ([2]).

29 — Quem tem rabo não se *assenta* ([3]).

30 — Pão quente dana a gente ([4]).

31 — Vinha, o velho a planta, o velho a colhe ([5]).

32 — Ferradela de *licranço* não tem cura nem descanso ([6]).

33 — Mais vale verde no meu papo que maduro no papo alheio.

34 — Nunca o raro pediu ao basto ([7]).

35 — O castanheiro precisa ir na mão para plantar, o carvalho às costas e o sovereiro no carro ([8]).

36 — Não há comida abaixo da sardinha, nem burro abaixo de jumento ([9]).

37 — Burro que geme, carga não teme.

38 — Grande pedra, pequena pedra, três homens de volta dela ([10]).

([1]) O sentido é o mesmo do provérbio—*Para bom obreiro não há má ferramenta.* V. *Dicion. de Educação e Ensino*, trasladado por Camilo, nova ed. por Raposo Botelho, t. III, pág. 423.

([2]) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 426: *Muita palha, pouco grão.*

([3]) Dizem assim as cozinheiras aos gatos, quando calcados.

([4]) Cfr. êste Trabalho, II, 45.

([5]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 26, *Geórgicas*, II, 75.

([6]) Parece que o povo chama licranço a uma espécie de víbora venenosa. Cfr. *Ling. pop. de V. Real*, pág. 59.

([7]) Cfr.: *Quem semeia basto, gasta mais e colhe menos.* J. P. Ribeiro, *Reflexões Históricas* (1836), Parte II, Apêndice, pág. 16.

([8]) Cfr. *Reflexões* cit. pág. 17.

([9]) Era o dito invariável dum velhinho quando lhe falavam no seu jumento.

([10]) Querem os pedreiros dizer que uma pedra, quer seja grande, quer pequena, ocupa sempre três homens.

39 — Da sardinha e da mulher, a maior que houver ([1]).

40 — Quem com o demónio cava a vinha, o demónio a vindima ([2]).

41 — Preguiça não mantêm bons criados.

42 — Não semeies o teu campo à sexta-feira ([3]).

43 — Por cima das peras vinho bebas, mas não tanto que andes com a cabeça de esquina em canto ([4]).

44 — Foge de burro que bebe em branco ([5]).

45 — Foge de burro de quatro sinais ([6]).

46 — Animal de bico nunca fez o amo rico ([7]).

47 — O sardinheiro vende sardinha e come galinha.

48 — Quem dá antes que morra, merece com uma *cachaporra* ([8]).
— Dá que não peças.
— Quem dá o que tem, a pedir vem.

49 — Entre casados ninguêm se meta.

50 — Quem ao longe vai casar, ou leva pulha ou vai buscar.

51 — Mulher doente, mulher para sempre.

([1]) Eis um ditado que as mulheres altas emprègam para se defenderem do vulgaríssimo — *Da mulher e da sardinha, a mais pequenina.*

([2]) Há muitos provérbios semelhantes. O mais aproximado que conhecemos é — *Quem com o demo anda, com êle acaba. Philos. pop.* cit., pág. 33.

([3]) Segundo a explicação que me deram, o ditado não é supersticioso. Como a sexta é dia de jejum, querem os lavradores significar com aquelas palavras que as terras precisam de bastante estrume.

([4]) Vi registado o provérbio, mas sem a recomendação final.

([5]) É o animal que tem uma estrêla desde a testa até ao focinho.

([6]) O burro só deve ter um, três, ou cinco sinais. Para o povo o vocábulo *burro* serve também para designar os cavalos.

([7]) Cfr. *Rev. Lus.* XVI, pág. 139.

([8]) Actualmente não se ouve empregar a palavra senão neste provérbio.

52 — Os parentes são os meus dentes ([1]).

53 — Toda a vida ouvi dizer que Deus não queira nas minhas colmeias abelha que não coma mel ([2]).

54 — Muito e mal, é geral; muito e bem, há pouco quem.

55 — Quem paga o que deve, sabe o que lhe fica.

56 — Viúva rica, casada fica ([3]).

57 — Quando mal, nunca maleitas ([4]).

58 — Muito come o tolo; mais tolo é quem lho dá ([5]).

59 — Lume ao pé da estôpa, o diabo lhe assopra ([6]).

60 — Todos os conselhos ouvirás, só o teu não deixarás ([7]).

61 — Dinheiro de padre e de brasileiro não chega a terceiro.

62 — Quem vai à guerra, dá e leva.
— Em tempo de guerra não se limpam armas.
— Em tempo de guerra mentiras como terra.

63 — Quem tem capa, sempre escapa.
— Quem tem amigos, não morre na cadeia.

64 — Quem tem burro e anda a pé, mais burro é.

65 — Longos dias teem cem anos ([8]).

66 — De hora em hora Deus melhora.

([1]) Cfr. *Feira dos Anexins* de D. F. Manuel de Melo, ed. de Inocêncio, diálogo 1.º: «*Primeiro são dentes que parentes*». Esta «regra» encontra-se em F. Lopes, *Crónica de D. João I*, não me lembro em que passo.

([2]) É a condenação dos sonsos, *dos que mordem pela calada*.

([3]) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 424.

([4]) É a versão mais popular do conhecido provérbio — *Do mal o menos*.

([5]) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 426.

([6]) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 427.

([7]) Cfr. *Dicion. de Educ.* cit., pág. 424.

([8]) O sentido é o mesmo do provérbio — *Atrás dos tempos tempos veem*.

67 — Cada tolo com sua mania.

68 — Nunca ninguêm as calça que as não borre ([1]).

69 — Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho.

70 — Pela aragem se vê quem vai na carruagem ([2]).

71 — A mulher e a galinha com sol a casa.

72 — Quem muito pede, muito fede.

73 — Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia ([3]).

74 — Brinquedos de homem são beijos de burro.

75 — Para um cão, uma pedra; para uma pedra, um ferro; para um homem, uma mulher.

76 — O que é que o homem mau tem de bom? O bom palavreado.

77 — Casa quanta habites, terra quanta vejas, dinheiro quanto contes ([4]).

78 — Quem o feio ama, bonito lhe parece.

79 — Quando nasceu um sapo, nasceu uma sapa.
— Quando se fez uma panela, fez-se logo têsto para ela. ([5]).

80 — Pobrete, alegrete ([6]).

([1]) Camilo empregou êste dito na *Corja*, ed. de 1903, pág. 134.

([2]) Cfr.: «*ab unguibus leo*, diz o provérbio, pelas unhas se conhece o leão e pelas mesmas o ladrão». *Arte de Furtar*, ed. de MDCCXIV cap. LXX, pág. 397.

([3]) Cfr. *Trad. pop.* cit. pág. 198, e *Philos. pop.* cit. pág. 57. É vulgar dizer-se: *êste homem deita-se com as galinhas*, isto é, muito cedo. Julgo ser êste também o sentido da frase — *s'en alla coucher en chappon* de Rabelais, *Pantagruel*, 3.ª ed., Liv. II, chap. IX, pág. 267.

([4]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 57.

([5]) Cfr.: *Não há panella tão feia que não ache seu cobertouro. Philos. pop.* cit., pág. 57.

([6]) O provérbio foi ouvido a um pedreiro. Cfr. o que se diz nas *Trad. pop.* cit., pág. 250.

81 — Homem pobre, nem quieto nem calado.

82 — Pouco me custas, pouco me duras.

83 — Maria vai com as outras; se não canta, baila.

84 — Cada mocho a seu souto.

85 — Um, em sua casa, vale por sete.
— Um homem, em sua casa, é tam valente que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o tirar.
— Os bois na terra alheia, as vacas escornam os bois.

86 — Homem prevenido vale por sete ([1]).

87 — Tal te achas, tal te afazes ([2]).

88 — O homem e o porco só depois de morto ([3]).

89 — *O anau* parado não faz viagem ([4]).

90 — Fidalgos e galgos, é criá-los e matá-los ([5]).

91 — Não há mal que sempre dure, nem bem que sempre ature.

92 — Mal haja quem mal cuida ([6]).

93 — Para baixo todos os santos ajudam.

([1]) Cfr.—*Antes prevenir que remediar*. Na *Arte de Furtar*, cap. LIV, pág. 321, cita-se um provérbio de S. Jerónimo com a mesma significação.
É vulgar a frase: *Se eu soubera...*, equivalente ao—*não cuidei...*—dos Lusíadas.

([2]) Cfr. *Rev. Lusit.* I, pág. 71; *Dicion. de Educ.* cit., pág. 422 e 423; *Philos. pop.* cit., pág. 29, 34, 47 e 48, e *Arte de Furtar*, Cap. XXX, pág. 199.

([3]) Só depois de morto, se sabe verdadeiramente se o homem tinha dinheiro.

([4]) Num romance colhido por mim aparece também *nau* do género masculino. A forma *anau*, mas no género feminino, encontra-se em Camilo, *Onde está a felicidade?* 6.ª ed., pág. 6.

([5]) T. Braga registou nos *Aphorismos*—*Nem em tua casa galgo, nem à tua porta fidalgo.*

([6]) Tenho idea de ver êste provérbio nos *Apólogos Dialogais* de D. F. M. de Melo. Cfr.: *Honni soit qui mal y pense.*

94 — Manda e faz, servido serás ([1]).

95 — Não dês ponto sem nó, nem fales sem confiança ([2]).

96 — Ovelhinha mansa mama na sua e na alheia ([3]).

97 — Palavras, leva-as o vento ([4]).

98 — O diabo cobre com a cabeça e descobre com o rabo ([5]).

99 — Não metas em tua casa quem dela te bota fora ([6]).

100 — Vilão servido, vilão *escorregido* ([7]).

101 — Quem quer bolota, *atrepa* ([8]).

102 — Ninguêm é pobre senão do juízo.

103 — Quem me dá um ôsso, não quer que eu morra.

104 — Tam bom é o ladrão que vai à vinha, como o que fica de guarda ([9]).

105 — Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males ([10]).

106 — E' melhor um ano à volta que nunca à casa ([11]).

107 — Quem tem filhos, tem cadilhos; quem os não tem, cadilhos tem ([12]).

([1]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 42. De uso mais comum é — *Quem quer vai, quem não quer manda.*

([2]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 42.

([3]) Cfr. *Feira*, D. 2.º, § 8.º; *Philos. pop.*, pág. 45.

([4]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 55. No fim do *Auto de El-Rei Seleuco* de Camões, cita-se o provérbio: «... não tenham isto por palavras, *porque essas e plumas o vento as leva*».

([5]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 57.

([6]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 57, e *Arte de Furtar*, cap. XLV, pág. 278: *criay o corvo, e tirar-vos-ha o olho.*

([7]) A *Philos. pop.* (pág. 43) regista — *Villão servido, villão esquecido.*

([8]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 48; *Arte de Furtar*, cap. LXVI, pág 385.

([9]) Cfr. — *Tanta pena merece o consentidor, como o ladrão. Arte de Furtar*, cap. VII, pág. 33.

([10]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 47.

([11]) É costume geral dizer-se: *De vagar se vai ao longe.* Em Vila Rial ouvi: *Quem se mete por atalhos nunca lhe faltam trabalhos.*

([12]) Cfr. *Feira*, D. 6.º, § 1.º, e *Dicion. de Educ.* cit. pág. 426.

108 — Quem dá e torna a tirar, ao inferno vai dar ([1]).

109 — Remenda teu pano, chegar-te-á ao ano; torna-o a remendar, tornar-te-á a chegar ([2]).

110 — Tanto vai o cântaro à fonte, que no fim lá deixa a asa ([3]).

111 — O comer e o coçar, está no começar ([4]).

112 — Quem muito dorme, pouco aprende.

113 — Segrêdo de três, o diabo o fez.

114 — Quem te fez fino? — O mal dos meus burricos ([5]).

115 — Quem mais alto *assobe*, mais baixo vem cair ([6]).

116 — Homem pobre, nem quieto, nem calado.

117 — Pelos domingos se tiram os dias santos ([7]).

118 — Não há tolo que se conheça ([8]).

119 — Flor ao peito, asno feito.

120 — Boa romaria faz, quem em sua casa está em paz.

121 — E' costume dizer-se, quando outrem morde a língua: «Olha se fosse a minha!... ([9]).»

([1]) O *Dicion. de Educ.* cit., pág. 427, regista: *Quem dá e toma, nasce-lhe uma corcova.*

([2]) Cfr. *Dicion. de Educ.*, pág. 427.

([3]) Cfr. *Dicion. de Educ.*, pág. 427.

([4]) Cfr. *Feira*, D. 5.º, § 5.º; *Dicion. de Educ.* cit. pág. 424.

([5]) Cfr. *Philos. pop.*, pág. 37.

([6]) O mesmo pensamento se encontra no *Romanceiro* de Garret, t. III, pág. 228 (ed. de 1875), e em Shakespeare, *Richard III*, Act. I, Scene III. A filosofia do caso é a da fábula de la Fontaine — *Les deux mulets*. Cfr. Rev. Lus. V. IX, pág. 76; *Philos. pop.*, pág. 39, D. F. M. de Melo, *Epanáforas* (ed. de 1660), pág. 317.

([7]) Cfr. D. F. M. de Melo. *Apólogos Dialogais, Visita das Fontes.*

([8]) Cfr. *Ling. pop. de V. Real*, pág. 98; *Philos. pop.* pág. 225.

([9]) «... *ca homem que as suas barbas arrepella, mór sabor fará das alheias* — escreveu, referindo-se ao rei de Castela, o Arcebispo de Braga. V. Carta na *Crónica de D. João I* por F. Lopes.

122 — Sardinha que o gato leva . . . ([1]).

123 — Vai o carro deante dos bois ([2]).

124 — A Ordem é rica, e os frades são poucos ([3]).

125 — Quanto mais tem, mais quer ([4]).

126 — Quem aos vinte não é e aos trinta não tem, aos quarenta não é ninguêm.

127 — Não há sábado sem sol, domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.

128 — Se o filho dum ruim é *bô,* lá vem o neto que sai ao avô ([5]).

129 — O Fevereiro e o rapaz é-lhe dado tudo quanto faz; só não se quer o Fevereiro *secalhão,* nem o rapaz ladrão.

VII

Romanceiro

I

D. Silvana

Indo a D. Silvana
Por um corredor acima,
Tocando viola d'ouro ([6]),
(Ó que tam bem na tangia ([7])!)

Acorda seu pai e mãe ([8])
C'o estrondo que fazia ([9]).
— Tu que tens D. Silvana?
Tu que tens ó filha minha?

([1]) Cfr. *Philos. pop.* cit., pág. 56.

([2]) Cfr. *Arte de Furtar,* cap. XXVI, pág. 385; *Philos. pop.* cit., pág. 36, e *Dicion. de Educ.,* pág. 426.

([3]) Cfr. *Arte de Furtar,* cap. LI, pág. 313.

([4]) Cfr. *Arte de Furtar,* cap. LXX, pág. 398.

([5]) Cfr. *Rev. Lus.* XVI, 288.

([6]) Iremos dando em notas as variantes colhidas.
«Tocando uma guitarra.»

([7]) «Olha o *trânsito* (som) que fazia!»
«Chorando na triste vida.»

([8]) «Acorda seu pai da cama.»

([9]) «Do sono em que dormia.»
«E toda a gente da família.»

— Eu não choro, senhor pai,
Se chorasse, razão tinha:
As mais novinhas do que eu (1)
São casadas, teem família;
Eu por ser a mais velhinha,
P'r'ó canto eu ficaria (2).
— Não tenho com quem te case,
Nem em palácio havia (3);
Só se fosse o conde Alberto . . .
Conde Alberto tem família (4).
— Êsse mesmo, meu paisinho,
Êsse mesmo é qu'eu *qu'ria*.
Mande-mo aqui chamar
Da sua parte e da minha,
Que lhe *qu'ria* aqui falar
Dentro duma Avé Maria.

Chegou a resposta ao conde,
O conde estava na missa (5).
— Aqui estou, rial Senhor,
Aqui estou, que me *qu'ria?*
— Quero que mates condessa
P'ra casar com filha minha.
— A condessa não na mato,
Qu'ela a morte não *mer'cia*.
Antes a meto num convento,
Convento de Santa Maria,
Lhe darei o pão por onças,
E a água por medida (6).
— Mata, mata, conde Alberto,
Antes que te tire a vida;
Traz-me cá o coração,
Nesta dourada bacia (7).

Conde Alberto foi p'ra casa,
Muito triste em *frenesia:*
Mandou fechar seus palácios,
Coisa que nunca fazia;
Mandou vestir seus criados
De luto à maravilha (8);
Mandou vestir suas moças
Da melhor seda que havia;
Mandou vir comer p'rà mesa
Só p'ra ver s'êle comia.
As lágrimas eram tantas
Que por a mesa *corria!*
— Tu que tens ó conde Alberto?
Tu que tens ó *condelia* (9)*?*
Conta-me a tua tristeza,
Conto-te a minha alegria.
— A minha tristeza é muita,
Eu com tanta não podia!

---

(1) «Todas as damas da cidade.»

(2) «Eu por ser a mais formosa,
Por que causa ficaria?»

(3) «Não vejo com quem te case,
Não vejo ó minha filha.»

(4) «Mas conde Alberto é casado;
É casado, e tem família.»

(5) «Palavras não eram ditas,
Já conde à porta batia.»

(6) Noutras versões é a condessa que pede ao marido a meta num convento:

«*Scuita* conde, *scuita* conde,
Que isso remédio teria:
Me meterás num convento;
Serei freira recolhida.
Me darás o pão por onça
E a água por medida;
Dá-me sardinha salgada
Que me acabe *co'a* vida.»

— «Mete-me num convento,
Chamado recolhimento;
Me darás o pão por onças
E a água por medida.
— Tenho de levar a cabeça
Nesta dourada bacia.
— Não me mates com estoque
Nem com espadinha;
Chama aqui o barbeiro
Que me dê uma sangria».

Cfr. *Rev. Lus.* IX, 302.

(7) «Tens de me trazer a cabeça
Nesta maldita bacia.»

(8) «Mandou pôr tudo de luto,
Cousa que êle nunca o fazia.»

(9) «Que tens ó vida minha?
Condelia, segundo a minha informadora, era um título de *mimo* para animar o conde a desabafar. Vê-se, porêm, que se trata dum termo formado por influência de *alegria*.

Mandou el-rei que te mate,
P'ra casar com sua filha.
—A condessa não na mates,
Qu'eu a morte não *mer'cia*.
—Que mandasse o coração
Nesta maldita bacia.

—Traz-me cá os meus meninos
Que os quero pentear;
Dá-me o menino mais velho,
Que o quero abraçar;
Traz-me também o mais novo,
Que lhe quero dar de mamar.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite da paixão,
Que amanhã por estas horas
Já estarei no caixão.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de amargura,
Que amanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.

Mama, mama, meu menino,
Êste leite repousado,
Que amanhã por estas horas
Já estarei *sepultado*.
Mama, mama, meu menino,
Êste leite de divindade,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na eternidade.

Tocam sinos em palácio . . . (1)
—Ai Jesus, quem morreria?
Responde o menino do peito:
(Êle a edade não tinha (2) . . .)
—Morreu a D. Silvana
Pelo mal que cometia . . . (3):
Descasar os bem casados,
Coisa que Deus não *qu'ria;*
Morreu a D. Silvana,
E ficou D. Maria.
Viva o conde e a condessa (4)
Sempre na mesma alegria (5)!

2

Baldebina (6)

Nosso rei tinha três filhas,
Todas lindas como o sol;
A mais bonitinha delas,
Baldebina se chamava.
Entrou o seu pai um dia
Ao quarto *donde* ela estava.

---

(1) «Tocam os sinos na Sé.»

(2) Sôbre o prodígio de crianças que falam antes do tempo, V. *Trad. pop.* cit., pág. 209.

(3) «Com raiva que me trazia».

(4) «Venham condes e marqueses
Para o jardim da alegria.»

(5) O romance de *D. Silvana* é o mais conhecido que encontrei.

Com o mesmo nome vem publicado na *Ling. pop. de V. Real*, pág. 91, e foi colhido por um meu aluno em Montalegre.

Noutras terras o romance é contado com os nomes de—*Conde Alberto, Conde Albano, Conde Anardos, Dom Duarte* e *Conde Alves*. V. T. Braga, *Romanceiro Geral* (1867), pág. 68 e seg. e 197, e *Rev. Lus.* IX, pág. 280, 303 e 309.

No *Romanceiro* de Garret (ed. de 1875, t. II, pág. 47) aparece com o título de *Conde Yanno*. *Dona Silvana* ou *Silvaninha* é geralmente a donzela posta na torre por sete anos.

(6) Êste romance é conhecido também com o nome de *Aldininha* em Santo Tirso, e, numa versão de Montalegre que me foi dada, tem o nome de *Gualdina*.

Nesta versão a filha não é tentada pelo pai, mas castigada por ouvir a côrte do *môço Henrique*.

Cfr. *Romanceiro* de Garret, t. I, pág. 33 (*Adosinda*) e t. II, pág. 115 (*Sylvaninha*); *Ling. pop. de V. Real*, pág. 90 (*Aldininha*); T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 301 (*Sylvana*), e Pedro Fernandes Tomaz, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, pág. 12 (*D. Silvana*).

—Baldebina, Baldebina,
Baldebina malfadada,
Queres tu, ó Baldebina,
Ser a minha namorada?
Que eu de ouro te vestia,
E de prata te calçava . . .
—Não permita Deus tal cousa,
Nem a minha mãe sagrada,
Para eu ser a sua filha,
Também sua namorada!

Mandou fazer altas torres,
Todas de muros cercadas (1);
O pão era por onça,
A sardinha era salgada;
Daí a sete anos (2)
Já lhe a sêde apertava;
Assubiu a altas torres
Só p'ra ver quem avistava:
Avistou a sua mãe
Numa varanda assentada.

—Minha mãe, que Deus me deu, (3)
Deus lhe salve a sua alma:
Por amor de Deus lhe peço
Que me dê um copo d'água. (4)
—Ó filha amaldiçoada,
Como te hei de eu dar a água?
Que teu pai jurou um dia
Na ponta da sua espada:
Quem der água a Baldebina,
Tem a cabeça cortada!
Assubiu a altas torres
Só p'ra ver quem avistava:
Avistou o seu pai
Numa sala a passear.
—Ó meu pai que Deus me deu (5),
Deus lhe salve a sua alma:
Por amor de Deus lhe peço
Que me mande um copo d'água.
—Como te hei de eu dar a água,
Ó filha amaldiçoada?
Pedi-te a tua mão direita . . .
Disseste que ma não davas.
—Tome lá a minha mão direita
E a esquerda também,
Só lhe peço que me mande
Um copo d'água por alguêm (6).
—Vai Carlos a toda a pressa (7)
Buscar água a Baldebina;
Trá-la num calis dourado,
Num copo de prata fina.

Quando D. Carlos chegou,
Baldebina suspirava,
Sua mãe estava do lado,
Sua irmã lhe alumiava.
Vejam que caso tam certo,
Dito pelo Padre Eterno:
Baldebina a cantar c'os anjos,
O pai a arder no inferno (8)!

---

(1) P'ra Aldininha estar fechada».

(2) «Ao fim dos oito dias».

(3) «O' mamã que Deus me deu».

(4) «Dais-me vós um jarro d'água?
Que se me aperta a vida,
Que o meu coração se me abrasa!»

(5) «O' papá que Deus me deu.»

(6) Vê-se que esta parte foi introduzida recentemente para estabelecer uma ligação. Os romances, embora não estejam tam sujeitos como as novelas a modificações, sofrem de longe a longe a acção do meio e das pessoas, e até a influência de outros romances.

(7) «Correi pretos, correi brancos,
Buscar água a Baldebina;
O copo d'ouro . . .
E o prato de prata fina.
O primeiro que chegar
Recebe uma prenda minha.

(8) A moralidade final talvez seja da própria informadora, uma mulher já edosa, que aprendeu o romance em criança numa freguesia do concelho de Braga.

3

D. Carlos (1)

Mal hajas tu rainha,
Mal haja a tua geração:
De sete filhas que temos,
Nenhuma saiu varão.

A filha mais nova,
Estando num quarto,
Ouvindo, diz:—Sou varão;
Dê-me espada e cavalo,
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens o cabelinho grande...
De dia te conhecerão.
—Dê-me umas tesouras,
Que êle vai já ao chão;
Dê-me espada e cavalo,
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens o passinho miudo...
Filha, te conhecerão.
—Eu o *fazerei* maior,
Quando for ocasião;
Dê-me espada e cavalo
Qu'eu sirvo de capitão.
—Tens os olhinhos pequenos,
Filha, te conhecerão...
—Eu os *fazerei* maiores
Quando for ocasião;
Dê-me espada e cavalo
Qu'eu sirvo de capitão.
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir feirar;
Se êle for rapariga,
Às fitas ha de atentar.
—Que lindas fitas, D. Carlos,
Para uma moça trajar!
—Que lindas espadas de sargento
P'ra um homem guerrear (2)!
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir jardinar;
Se êle for rapariga,
Às flores ha de atentar.
—Que lindas flores, D. Carlos,
P'ra uma dama cheirar!
—Que lindas *limas* de sargento
P'ra um homem trajar (3)!
—Eu morro, minha mãe, morro,
Eu morro do coração;
Os olhinhos de D. Carlos
São de mulher, d'homem não.
—Convida D. Carlos, meu filho,
P'ra contigo ir nadar;
Se êle for rapariga,
Aí se ha de arrecear (4).
. . . . . .
—Sete anos andei na guerra

---

(1) À *Donzela que vai à guerra* dão vários nomes: *Dom Martinho de Arisado, Dona Leonor, Dom Carlos, Dom João, Dom Barão* ou *Dom Varão*. V. Garret., *Romanceiro*, t. III, pág. 69; T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 8 e notas; *Rev. Lus.*, IX, 287 e 300, e P. F. Tomaz, obra cit., pág. 19.

Em Montalegre colheu o aluno a que me tenho referido um romance sôbre o mesmo assunto com o nome de—*Leão Marques*.

(2) «Ó que lindo cavalo de sargento
Para um homem cavalear!»

(3) «Que linda espada de sargento
P'ra um soldado guerrear!»

(4) *Agora não é verso*, explica-me a rapariga que me ensinou o romance: Escreveu D. Carlos ao pai, a pedir que à hora do banho lhe mandasse dois cavalos, e uma carta, dizendo que a mãe era morta e o pai estava a morrer. Chegaram os dois cavalos e D. Carlos pronunciou aquelas últimas palavras: «Sete anos...»

Sem ninguêm nada dizer;
Ao fim dos sete anos,
Um capitão me veio a conhecer [1].

4

O Conde d'Alemanha [2]

Estando eu na minha sala,
Dobando seda amarela [3],
Veio o conde d'Alemanha,
Três fios me tirou dela.
. . . . . .
— Cala, cala, minha filha,
Não te dês pelo pesar [4];
É um rapazinho novo . . .
Fez-te isso para brincar.
— Valha-lhe um corno o seu brinco,
E mais o seu brinquedar,
Que me pegou por um braço,
À cama me quis levar.
. . . . . .
— Venha, venha, minha mãe,
À janelinha do meio;
Venha ver o senhor conde,
Que dá braços ao passeio.
Venha, venha, minha mãe,
À janelinha do canto;
Venha ver o senhor conde,
Todo vestido de branco.

5

a) Claralinda [5]

Estando eu no meio
Do meu jardim assentada,
Botei os olhos p'r'ó mar,
Vi vir uma linda armada.
— Capitão que nela vais,
Que a levas tam guiada . . .
— A menina, que diz isso,
Alguma coisa traz nela . . .
— Trago lá o meu marido
Há sete anos na guerra.
— Diga-me, minha menina,
Os sinais que êle levava.
— Levava cavalo branco,
Em cima seda amarela [6];
Na ponta da sua lança,
Sua bandeira de guerra.
— Pelos sinais que me dais
Lá ficou morto na guerra.
Debaixo dum lírio branco
Sete facadas lhe deram;

---

(1) *Agora não é verso*, repete a informadora: O pai da donzela que foi à guerra mandou fazer-lhe um vestido, igual ao das outras filhas, e ofereceu um jantar, (onde esteve o *capitão*), prometendo que se êste distinguisse a donzela pretendida, lha daria em casamento. O *sargento* conheceu-a pelos olhos e casou com ela.

(2) Cfr. Garret, *Romanceiro*; T. Braga, *Romanceiro*, pág. 29; e *Rev. Lus.* IX, 311.

(3) «Vestidinha de amarelo.»

(4) «Nem disso tenhas pesar.»

(5) O núcleo do romance é o da «*Bella Infanta*» que Garret considera como «a mais geralmente sabida e cantada das nossas xácaras populares.» — Cfr. T. Braga, *Romanceiro Geral*, pág. 124; *Rev. Lus.* IX, 283, 294, 312, 318 e 320. No *Romanceiro* de Garret, *Claralinda* é a filha do rei que tem amores com o conde, e que é denunciada pelo pagem.

(6) «Em cima sua sela dourada.»

A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.

—Eu vou-me por essa rua,
Quem me a mim ouvir chorar,
Chama-triste viúva!
Eu vou-me por essa estrada,
Quem me a mim ouvir chorar,
Chama-triste desgraçada!
—Quanto deras vós senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Dera-vos tanto dinheiro
Que o não *saibas* contar (1).
—Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhar;
Quanto deras mais senhora
A quem *vos* trouxera aqui?
—Dera-vos laranjeira doce
Que tenho no meu jardim (2).
—Não quero vossa laranjeira,
Que não serve para mim;
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Três meninas que eu tenho,
Todas três te dera a ti:
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais bonitinha delas
Para convosco casar.
—Não quero vossas meninas,
Que vos custaram a criar;
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Três moinhos qu'eu tenho,
Todos três vos eu dera:
Um que mói cravo,
Outro que mói rosa,
Outro que mói canela.
—Não quero vossos moinhos,
Isso p'ra mim nada serve (3);
Quanto deras mais, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Nem tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir...
—Só quero o vosso corpo
Uma hora para dormir.
—Maroto que tanto pede
Merece ser arrastado,
De roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavalo.

Descei, ó moços, cá abaixo
Vinde vós dar *o pago* (4).
—Os vossos moços, menina,
Não *ergue* às mãos para mim:
Se êles são vossos criados,
Êles moços são de mim (5);
Se queres ver o teu marido,
Êle está ao pé de ti.
—Se tu és o meu marido,
Para que falaste assim?
—Era a ver Claralinda
O *bem* que tinhas de mim.
Anel de sete pedras,
Qu'eu contigo reparti,
Deixa ver a tua metade,
Pois a minha ei-la aqui (6).
—Deixa vir o pai da missa,
Que êle *diz* se isso é assim.

---

(1) «Dera-vos rasas de dinheiro,
Quantas pudesses medir.»

(2) «Dava-vos os meus telhados,
Que são d'ouro e marfim.»

(3) Reconhece-se que a frase foi construida para substituir um verso que esqueceu. No *Romanceiro* de T. Braga ha o verso:

«*Não me servem para mim.*»

(4) *Dar o pago* é dar o castigo. *Has-de ter o pago*, has-de ser castigado.

(5) Êstes versos são semelhantes aos do—*Bernal Francês*—quando o marido surpreende a mulher em tentativa de adultério. V. *Romanceiro* de Garret.

(6) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 215 e 216.

b) D. Carolina

Senhora D. Carolina,
No seu jardim assentada,
Seu pente d'ouro na mão,
Seu cabelo penteava.
Botou os olhos ao mar,
Viu uma *bela* branca armada;
Capitão que nela vinha,
Muito bem a governava.

—Diga-me o senhor capitão
Se lá viu o meu marido.
—Diga-me ó minha senhora:
Êle que sinais levava?
—Levava cavalo branco,
Com sua *cilha* amarela;
Na ponta da sua espada,
Uma bandeira de guerra.
—Êsse homem lá o vi
Com vinte e cinco facadas,
A mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada.
—Ai de mim, pobre viúva,
Ai de mim, que estou desgraçada!
Com três filhinhas que tenho,
Nenhuma delas está casada.
—Quanto deras vós, senhora,
A quem *vos* trouxera aqui?
—Dava-lhe uma p'r'ó vestir,
Dava-lhe outra p'r'ó calçar,
A mais bonitinha delas
Para consigo casar.
—Não quero as suas filhas
Que não me *converte* a mim;
Sou soldado, vou p'r'à guerra
Não *existo* por aqui.
Quem me dera dar um beijo
Nesse teu corpo gentil!
—Cavalheiro, que assim fala,
Devia ser arrastado
À roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavalo.
. . . . . .
—Anel com sete pedrinhas
Que eu contigo reparti,
Deixa ver a tua metade
Que a minha tenho-a aqui.
—Minha metade perdi-a
Na manhã de S. João,
A colher florzinhas
Para a Senhora da Conceição.
Não é pelo anel,
Mas é pelo que dirão,
Que eu que sou uma perdida
Que perco quanto me dão.
Anel que me tu deste
Está no largo da Trindade;
Era-me largo no dedo,
Apertado na amizade [1].

---

[1] A última canção é uma variante dum tema muito espalhado.

Cfr.: 1 Anel que me tu deste
Era de vidro e quebrou;
O bem que me tu queres,
O anel o demonstrou.

2 O anel que me deste
Era de vidro, quebrou;
Assim dure a tua vida
Como o anel durou!

3 Anel das sete pedras,
Salta fora do meu dedo;
Tu foste o causador
De eu tomar amores tam cedo.

4 Anel que me tu deste
Era de vidro, quebrou;
Agora, Manuelzinho,
O nosso bem acabou.

Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pag. 430 e 293; *Rev. Lus.* X, 137; *Trad. pop.* cit., pag. 215.

c) O anel das sete pedras (1)

. . . . . .
—Ai de mim, triste viúva,
Que estou desgraçada;
Se até agora era senhora,
Agora vou ser criada!
—Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
—Dava-lhe tanto dinheiro,
Que não haveria fim.
—Não quero vosso dinheiro,
Que vos custou a ganhar;
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
—Dava o meu cavalo branco,
Que não ha outro igual.
—Não quero o vosso cavalo,
Que vos custou a criar;
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui?
—Dava-te três meninas,
Que estão debaixo dum laranjal,
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
Outra no meio a chorar,
A mais formosa de todas,
Contigo a hei de casar,
Uma para te lavar os pés,
E outra para *arranjar* (2):
Todas três são minhas filhas.
—Não quero as vossas filhas,
Que vos custaram a criar.
Quanto dava Vossa Senhoria
A quem o trouxera aqui (3)?
. . . . . .
—O homem que me pede um beijo
Devia ser arrastado,
De roda do meu poço,
Ao rabo do meu cavalo.
—Que é do anel das sete pedras
Que eu contigo reparti?
Amostra a outra metade,
Que a minha está aqui.
—A minha metade perdi-a
Na manhã de S. João,
A apanhar as florzinhas
P'r'à Senhora da Conceição (4).

6

O Cego (5)

—Minha mãe acorde,
Dêsse seu dormir;
Venha ouvir um cego
Cantar e pedir.
—Se êle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o triste cego
Seguir o caminho.

---

(1) A rapariga que me contou o romance na Trofa começou por dizer: «Um capitão foi para o Brasil e deixou repartido com a mulher um anel de sete pedras que tinham comprado. A mulher andava sempre a ver quando vinha *um vapor* (sic) e *ondro* e o marido nunca chegava. Uma vez viu vir um vapor com um homem que era o dela mas que tinha escondido o anel para ela o não conhecer.

Preguntou ela ao homem: —Não viu por lá o meu marido? —Êle que sinais levava? —Levava burro branco e fita amarela na ponta da espada. —Êsse homem lá o vi com vinte e sete facadas; a mais pequena delas era a cabeça cortada.»

—Como vimos noutro exemplo acima, o povo, quando a memória falha, avisa. «Agora não é verso» e faz a narração como se tratasse duma novela em prosa

(2) Isto é, para arranjar a casa. O passo parece roubado à «*Nau Catrinela*», e uma transição para a prosa, motivada pela falta de memória do narrador.

(3) Depois a mulher diz: —«Peça lá o senhor *por bôca*, que eu já não sei o que lhe hei de prometer mais. —Queria um beijo dêsse lindo corpo.»

(4) Os últimos versos foram introduzidos recentemente.

(5) Cfr. Garret, *Romanceiro*, T. III, pag. 191, e T. Braga, *Romanceiro Geral*, pag. 55.

—Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
—Pega na tua roca,
Pega no teu linho;
Vai ao triste cego
Ensinar o caminho.

— Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho;
Vá o triste cego
Seguindo o caminho.
—Venha mais *adente*
Venha mais alêm;
Sou curto da vista,
Eu não vejo bem.

— De condes e duques
Eu fui perseguida;
Agora dum cego
Me vejo vencida!
—Não me chames cego,
Porque eu não no sou;
Sou o mesmo duque,
Que te desafiou.
—Adeus minha mãe,
Adeus minha terra;
Adeus minha mãe,
Que tam falsa me era.
Adeus minha mãe,
Adeus meus pombais;
Adeus minha mãe
Para nunca mais.

7

Santa Iria (1)

—Estando eu cosendo
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Passou um cavaleiro,
Pedia pousada.
Eu não lha dei
Que não governava;
Se lha meu pai desse,
Estava *bim bem* dada (2).
Deu-lha a minha mãe
Por ser confiada....
. . . . . .
—Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte,
Serei teu romeiro.
—Perdoar-te a morte,
Ladrão carniceiro,
Que do meu pescoço
Fizeste carneiro.
. . . . . .

8

A Nau Santa Catarina (3)

. . . . . (4)
Botaram as sete sortes
Quais haviam de matar;
As sete sortes cairam
No capitão general!

Todos *erguero* a espada
Para o capitão matar;
Capitão ergueu a sua
Para seu corpo livrar.

---

(1) V. Garret, *Viagens*, Cap.os XXIX e XXX; T. Braga, *Romanceiro Geral*, pag. 45 e seg..

(2) *Bim bem*, muito, mui. O povo usa freqüentemente: «*Foi bim bem*» — foi muito, foi demasiado.

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, IX, 281 e 319; Garret, *Romanceiro*, T. III, pag. 97; T. Braga, *Romanceiro*, pag. 23.

(4) «A nau estava há sete anos parada, tinham comido tudo o que levavam, até a sola; não tinham mais que comer.»

Dali ouviu uma voz:
— Quanto deras capitão
A quem te ponha em Portugal?
— *Dera-vos* tanto dinheiro
Que o não *saibas* contar.
— Não quero vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar;
Tens de dar a mão á palma . . .
Só quero a tua alma.
— Arrenego-te eu ó demónio
E à tua má palavra,
Que a minha alma é de Deus
E da Virgem Mãe sagrada.

Palavra não era dita,
Já o navio andava.
Ó nau de Santa Catarina,
Alegre que és *aparecido,*
Ha certos autores que *diz*
Ó nau que eras *perdido* (1).

9

Donzela (2)

Eu amava uma menina,
Era orfã, não tinha pai;
Era uma pomba sem fel,
Vivia com sua mãe.
A sua mãe não queria
Que a filha amores tivesse;
Namorava às escondidas
Pera qu'ela o não soubesse.
Ali andou nove meses
Sem nunca haver novidade;
Numa hora repentina
Deu-lhe Deus uma enfermidade:
Era uma moléstia que andava,
Chamada a febre amarela;
Por espaço de três dias
Toma a morte posse dela.
Chama a mãe à cabeceira,
Lhe pede com grande dor:
— Não posso dar a alma a Deus
Sem despedir do amor.
P'ra lá mandou a criada,
Logo no próprio dia:
— Anda ver a tua amada,
Está na ânsia da agonia.
Peguei no chapéu na mão,
A criada acompanhei;
Tamanho foi o caminho
Que *inté* lágrimas botei.
Logo que cheguei aos portais
Vi tudo espavorido;
Vi as janelas fechadas,
Pensei que tinha morrido.
Cheguei ao tôpo da escada,
Não ouvi nem ai gemido.
— Responde ó pomba sem fel,
Achei que tinhas morrido.
Subi mais para cima,
Ao seu leito me encostei.
— Mandeste-me vir? — Mandei!
Toda a noite esteve à vela:
— Não tiveste por pecado
Enganar uma donzela?
Se passares ó cemitério,
No dia do meu entêrro,
Dize à terra que não coma
As tranças do meu cabelo.
Ó morte, ó cruel morte,
A mim me deixou no mundo;
Levaste a minha amada
Para êsse abismo profundo.
Ó morte, ó cruel morte,
De ti tenho mil queixas.
Quem tens de levar, não levas,
Quem has de deixar, não deixas.

---

(1) Note-se o gênero de nau. V. Cap. VI, n.º 89 dêste trabalho.

(2) Êste *fado* (é o nome que lhe dão as minhas informadoras) é muito conhecido em Santo Tirso. Dizem-me que foi ouvido aos cegos.

É possivel também que *Donzela* — fosse aprendido num dos muitos *folhetos* que possuem os curiosos, e depois adaptado à linguagem e costumes de Santo Tirso.

Ó morte, tirana morte,
Que negra morte me *destes!*
Que a minha amada *levastes*
P'r'à sombra dos *aciprestes.*

Ó morte, tirana morte,
Ó morte, tirana, sim;
Levaste a minha amada,
Leva-me também a mim [1].

10

Pastorinha

—Deus te salve pastorinha
Que vosso gado guardais.
—Venha com Deus passageiro,
Deus salvado sejais.
—Eu salvei e tu salvaste,
Cumprimos nosso dever.
—Foi criação que me deram
De eu a tudo responder.
—Se tu queres pastorinha,
Deixa ficar o teu gado;
Vem na minha companhia,
Que eu serei o teu amparo.

—Eu consigo não vou:
Sendo na serra nascida,
Que hei de fazer na cidade
Sem lá ter modo de vida?
—Comeres e beberes
E andares asseada;
Bonda a formosura,
Não é preciso mais nada.
—Adeus pais, adeus manos,
Adeus gado que eu guardei,
Que eu vou para a cidade
Casar c'o filho do rei [2].

VIII

Cancioneiro

1

Esta aldeia do Paranho [3]
Nem é vila, nem aldeia;
E' uma cidade nova
Onde o meu amor passeia.

2

Raparigas de Fontela, [4]
Que ha de ser de vós agora?
A'strada 'stá-se àcabar,
Os Galegos vão-se embora.

---

(1) A última parte é formada de canções que se ouvem isoladamente. V. Tomaz Pires, *Cantos*, t. I, pag. 35 , e *Rev. Lus.* IX, 257.

(2) Cfr. *Os pastorinhos irmãos*, *Rev. Lus.* IX, XXVIII.

Tenho em meu poder uma versão diferente da *Pastorinha*, colhida em Montalegre pelo aluno Moraes Caldas.

(3) Paranho é uma aldeia onde fica a estação da Trofa.

Cfr. *Rev. Lus.*, X, 127.

(4) Fontela é uma povoação da freguesia de Areias. Os galegos andavam na construção da estrada do caminho de ferro de Guimarães.

O epigrama nasceu quando, terminada a estrada, retiraram os trabalhadores.

3

A' beira do rio Ave
E' um regalo morar;
Quem tem sede, vai beber,
Quem tem calor, vai nadar (1).

4

O' luar alumiai-me,
O' estrêlas dai-me luz;
Eu quero ir ao serão
A S. Tiago da Cruz (2).

5

Eu hei de mandar fazer
Um barquinho à ligeira,
Para mandar saudades
De P'radela p'r'Abelheira (3).

6

Rapazes, quando eu morrer,
Mandai-me fazer a cova,
Forradinha de vermelho
No adro de Vila Nova (4).

7

Tenho um amor em Alfena,
Outro em Penafiel,
Um na aldeia de Lousado (5),
Que se chama Manuel.

8

Adeus cidade da Trofa,
Breve te estou a deixar;
A maior pena que tenho
E' do amor cá ficar.

9

Já fui canário do rei,
Já te cantei na gaiola;
Agora sou pintassilgo
Das môças de Vila Nova.

10

A aldeia de P'radela
E' um centro bem airoso;
Quem nele tomar amores,
Hade se dar por ditoso.

11

O' aldeia de P'radela,
Deixar-te muito me pesa;
Ainda espero de voltar
Ao centro da natureza (6).

12

Bougado (7) e S. Martinho,
Lousado e Ribeirão (8);
Nestas quatro freguesias
Navega o meu coração (9).

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pag. 279, e *Rev. Lus.* X, 134.
(2) Freguesia do Concelho de Famalicão.
(3) Aldeias da freguesia de S. Martinho de Bougado.
(4) O povo chama vulgarmente *Vila Nova* a Vila Nova de Famalicão.
(5) Lousado pertence ao concelho de Famalicão.
(6) Outra versão começa — «Freguesia de Areias.»
(7) S. Tiago de Bougado.
(8) Freguesias de Famalicão, vizinhas das outras.
(9) Eis uma variante:

Santa Marinha e Seide,
S. Paio e Requião;
Nestas quatro freguesias
Navega o meu coração.

13

Bougado é boa terra,
Mas falta lá boa gente;
S. Martinho leva o ramo,
Graças a Deus para sempre.

14

Senhora do Pilar,
Senhora da Abadia;
Morreu o Zé Patrão (1),
Já não casa a Freguesia.

15

Quem for a Barrimau
Leve contas de rezar,
Que lá é o Purgatório,
Onde os frades vão penàr (2).

16

Freguesia de Areias,
Cercada de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

17

Minha terra, minha terra,
Minha terra não a nego;
Minha terra é Landim
Onde os meus olhos *navego*.

18

Adeus terra de Landim,
Terra de murmuração,
Onde se *faz* as *audências*
Sem letrado, nem 'scrivão.

19

Adeus terra de Landim,
Terra da minha paixão,
Onde eu tenho o meu amor
Da raiz do coração.

20

Tenho um amor em Areias,
Tenho outro no Barreiro (3);
Tenho outro em Landim,
Êsse é o mais verdadeiro.

21

Vila de Santo Tirso,
Cercada de lampiões,
Onde vão os guitarristas
Afinar os violões.

22

Vila Nova já foi vila,
Agora é um chiqueiro;
Quem quiser môças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.

---

(1) O Zé Patrão era viúvo e preparava-se para casar com uma mulher chamada Freguesia, quando morreu. A quadra ouviu-se logo depois da morte.

(2) Variante:

Se fores a Landim,
Leva contas para rezar,
Que lá é o Purgatório
Onde as almas vão penar.

A aplicação da forma a Barrimau vem duma judiaria feita a um frade nessa casa da freguesia da Lama — judiaria que foi contada um pouco romanticamente na citada revista — «*O Ave*».

Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 133, e *Rev. Lus.* X, 191.

É êste um dos casos mais interessantes das modificações provocadas, numa canção popular ou popularizada, pelo meio ou pela aplicação a diferentes casos.

(3) *Barreiro* — lugar da freguesia de Areias.

23

Vila Nova, Vila Nova,
Vila Nova pequenina;
Se não fôra Vila Nova,
Vila Nova era minha.

24

Eu vou-me daqui embora,
Minha terra é Landim;
Meu amor, se te eu faltar,
Não te apaixones por mim.

25

Nas Lameiras não há môças (1),
Em Areias ha um *rôr* delas,
No Barreiro há algumas,
Na Palmeira, um ramo delas.

26

Freguesia de Areias,
Terra da minha paixão,
Onde tenho o meu amor
Da raiz do coração.

27

A freguesia da Lama (2)
Tem vinte e cinco quintais;
Ainda ontem lá passei,
Tem dezoito, não tem mais.

28

Tanta vez te disse adeus
Ao sair do Pôrto fora;
Bem podias entender
Eu que me vinha embora.

29

Todolos dias lhe trago
Um bom almôço de leite,
Um molete de Valongo:
Assim o senhor mo aceite!

30

Adeus, cidade do Pôrto,
Adeus, rua da Batalha;
Adeus fábrica da sêda,
Onde o meu amor trabalha (3).

31

O' que pinheiro tam alto!
Quem lhe há de colher as pinhas?
E' uma menina do Pôrto,
Que se chama Mariquinhas.

32

O' que pinheiro tam alto!
Quem lhe há de colher a rama?
E' uma menina do Pôrto,
Que se chama Mariana.

33

O' coração de três penas,
Dá-me uma, quero voar;
Que eu vou ao Brasil e venho,
Na vinda torno-ta a dar.

34

Atirei uma laranja
Por cima de Braga fora;
Adeus Braga, adeus cidade,
Adeusinho, vou-me embora (4).

---

(1) Lameiras — lugar da freguesia da Lama.
(2) A freguesia da Lama é muito pequena.
(3) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 375.
(4) Cfr. a seguinte quadra colhida em Montalegre:

«Atirei com a laranja ao ar
Por cima de Chaves fora;
A laranja caiu dentro,
Adeus Chaves, vou-me embora.

35

Adeus, cidade do Pôrto,
Adeus, rua do *Lòreiro;*
Adeus, menina bonita,
Que eu vou para o Limoeiro.

36

Quem me dera ir para o Pôrto,
Que eu no Pôrto era alguêm!...
Quem me dera a liberdade
Que as môças no Pôrto teem!...

37

Se o mar tivesse varandas,
Ia-te ver a Lisboa;
Mas o mar não tem varandas,
Quem não tem asas não voa [1].

38

Vou-me daqui embora,
Vou-me p'r'à Ramada Alta;
Assim que me eu for embora,
Sentireis a minha falta.

39

Daqui a Braga é longe,
Não chegam lá meus suspiros;
Quando êles lá *chegar,*
Vão mais mortos que vivos.

40

Ó Vila Rial alegre,
Ninguêm te quer mais do que eu;
Bonda tu seres o centro
Onde o meu amor nasceu.

41

Adeus, ó Penafiel,
Ó feira de S. Martinho;
P'r'ó ano que cá volte,
Venho comprar um burrinho.

42

Fui a Santarêm por terra
Por ver o Santo Milagre;
Nunca vi terra tam santa,
Nem gente de tanta maldade!

43

Oliveira do Brasil,
Atira para cá um ramo;
Meu amor é teimoso,
A teima dura-*le* um ano.

44

Tenho passeado terras,
Já fui ao Brasil e vim;
Já fui amada dum anjo,
Querida dum serafim.

45

—Dizes que me não queres,
Eu que não tenho dinheiro;
Tenho o meu pai no Brasil,
Sou filha dum brasileiro.

—Coitadinha de ti, môça,
Como vives enganada!...
Teu pai não te dá dote,
Eu não te quero sem nada.

46

Vós *dezeis* que não há rosas
Lá no Rio de Janeiro;
Inda onte vi uma
Ao peito dum brasileiro.

47

O meu amor é do Pôrto,
É meio *acidadão;*
Vem afeito a *omelete,*
Não me quer comer o pão.

---

(1) Esta quadra é muito conhecida com o segundo verso — «Ia-te ver ao Brazil.»

48

Senhora das Dores da Maia [1],
Para o ano lá hei de ir;
Ou casada, ou viúva,
Ou criada de servir.

49

. . . . . .
Eu para o ano lá vou;
Ou casada, ou solteira,
Ou no *ajo* [2] em que estou.

50

. . . . . .
E o vosso terreiro varrido;
Eu para o ano cá venho,
Cá o deixo prometido.

51

Senhora de Valinhas [3],
Não vos torno a rezar,
Que me tiraste as merendas,
As horas de eu descansar.

52

Milagrosa Santa Eufémia,
Lá do alto da Carriça;
No dia da vossa festa
Quantos ficarão sem missa!

53

Milagrosa Santa Catarina,
Aqui tendes as romeiras [4];
Se as não quereis casadas,
Aqui as tendes solteiras.

54

. . . . . .
De longe vos vim ver,
Que vós destes a saude
A quem 'stava p'ra morrer.

55

. . . . . .
Vinde ao meio da igreja,
Que vos quero adorar
Onde toda a gente veja [5].

56

. . . . . .
As costas vos vou virando;
As entradas foram hoje,
As saidas não sei quando.

57

Santo Amaro de Paredes [6]
Tem uns sapatinhos brancos,
Para conversar as môças
Domingos e dias santos.

---

(1) A romaria da Senhora das Dores realiza-se em S. Martinho de Bougado, perto da estação da Trofa.

(2) A palavra *ajo* (= estado) pode ver-se como *pop.* no *Novo Dicionário*, 2.ª edição.

(3) A Senhora de Valinhas, talvez a romaria mais pitoresca de Santo Tirso, realiza-se num espaço coberto de carvalhos por trás da serra de Monte Córdova.

(4) As romeiras vão cantando em cumprimento de alguma promessa pela cura dum *doente* do *juizo*.

(5) Pelo Natal, quando se dá o menino Jesus a beijar, canta-se em Areias esta quadra, mas principiando:

«Ó meu menino Jesus
. . . . . .

(6) A ermida de Santo Amaro, onde há uma romaria fica na freguesia da Carreira, Famalicão.

58

. . . . . .
É padrinho de Maria;
Eu *também* sou afilhado
Da Senhora da Abadia.

59

Senhora da Abadia [1]
Tem uma fita no braço,
Quê le dero os anjinhos
A 25 de Março.

60

. . . . . .
Tem uma fita no pé,
Quê le dero os anjinhos
No dia de S. José.

61

Ó Senhora da Assunção [2],
A vossa benção me dai;
Entregai a minha alminha
A nosso eterno pai.

62

. . . . . .
Que no alto estais,
Cercadinha de anjos,
Bendita sejais.

63

. . . . . .
O caminho pedras tem;
Se não fosse o vosso milagre,
Não viria cá ninguêm.

64

. . . . . .
Dai-me água da vossa fonte,
Que eu já venho cansadinha
De *assubir* ao vosso monte.

65

Ó Senhora d'Apar'cida [3],
Em toda a terra me apareça;
Hoje vos venho adorar,
Nunca de mim se esqueça.

66

Senhora do Sameiro,
Deita fitas a voar;
Bormelhinhas e branquinhas,
Todas vão cair ao mar.

67

Senhor da Serra ajudai-me,
E Senhora do Sameiro;
Hei de comer e *bober*,
Há de ser *co'o* meu dinheiro.

68

Hei de ir ao Senhor da Serra,
Aindas que me leve um mês;
Quero ver o milagre,
Que o Senhor da Serra fez.

69

Fui ao S. João a Braga,
Só p'ra ver a romaria;
Põe-te a pé, ó S. João,
Põe-te a pé, que já é dia.

---

(1) A Senhora da Abadia no Alto Minho é uma das romarias mais afamadas do ano.

(2) A Senhora da Assunção é uma capelinha moderna no prolongamento do Monte Córdova, fronteiro a Santo Tirso.

(3) A Senhora da Aparecida, muito frequentada pelos apaixonados de romarias, fica para os lados de Lousada.

70

. . . . . .
Vi tudo embandeirado;
Isto tudo são bandeiras,
Que S. João tem ganhado.

71

Se fores ao S. João,
Traz-me um S. Joãozinho;
Se não puderes c'um grande,
Traz-me um mais *pequeninho*.

72

S. João para ver as môças
Fez uma fonte de prata;
As môças não passam lá,
S. João todo se mata.

73

Donde vens, ó S. João,
Co'a capa côr de rosa?
Venho de ver as fogueiras
Do terreiro d'Areosa.

74

S. João é santo,
Quem me dera ser assim!
Vamos ver o baptizado
Ao S. João de Landim.

75

S. João, de Deus amado,
Santinho, de Deus querido;
Deparai a minha saude
Neste copinho de vidro.

76

Querido Anjo da Guarda,
Minha guia, defensor;
Rogai sempre a Deus por mim
Por qualquer parte que for.

77

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu menino do céu;
Tendes cabelinho de ouro,
Não precisais de chapéu.

78

Senhora da Guia,
Sempre me guiai,
Para o caminho do céu,
Bendita sejais.

79

O Snr. P. Figueiras [1]
Diz-me que me ha de dar o dote;
Se mo há de dar em vida,
Dê-mo na hora da morte.

80

Santa Tereza de Jesus,
Menina de cinco anos,
Escreveu a Jesus Cristo
Que o mundo que era de enganos.

81

Ó que lindo baptizado
Lá no rio de *Gerbon!*
S. João a baptizar Cristo,
Cristo a baptizar João.

82

Que passarinho é aquele
Que canta na carvalheira?
É o galo do abade
A sair da capoeira.

83

Que passarinho é aquele
Que nos faz ameaços?
C'o biquinho pede beijos,
C'o as asas pede abraços.

---

[1] Cfr. Cap. v, 12.

84

Atira, mano, atira,
À pomba que anda na eira;
Ah ladrão que a mataste!
Era a minha companheira . . .

85

Ó malhão, malhão,
Ó malhão da pêga,
Tem o rabo branco,
A cabeça negra.

86

Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido;
Indas que seja de penas,
Eu em penas também vivo.

87

A rolinha se queixou
Que lhe alagaram o ninho;
Para que o fizeste rôla
Na beirinha do caminho?

88

Tenho à minha *jinela*
O que tu não tens à tua:
Um cravo roxo pintado,
Que *alumeia* toda a rua.

89

Rosa branca toma côr,
Não sejas tam desmaiada;
Onde vai rosa vermelha,
Rosa branca não és nada.

90

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem;
Cá debaixo ninguêm te chega,
Lá cima não vai ninguêm.

91

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar no botão;
A rosa depois de aberta
Todos lhe *quer* pôr a mão.

92

Da outra banda do rio
Tem meu pai um *castinheiro;*
Dá castanhas em Agôsto,
Uvas brancas em Fevereiro (1).

93

Da outra banda do rio,
Da outra banda de alêm,
Tem meu pai um *castinheiro,*
Que muitas castanhas tem.

94

Da outra banda do rio,
Da outra banda de lá,
Tem meu pai um *castinheiro*
Que bastantes castanhas dá.

95

A folha da tua lata
'stá *marela,* quer cair;
Tinha-la presa por pouco,
Bem te podia fugir.

96

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma;
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

97

Dizes que não pode ser
Silva verde dar um cravo;
Aqui o trago ao peito,
Com a mesma silva pegado.

(1) Cfr. cfr. T. Pires — *Cantos*, T. I, pág. 311.

98

Fui-me deitar a dormir
Debaixo da laranjeira;
Caiu-me uma flor em cima,
Ai Jesus que tam bem cheira!
Cheira a cravo, cheira a rosa,
À flor de laranjeira.

99

Tenho à minha janela
O que tu não tens à tua:
Um ramo de violetas
Viradinho para a rua.

100

Dá-me da tua merenda
Um bocadinho de pão,
Que eu vou para o limoeiro,
Atiro-te com um limão.

101

Esta noute à meia noute,
Nem meia noute seria,
'stava-se a apartar o cravo
Da rosa de Alexandria.

102

Deste-me uma pêra verde,
Havia de amadurar;
O que é verde, verde fica,
Tu querias-me enganar.

103

No meio daquele mar
Está uma pombinha branca;
Não é pomba, não é nada,
É o mar que se levanta.

104

Ó vida da minha vida,
Canta a sereia no mar;
Muitos navios se *perde*
De a sereia ouvir cantar.

105

O sol quando nasce é rei,
Às dez horas é morgado,
Ao meio dia triunfa,
À noute é que é sepultado (1).

106

Ó estrêla do norte
'spera por mim que já vou;
'spera p'ra me alumiar,
Já que o luar se acabou.

107

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azuis, olhos verdes;
Estas quatro castas de olhos
Em poucas caras os vêdes.

108

Vós chamais-me trigueirinha,
Trigueirinha engraçada;
Mais vale ser trigueirinha
Do que branca *romelada* (2).

109

Vós chamais-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Vereis-me lá para domingo
Como o botão da roseira.

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 165.

(2) Variante: «Do que branca descòrada» — cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 210, e *Rev. Lus.* X, 192.

110

Menina de amarelo,
Diga-me quanto custou,
Que me quero vestir dêle,
Já que tanto me agradou.

111

Subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí;
Se o limoeiro é morte,
Ai de mim que já morri!

112

Eu já fui ao céu em vida,
Já vi o que por lá vai:
Muita mulher sem marido,
Muito filhinho sem pai.

113

Meu amor, não morras hoje,
Que amanhã *tamêm* é dia;
Eu *tamêm* hei de morrer,
Vou na tua companhia.

114

Se eu morrer e tu morreres,
Morreremos nós ambinhos;
Ainda se ha de poder ver
Numa campa dois anjinhos!...

115

Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tam doce!...
Quem me dera morrer mais,
Se o morrer sempre assim fôsse!...

116

Ó sepultura tirana,
Terror que me há de comer!
Não sei a hora nem q'ando,
Mas bem sei que hei de morrer.

117

Já te rezei *pola* alma
Ó rainha das flores;
Já lá tenho esta candeia
Quando dêste mundo fores.

118

Manjericão da janela,
Já te podes ir secando;
Já morreu quem te regava
E eu já me vou cansando.

119

Já lá vai a *Delaidinha,*
Já lá vai, 'stá-se a enterrar;
A quem deixaria ela
A máquina de costurar?

Já lá vai a *Delaidinha,*
Já lá vai p'r'à sepultura;
A quem deixaria ela
O *çafate* de costura?

120

Se ouvires tocar o sino,
Não *pròguntes* quem morreu;
Vai ver ao cemitério,
Pode ser que seja eu.

121

Quando eu era pequena,
Que a minha mãe me embanava,
Eu logo 'stava *dezendo*
P'r'ó que minha mãe me criava.

122

Vai-te embora, roixinol,
Deixa o *lòreiro* em baga;
Deixa dormir a menina
Um sono *assossegada* (1).

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 36.

123

Vai-te embora, roixinol,
Deixa a baga ao *lòreiro;*
Deixa dormir o menino,
Que está no sono primeiro.

124

Quatro cousas quer o amo
Do criado que o serve:
Deitar cedo, e erguer cedo,
Comer pouco e ser alegre [1].

125

Vou-me embora de meu amo,
Não *le* devo nem uma hora;
Êle é que me deve a mim
O tempo que andei por fora.

126

Minha mãe é minha amiga,
Quando coze dá-me um bolo;
Quando se zanga comigo,
Dá-me com a pá do forno.

127

O' Maria, olha o pai
As calças novas que tem!
Cosidas com linha branca,
Olha como ficam bem!

128

Fostes dezer a meu pai
Que eu que andava còradinha;
Os anjos do céu me *leve*
Se esta côr não era a minha.

129

Minha mãe quando me teve
Cuidava que 'stava rica;
Agora quer-me matar
Com remédios da botica.

130

O' minha mãe, minha mãe,
Não me chame sua filha;
Chame-me uma desgraçada
Que neste mundo se cria.

131

Senhor pai, senhora mãe,
Dê-me a chave do jardim,
Que eu quero cortar um cravo
Para dar ao Joaquim.

132

Senhor pai, senhora mãe,
Dê-me a chave do dinheiro,
Que eu queria embarcar
Para o Rio de Janeiro.

133

Sim senhora, não senhora,
Foi a minha criação;
Foi a primeira doutrina,
Que a minha mãe me ensinou.

134

Coitadinho de quem nasce
No mundo p'ra ser mulher;
Se é bonita, é desgraçada,
Se é feia, ninguêm a quer [2].

135

A mulher é desgraçada
Até no vestir da saia;
Não ha desgraça nenhuma
Que aos pés da mulher não caia.

136

O' línguas *marmuradoras,*
Deixai-me sequer uma hora,
Que me tendes consumido
Desde que nasci até agora.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 124.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 160.

137

Disseste mal de mim
A quem mo logo contou;
Eu sempre quis bem e quero
A quem me desenganou [1].

138

Quem me dera a mim saber
O que de mim tendes dito;
Dezei o que vós quiseres,
Que eu quem era sempre fico.

139

Fostes *dezer* mal de mim,
Maldita língua danada!
Não *le* sabias *dezer*
Dessa mulher não sei nada?

140

Eu tenho muito dinheiro
Aqui na minha algibeira,
Mas não é para você
Que é muito chocalheira.

141

Quando Deus formou o mundo,
De barro formou Adão;
Também formou a mulher
Da costela dum cão.

142

Se tu queres que t'eu diga
Quem são os quatro ladrões:
São vendeiros e moleiros,
E letrados e *escrivões*.

143

O meu pai chama-se Caco,
Minha mãe Caca-Maria;
Eu sou um Caquinho novo,
Que nasci na Cacaria [2].

144

Hei de casar êste ano
C'um *home pequenico;*
Agarra-se-lhe pelas orelhas:
Arre p'r'àli macaquico [3]!

145

Ninguêm se fie nos *homes*,
Nem no seu doce falar;
Êles teem falas de açúcar,
Coração de rosalgar [4].

146

Ó minha caninha verde,
Ah! ah! olaré *qui atacho* [5]!
Caiu o burro c'os ovos,
Tudo são gemas por baixo.

147

Meu pai ralhou comigo
Por eu cantar e dançar;
Ó meu pai, nasci na borga,
Em borga hei de acabar.

148

O beijo que tu me deste
Sem teu pai, nem mãe saber,
Pega lá, já o não quero
Que já *lo foro dezer*.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 124.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 132.
(3) Variante:

Toda a mulher que se casa
C'um *home* que é pequeninho,
Toda a vida anda atrás dêle:
Anda ali meu macaquinho!

(4) Cfr. *Rev. Lus.* x, 137.
(5) Curiosa etimologia popular por *Carlaxo*.

149

O mar também é casado,
O mar também tem mulher;
'stá casado co'a areia,
Bate nela quando quer [1].

150

Que te importa o meu colete
E mais o meu tirante?
Comprei-o *co* meu dinheiro,
Não mo deu nenhum amante.

151

Menina, ata o cabelo,
Que êle atado 'stá-te bem;
Se não tiveres uma fita,
O carvalho vêrgas tem [2].

152

Regala-te, ó bonitinha,
Dum amor que já foi meu;
Agora colhe-*le* a rama,
Que a flor *le* colhi eu.

153

Coitadinha de quem vai
Ao jardim que outra tem ido;
Colher a mais ruim flor,
Arriscar-se ao maior p'rigo.

154

Eu tenho um colete novo,
Que é de abrochar ao peito;
Romendo, sôbre *romendo*,
Não sei do que êle foi feito!

155

Menina, *aibra-me* a porta,
Menina, *aibra-ma* bem;
Eu quero entrar lá dentro
A mais outros que aqui veem.

156

A viola sem a prima,
A prima sem o bordão,
O homem sem a mulher,
É como o caldo sem pão.

157

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum;
Por penitência me *dero*
Que tivesse ao menos um.

158

Senhor abade, eu pequei,
Cometi um grande pecado;
Eu comi à sexta-feira
Um franganito assado [3].

159

Deitei um cravo ao poço,
Fechado, saiu-me aberto;
E' um regalo na vida
Enganar a quem é 'sperto.

160

Meus senhores não se *admire*
De um macaco fazer renda;
Eu já vi uma *pirua*
Ser caixeira duma venda.

161

Pela manhã dão-me pêras,
Ao jantar pêras me dão;
A' merenda pão e pêras,
A' noute pêras e pão.

162

Chamaste ao teu cabelo
Dobadoira de dobar;
Eu *também* chamei ao teu
Sarilho de ensarilhar.

---

(1) Reproduzimos a quadra pelo interessante epigrama do fim.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 155.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* x, 195.

163

Meu amor, não morras hoje,
Deixa lá para quarta-feira,
Que eu hoje não tenho tempo
De ir chorar para a tua beira.

164

Toma lá êste raminho
De folhas de *carbinheiro*,
Cosidas com linha branca:
O retroz custa dinheiro...

165

Era duma vez um *home*
Que morava numa aldeia;
Não tinha mêdo à fome
Quando tinha a barriga cheia.

166

A moda da Margarida
Quem na havia de inventar?
Os prêsos da cadeia,
'stão à sombra, teem vagar.

167

O sinal da cruz do cão (1)

S'tira-te meu pé,
S'tende-te meu rabo,
E depare-me Deus
Mulheres descuidadas,
Portas abertas,
Taleigas desatadas;
E livre-me Deus
De salto de *jinela*,
Descaìdela de tranca
E testeira de tamanca.

168

Andais mortos por saber
Como se chama o meu *home*...
Chama-se o Calça Caída,
Marelo e de Cara de Fome.
Andais mortos por saber
Quem é o meu namorado...
Lá no Campo de Santana
Pròguntai pelo Cambado:
Êle das pernas é torto,
Das costas acorcovado,
Da cabeça é tinhoso,
Dos olhos *arremelado* (2).

169

O limão é *alvaada*
E outra qualquer peçonha;
Faz a cara afidalgada
A quem tem pouca vergonha.

170

Dezei-me o que *senofica*
Salsa verde nas paredes;
Senofica lialdade
E nesta época não a vêdes (3).

171

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de ser muito alegre;
Hei de mandar a tristeza
P'r'à maleita que a leve (4).

172

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de dar falas à toa;
Nem o cantar, nem o rir,
Não me tiram de ser bôa.

---

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 169.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* x, 202.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* x, 192, e T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 249.
(4) Cfr. *Rev. Lus.* x, 156, e T. Pires, *Cantos*, T. 1.º, pág. 146.

173

Eu ter de me ir confessar
É o que eu mais *arreceio:*
Tirar do meu coração,
Meter em peito alheio!

174

Quando te procuro, não te acho,
E sem procurar te achei;
Quantos morrem, não se enterram,
Eu sem morrer me enterrei!

175

Ó minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mato o meu corpo,
Não tenho nada de meu.

176

Hei de casar, hei de morrer,
Todos nós somos iguais;
Só nos teres dêste mundo,
Uns teem menos, outros mais.

177

Sou soldado artilheiro,
Ando sujeito à morte;
De sete irmãos que eu tive
Só a mim caiu a sorte.

178

Adeus terra *donde* eu nasci,
Nada mais tenho a dizer;
Me diz o meu coração
Vou à África morrer.

179

Ora vai, filhinho, vai
Deus vá em tua companhia;
Meu coração fica de luto,
Nunca mais tem alegria.

180

Assubi ao limoeiro
Colher uma só *bragasta;*
P'ra quem for entendido
Meio aceno *le* basta.

181

A cana verde no mar
Navega por aí além;
Foi palavra que Deus disse:
Quem tudo quer, nada tem.

182

Eu bem sei quem 'stá bem triste,
Podendo 'star bem alegre;
Quem por quinze perdeu trinta,
Quem tudo quer, tudo perde.

183

A cana verde no mar
Navega e não vai ao fundo;
Indas que eu queira não posso
Tapar a bôca ao mundo.

184

Eu *foi* a que disse ao sol,
Encostada *ó* solidão:
É bem tolo neste mundo
Quem tem dos *homes* paixão.

185

Canta o mocho no penedo,
A coruja no *carvascal;*
Quem se mete com má gente,
Arrisca-se a ficar mal.

186

Salsa da beira do rio,
Da beira do rio salsa;
Mais vale uma feia firme
Que uma bonita falsa.

187

Meu amor, procura agrados,
Não procures formosura;
Formosura sem agrados
É pior que a noute escura.

188

Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre;
A água me respondeu:
Quem tem amores não dorme.

189

Já pensavas em me eu rir
Que já me tinhas na mão;
Eu não sou tão rabaceira
Que coma *fruita* do chão.

190

No meio daquele mar
'stá uma pedra amarela;
Tem um letreiro que diz:
Quem ama, não considera.

191

O ferreiro bate o ferro,
Mora na beira do rio;
Não ha cousa mais custosa
Que é bater em ferro frio.

192

Meu amor, anda-me ver,
Que eu não te vou procurar;
A água procura o rio,
O rio procura o mar (1).

193

Ao passar à tua porta,
Vi o *quê* 'stavas fazendo;
'Stavas a falar de mim,
É mundo, vamos vivendo . . .

194

Mariquinhas tecedeira,
Tem o tear à janela;
Dá-*le* o vento, dá-*le* a chuva,
Todo o fiado *le* quebra.

195

Ó Amélia tecedeira,
Tens o tear à barriga;
Ao botar a lançadeira,
Perna abaixo, perna arriba.

196

Samiei no meu quintal
O brio das tecedeiras;
Nasceu-me uma rosa branca,
Cercada de lançadeiras.

197

Ó Amélia, ó Amélia,
Ó Amélia tecedeira;
Foi levar a teia ao Porto,
À rua da Laranjeira.

198

O' vida da minha vida,
Vida solteira, rial;
Quem me desta vida tira,
Faz um pecado mortal.

199

As môças p'ra ser môças,
Ninguêm *l'*há de pôr a mão;
Hão-de ser como a toupeira
Que anda por baixo do chão.

200

O' ingrato, tu já dormes,
Dormes e não suspiras;
Se tu me quisesses bem,
Suspiravas, não dormias.

(1) Cfr. n.º 280.

201

O sol ánda que desanda,
Corre o mundo ao redor;
O sol tem comandante
O qual é Nosso Senhor;
E eu não ando, nem desando,
Sou lial ao meu amor [1].

202

Menina, diga o seu nome
Que eu quero pôr em rol;
Se me algum dia faltar,
Direi que me falta o sol.

203

Sapatinho duma sola
Trago debaixo do pé;
Todos os olhos são falsos,
Só nos pretos tenho fé.

204

Algum dia era eu
No teu jardim melhor cravo;
Sou agora um lírio roxo
De penas todo cercado [2].

205

Açucena c'os pés n'água
Aos três dias arrebenta;
Quem quiser o amor firme
Na ausência se *exprementa* [3].

206

Destes um ai *piadoso*
Ao deitar da tua cama;
Quisestes dobrar as penas
A quem deveras te ama.

207

Hei-de amar quem me ama,
Querer bem a quem me quer;
Hei de amar a Deus do céu,
Diga o mundo o que disser.

208

Hei-de amar a quem me ama,
Querer bem a quem *busca;*
Enganar a quem me engana,
Isso é o que menos me custa [4].

209

Nem meu pai, nem minha mãe,
Nem os próprios confessores,
Ninguêm me pode *pr'ibir*
De eu falar c'os meus amores [5].

210

Inda que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida;
Minha palavra 'stá dada,
Minha mão 'stá prometida.

211

Indas que meu pai não queira,
Minha mãe diga que não,
Se tu quiseres *a* mais eu,
'stá o bem na nossa mão.

212

Ó céu, cobre-te de luto,
Ó estrêlas, botai dó;
Meu amor está doente,
Eu fico no mundo só.

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*. T. I, pág. 184, 185 e 276.
(2) Cfr. *Rev. Lus.* X, 155.
(3) Cfr. *Rev. Lus.* X, 193; T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 277.
(4) Cfr. T. Pires, *Cantos*. T. I, pág. 212.
(5) Cfr. *Rev. Lus.* X, 156; T. Pires, *Cantos*. T. I, pág. 392.

213

Apaga-me essa candeia
A mais o lume do lar;
Os olhos do meu amor
Chego p'ra me alumiar.

214

Jinelas avarandadas,
Só o meu amor as tem;
Hei-de mandar fazer umas,
Avarandadas também.

215

Antoninho pede, pede,
Que eu não tenho que te dar;
Hei-de te dar um cacho d'uvas
Quando o meu pai vindimar.

216

António, pega na pena,
Escreve que eu vou notando;
Escreve que eu que sou tua
Não sei a hora nem quando.

217

Dá-me da pêra madura,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja um só gomo,
Da tua bôca um beijinho.

218

Ó sopeira encantadora,
Onde vais tam apressada?
Para que te cansas tanto
Com tam pouca soldada?

219

Quero-te tanto bem
Como o sol quer à *lũa;*
Quando 'stou à tua beira,
Não tenho pressa *nenhũa.*

220

Bota-te daí abaixo,
Eu já me daí botei;
Avintura-te por mim,
Eu por ti me *avinturei.*

221

Abre-te peito, e fala,
Coração salta cá fora;
Anda ver o teu amor
Que chegou aqui agora.

222

Ó coração que dois amas,
Também podes amar três;
Também podes amar quatro,
Cada um por sua vez.

223

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três, não quero mais;
Eu p'ra que quero os amores,
Se êles me não são liais?

224

Ó minha pombinha branca,
Ó minha branca pombinha,
Não faças a tua cama,
Anda-te deitar à minha.

225

Meu amor não ignores
Eu de ti viver ausente;
Tu bem sabes que eu não posso
'star à tua beira sempre.

226

Vai, ó carta, não demores,
Corre muito apressada;
Já que eu não posso ir
Vai tu ver a minha amada.

227

Tenho no meu coração
Duas janelas abertas,
Para entrar e sair
Saudades encobertas.

228

Se tu queres que te diga
O pago que os amores dão:
Um momento de alegria,
Três ou quatro de paixão [1].

229

Lá vem o barco à vela,
Lá vem a sardinha boa;
Já lá vem o meu amor,
Assentadinho à proa.

230

Debaixo desta ramada,
Quem me encobre são as folhas;
Tenho um amor bem bonito,
Se não tiver quem no tolha.

231

Debaixo desta ramada,
Videirinhas dão anéis:
Quem tem os amores longe
Padece penas cruéis.

232

Ao passar do ribeirinho,
Água sobe e água desce;
Dei a mão ao meu amor
Não q'ria que ninguêm soubesse [2].

233

O meu amor é um anjo,
Deus mo deu, não no mereço;
Já mo quiseram comprar...
Anjos do céu não teem preço [3].

234

O meu amor é um cravo,
Eu bem no soube escolher;
No jardim não fica outro,
Só se êle agora nascer.

235

Deus é para quem morre,
Glória para quem cá fica;
Meu coração tanto lhe custa
Deixar uma flor tam bonita.

236

Meu amor não vivas triste,
Ainda has-de ser amado,
Numa cadeirinha de ouro
Feita da raiz dum cravo.

237

Eu hei de-te amar, amar,
Que tenho prometido;
Casar contigo — *Tó rôla!*
Tira daí o sentido [4].

238

Torradas e mais torradas,
A faca corta a cebola;
Tomar amores contigo,
Casar contigo — *Tó rôla!*

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 398.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 298 e 299.
(3) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 86.
(4) Cfr. *Rev. Lus.* X, 137.

239

O meu amor é o Qu'agarra,
Mora da banda de alêm;
Eu p'ra não ser agarrada,
Não tenho amores com ninguêm.

240

Ó que lindo rapazinho,
Inda agora aqui passou;
Eu queria-*le* falar,
Minha mãe não me deixou.

241

Meu amor anda-me ver
Lá p'ra quarta ou quinta-feira;
Não quero 'star sem te ver
Uma semana inteira.

242

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro,
Outro que me veste e calça,
Êste é o mais verdadeiro.

243

Se fores amanhã à missa,
Põe-te em sítio que te eu veja;
Não faças andar meus olhos
Em leilão *pêla* igreja.

244

Se passares pelo adro,
Tira o chapéu, ora à cruz;
O meu amor é mordomo
Na capela de Jesus.

245

Deitei um limão correndo,
À tua porta parou;
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou!...

246

Ó pedras desta calçada,
Levantai-vos e *dezei*
Quem anda por *qui* de noite,
Que eu de dia bem no sei (1).

247

Ao passar à tua porta,
Dei um ai que nunca o dera;
Recolheram-se as estrêlas,
Saíu o sol à janela.

248

Mandei fazer um convento
Com vinte e cinco janelas
As saudades eram tantas,
Não cabiam dentro delas!

249

Vai carta feliz voando,
Que lindos olhos vais ver;
Quem me dera 'star de lado
Quando te *estiver* a ler (2)!

250

Fui à fonte *bober* água,
Debaixo duma ramada,
Só p'ra ver o meu amor,
Que a sêde não era nada.

251

Fui à fonte *bober* água,
Bobi, tornei a *bober;*
Nem minha bôca se enfada,
Nem meus olhos de te ver.

252

Se ouvires assobiar,
Não penses que é caçador;
E' uma moda que anda agora
De assobiar ao amor.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 125.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos,* T. I, pág. 181.

253

Não te rias para mim,
Que eu não sou o teu amor;
Eu não sou como a figueira,
Que dá fruto sem flor.

254

Minha mãe, minha mãezinha,
Minha caixa de segrêdos;
Queria-lhe contar um conto,
Se lho conto, tenho mêdo.

Conta, conta, minha filha,
Conta lá o que quiseres;
Tu bem sabes, filha minha,
Todas somos mulheres.

255

Atirei uma laranja
A' menina da janela;
A laranja caíu dentro,
A menina qnem ma dera!

256

Atirei uma laranja
A' menina da varanda;
A laranja caiu dentro,
A menina já cá anda.

257

Da outra banda do rio
Não chove, nem faz orvalho;
Menina, se há-de ser minha,
Não me cause mais trabalho.

258

O amor da costureira
Era papel e molhou-se;
Agora, costureirinha,
O teu amor acabou-se.

259

Esta noite tive um sonho,
A outra sonhado tinha,
Que 'stava na tua cama;
Acordei, 'stava na minha.

260

Esta noite tive um sonho
Contigo, minha beleza;
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não há firmeza.

261

As estrêlas miudinhas
Fazem o céu bem composto;
Nunca contigo, menina,
Pude falar a meu gôsto.

262

Pus-me a contar as estrêlas,
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais bonita,
Contigo a comparei.

263

Se eu soubesse tu que vinhas
Esta noute ao meu serão,
Mandava varrer a rua
Com raminho de hortelã.

264

Se eu soubesse tu que vinhas,
Antoninho *boticairo,*
Mandava varrer a rua
Com penas de papagaio.

265

Ó meu amor, vinho, vinho,
Que eu água não sei beber;
A água tem *semessugas,*
Tenho mêdo de morrer.

266

Eu hei-de-te amar, menina,
Ao saltar duma parede;
Ou tu queiras, ou não queiras,
Has-de-me cair na rêde.

267

Não quero amor pedreiro,
Que atira pedras ao ar;
Quero amor carpinteiro,
Que dá lenha p'ra queimar.

268

António, lindo António,
Lindo amor tenho eu;
Quem tem o amor António
Tem uma quinta de seu.

269

António, lindo António,
Lindo pano de còrar,
Há-de ter o pé ligeiro
Quem te houver de lograr.

270

O meu amor é António,
E eu queria-o Joaquim;
Agora nas mãos o tenho,
Virou-se Deus para mim.

271

O meu amor . . . . . .
. . . . . .
Anda cá meu amorzinho,
Deus te criou para mim.

272

O meu amor é António,
Eu queria-o Manuel;
Agora na mão o tenho,
Caíu a sopa no mel.

273

Não há machado que corte
A raiz ao *malvarisco;*
Não há nome que me agrade
Como é o de Francisco.

274

Antoninho é pedreiro,
Fez a cama num penedo;
Esta noite caíu neve,
Coitadinho do mancebo!

275

Ainda não é meio-dia,
Nem tam pouco onze horas;
Ainda te não disse adeus,
Meu amor, para que choras?

276

Ó que maçã vermelhinha,
Que me deu um carpinteiro!
Tenho-a na minha caixa,
Ainda não perdeu o cheiro.

277

Ó que maçã vermelhinha,
Que me deu um caiador!
Tenho-a na minha caixa,
Ainda não perdeu a côr.

278

Quem me dera dar um ai,
Atrás do ai um suspiro;
Quem me dera ver agora
Quem eu trago no sentido!

279

Quem me dera ver agora
Quem me a mim *alembrou;*
Era ver o meu amor,
Que tam longe dêle 'stou.

280

Meu amor ontem à noite
Pola vida me jurou
Que se ia deitar ao mar,
Eu atrás dêle não vou...

281

Não te *incostes* ao *lòreiro*,
Que é verde, pode quebrar;
Incosta-te ao meu peitinho
Que é firme sem arrear.

282

O limão tira o fastio,
A laranja, o bem querer;
Não te apaixones, menino,
Se não me queres ver morrer.

283

Alfaiates e sapateiros
São um bando de ladrões;
Sapateiros roubam sola,
Alfaiates, corações.

284

Olhos pretos roubadores,
Porque vos não confessais?
Aos delitos que fazeis,
Aos corações que roubais!...

285

As telhas do teu telhado,
As pedrinhas do teu muro,
São as que podem dizer
As vezes que te eu procuro.

286

Coitadinho de quem tem
Dois amores numa rua;
Passa por um diz-lhe adeus,
O outro logo amua.

287

Antoninho, és tam lindo,
E vejo-te andar a pedir;
Não sei se te hei-de dar 'smola,
Se cama para dormir.

288

Antoninho, côr de cravo,
Maria côr de limão;
Fostes o mais lindo cravo,
Que entrou no meu coração.

289

Meu amor onde tu fores
Leva-me, podendo ser;
Eu quero ir acabar
Onde tu fores morrer.

290

Meu amor onde tu fores,
Leva-me na tua alminha,
Que eu sou como a borboleta:
Onde quer vou metidinha.

291

Meu amor me disse *onte*
P'ra domingo falaremos;
A semana tem seis dias,
Eu inda queria menos.

292

O' meu amor anda, anda,
Que eu quero-te ver andar;
A água procura o rio,
O rio procura o mar.

293

Ó meu amor de tam longe,
Chega-te cá para perto;
Já me dói o coração
De te ver nesse deserto!

294

Ó meu amor da minha alma,
Quanto eu tenho é teu;
Só a minha alminha não,
Foi o Senhor que ma deu.

295

O *lòreiro* é loucura,
A baga variedade;
Tambêm digo que é loucura
Amar a quem se faz grave.

296

O *lòreiro* bate, bate,
Que eu bem no ouço bater,
Co'as pontas no telhado
Para o amor entender.

297

Lòreiro, verde *lòreiro,*
Lòreiro da baga preta;
Morreram os meus amores,
Pede a Deus que te eu prometa.

298

Chamaste a meu pai sogro,
A minha irmã cunhada;
Nem meu pai é teu sogro,
Nem a minha irmã te é nada.

299

Aqui 'stou, aqui 'starei,
Aqui passarei a noite;
Aqui passaremos ambos
Penas minhas, gostos *d'oitre.*

300

Pinheiro, dá-me uma pinha,
Ó pinha dá-me um pinhão;
Menina, dá-me os teus olhos,
Que eu dou-te o meu coração.

301

Quem tem pinheiros, tem pinhas,
Quem tem pinhas, tem pinhões;
Quem tem amores, tem zêlos,
Quem tem zêlos, tem paixões.

302

O amar e querer mal,
Tudo *devem* ser igual;
Foi a primeira cantiga,
Que eu ouvi em Portugal.

303

Onde vais, ó Carolina,
Com a cestinha da meia?
Vou ver o meu amor,
Que está prêso na cadeia.

304

Por António dou a vida,
Por José beijos do mar;
Por Joaquim a mim mesma,
Já não tenho mais que dar.

305

Fui ao mar para ver as ondas,
Ao jardim para ver as flores,
Ao céu para ver as estrêlas,
Aqui para ver meus amores.

306

Menina que está à janela
Com seu relógio à cinta,
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.

307

O meu coração do teu
É muito ruim de apartar;
É como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

308

O meu amor e o teu
Andam naquela ribeira;
O meu anda à erva doce,
O teu à erva cidreira.

309

Não posso andar de noute,
Nem de madrugada cedo,
Que eu ando ameaçada
De quem tenho pouco mêdo.

310

Hei-de cantar que me ouças,
Já que te falar não posso;
Eu quero que reconheças
Êste coração que é vosso.

311

Minhas andadas de noute,
Minhas idas ao serão;
Tenho o meu sapato rôto
De dar passadas em vão.

312

As estrêlas do céu *corre*
Todas numa carreirinha;
Também os amores *corre*
Da tua mão para a minha.

313

Silva verde, não me prendas,
Olha que me não seguras;
Já tenho exp'rimentado
Outras cadeias mais duras.

314

Eu vou por aqui abaixo,
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem!

315

Minha sogra quer-me mal
Por eu querer bem ao filho;
Se não quer que olhe para êle,
Traga-o prêso a um atilho.

316

À noute, menina, à noute,
À primeira voz do galo—
O meu pai é tam velhinho!—
Nós havemos de enganá-lo.

317

Quem me dera agora ver
Quem eu vi ontem de tarde;
Nunca dei as minhas falas
Tanto à minha vontade.

318

O meu amor quer que eu tenha,
Juizo, *vai p'r'à cidade;*
Tenha-o êle que é mais velho
Por ser de maioridade (1).

319

Ó luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
'stou á porta do amor,
Não posso dormir contigo (2).

320

Faz calor que abrasa o mundo,
Deus mande uma viração;
Anda o meu amor a êle:
Ó que dor do coração!

321

Meu amor não embarques,
Nem te botes ao navio;
Olha que as ondas do mar
Não são as do nosso rio.

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 153. *Vai p'r'à cidade* está por—*capacidade.*
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 203 e 204.

322

Quando eu era pequenina
Antes do meu pai nascer;
Inda não engatinhava
Já gostava de te ver.

323

Meu amor, vai-te deitar,
Apaga a tua candeia;
Para a cama sempre atino,
Deus me dê boa idea.

324

Lindos olhos tem António,
Santa Luzia, guardai-lhos;
Se êles não hão-de ser meus,
Santa Luzia tirai-lhos.

325

Quando eu aqui cheguei
Logo por ti *pròguntei;*
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

326

Maria, tu és na terra
O que os anjos no céu são;
Se tu morresses Maria,
Morria o meu coração (1).

327

O meu amor amuou,
Eu *tamêm* hei de amuar;
Não hei de falar p'ra êle
Sem êle p'ra mim falar.

328

Há três dias que não cômo,
Há quatro que não almoço;
Vou para a mesa comer,
Lembra-me o amor, não posso.

329

Quem me aqui ouvir cantar,
Que dirá?... E tem razão:
Eu canto muito alegre,
Sabe Deus minha paixão.

330

O meu amor anda perro,
Quero saber a razão;
Quero saber se é perrice,
Se é pena do coração.

331

Tenho dentro em meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor,
Que anda de *beicha* caída.

---

(1) A propósito duma canção que envolve a mesma idea escreveu-me em carta de 16 de Abril de 1913 o falecido e grande trabalhador António Tomás Pires:

«Entre os cantos populares portugueses é este um dos mais celebrados:

Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes,
Olha que estás dentro d'elle,
E se o matas tambem morres.

Pois nas *Comedias Portuguesas*, de Symam Machado (Lx. 1631), não ha muitos dias que fui encontrar, por tres vezes, o conceito dessa cantiga nos seguintes versos, a f.f. 57, 60 e 91:

Dorotea más cruel
Que osso, tigre, ni leon,
Mira el triste coraçon
Y pues estás dentro nel,
Duelete de su passion.

Silvio — Ó coracam mais cruel
Que de hũ tigre. *(Alfea):* Esso le viene
De ti que estás dentro en el,
Y si ay culpa el no la tiene.

Que si com daga cruel
Abres mi pecho, advierte
Que está Silvio dentro en el,
Contenta-te con mi muerte,
Y no que le mates a el.

332

Passando pela tua porta,
Pôs a mão na fechadura;
Não ma quiseste abrir,
Coração de pedra dura.

333

Tornando a passar,
Pedi-te água, não ma deste;
Se ma pedires a mim,
Farei como me fizeste.

334

Ao passar à tua porta
Pedi-te água, não ma deste;
Quando tu passares à minha,
Lembra tu o que fizeste.

335

Não sei que mal te eu fiz
Que peças a Deus vingança;
Bem decerto queres que eu morra
Na ponta de alguma lança!

336

Ó acipreste do adro,
Não assombres a igreja,
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja [1].

337

Dizes que me queres bem,
Querer bem não é assim;
Falas quando me encontras,
Não dás um passo por mim.

338

Enganado, morra, morra,
Quem enganado me tem;
Quem engana o seu amor
Não diga que lhe quer bem.

339

Botei o limão ao poço,
Lá me ficou a metade;
Quem ama a dois corações
Ama a um com falsidade.

340

Tenho cinco coletes,
Todos cinco bem talhados;
Também tenho cinco amores,
Quatro andam enganados.

341

O meu amor é um tolo,
Pensa que eu que o adoro;
Pensa que choro por êle,
Sabe Deus por quem eu choro!...

342

Ó que ventinho vareiro,
Que as folhas verdes abanam!
Não me venhas com meiguices,
Falas meigas não me enganam.

343

Desenrola o teu cabelo,
Que o trazes enrolado;
Desengana o teu amor,
Que o trazes enganado.

344

Ó minha pombinha branca,
Meu pombo arrolador,
Enganaste a menina
Com palavrinhas de amor.

345

Eu fui a que deitei escada,
Outra me colheu o lanço;
Sou eu a que mais mereço,
Sou a que menos alcanço.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 202.

346

Desaperta o teu colete,
Se o trazes apertado;
Desengana o teu amor,
Se o trazes enganado.

347

Quando o sol deixar de dar
Lá nas *barandas* do freixo;
Então é que has-de saber
A razão por que te eu deixo [1].

348

Foste-me dizer adeus,
Pensavas eu que chorava;
Nunca tive por costume
Chorar por quem me deixava.

349

Foste-te gabar ao Pôrto
Que eu te dei um vintêm;
Também me hei-de ir gabar
Que já não te quero bem.

350

Quero cantar que me ouças,
Já que falar te não posso;
Eu quero que reconheças
Um amor que já foi vosso.

351

Ó meu amor de algum dia,
Espalha as tuas saudades;
As minhas vão em aumento,
A causa tu bem a sabes.

352

Gosto muito de café
C'uma pinguinha de leite;
Quem te botou a perder
Agora que te aproveite.

353

Dizes que não me queres,
Diga-me a razão por quê;
Se é por eu ser *probe*,
Que riqueza tem você?

354

Tenho dentro em meu peito
Duas espinhas de peixe;
Uma diz-me que te ame,
Outra me diz que te deixe.

355

Tenho dentro em meu peito
Duas *zenhas* a moer;
Uma anda, outra desanda,
Assim é o bem querer.

356

Quando eu cheguei aqui,
Botei os olhos e vi
Meu amor nos braços doutra;
Não sei como não morri!

357

A laranja tira o fastio,
O limão o bem querer;
Trocaste a mim por outra,
Inda te has-de arrepender.

358

Eu amei dois olhos pretos,
Sairam-me dois traidores;
Quem diz que preto é firme
Não aparta nada de côres.

359

Adeus pedra daqui,
Onde me eu assentava;
Adeus amor de algum dia,
Tudo por tempo acaba.

---

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, T. I, pág. 183.

360

Já te quis, já te não quero,
Já te perdi a afeição;
Já te lancei de arremêsso
Fora do meu coração (1).

361

Ó meu amor, não me deixes,
Que eu ainda te não deixei;
Avintura-te por mim,
Que eu por ti me *avinturei.*

362

Aquela menina chora,
Chora que eu a enganei;
Ela neste mundo chora,
Eu no outro penarei.

363

Aquela menina chora,
Chora por eu a enganar;
Ela neste mundo chora,
Eu no outro hei de penar.

364

Não te ponhas a chorar
Lágrimas ao pé de mim;
Sabias que eu não era firme,
Não te fiaras em mim.

365

Ó coração retraído,
Ó cara cheia de enganos;
Olha o pago *quê* me deste
A quem te amou tantos anos.

366

O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado,
Agora que ninguêm o ama.

367

A fôlha da pêra *atrepa,*
E o junquilho vai descendo;
Agora é que me tu deixas,
Quando te eu 'stava querendo.

368

Chora, chora, desgraçada,
Que o teu mal tem raiz;
Não digas que eu fui culpado
Da tua sorte infeliz.

369

Manjericão da janela,
Meu peito já foi teu vaso;
Tomastes novos amores,
Já de mim não fazes caso.

370

Pensavas *im* me deixar,
Cortava o meu cabelo!
Agora vou fazer poupa,
Vou-me vestir de *vormelho.*

371

Suspirando e dando ais,
Anda o meu amor na rua;
Suspira quando quiseres
Que eu sou doutro, não sou tua.

---

(1) Variante:

Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a afeição;
Já te varri à vassoura
Fora do meu coração.

372

Pensavas em me deixar,
Eu de paixão que morria!
Vai um amor e vem outro,
Vivo na mesma alegria.

373

Altas tôrres tem teu peito,
Nunca tam alto me vi;
Descaí da tua graça,
Outro subiu, eu desci [1].

374

Já lá vai, já se acabou,
O meu rir, o meu cantar;
Já lá vai pelo mar fora
Quem eu queria lograr.

375

Minha mãe era uma rosa,
Que meu pai *arrecebeu;*
Eu *tamêm* sou um botão,
Que da rosa rescendeu.

376

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me quanto tinha;
Depois de me ver casada,
Deu-me um fole sem farinha.

377

Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas;
Uma torta, outra aleijada,
Outra velha, sem orelhas.

378

Minha sogra quer-me mal,
Meu sogro quer-me bater;
Seu filho quer-me bem,
Não sei como há de ser!

379

Tenho à minha janela,
Cinco réis há muito tempo,
Para mercar de pão branco
No dia do casamento.

380

Dizes que não tenho roupa,
Que durmo no areeiro;
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta companheiro.

381

Dizes que não tenho roupa,
Se tens mais, é teu proveito;
Menos tenho que tirar
À noute quando me deito.

382

Dezeis que não tenho cama,
Que durmo no limoeiro;
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta o companheiro.

383

Dezeis que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido;
Tenho cama, tenho roupa,
Só falta quem durma comigo.

384

'stou casada há quatro anos,
Já tenho quatro meninos;
É milagre de algum santo,
Do Senhor de Matozinhos [2].

385

Menina que vai no rio,
Erga o pé, que molha a meia;
Vá casar à sua terra,
Não case na terra alheia.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.* x, 141.
(2) Cfr. T. Pires, *Cantos.* T. I, pág. 52.

386

Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata ao cobre;
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

387

Água do rio vai turva,
Chega ao mar, *inclarece;*
Toda a mulher que se casa
Grande castigo merece.

388

Eu hei de-te amar, menina,
Ninguêm no há de saber;
Só o cura da igreja,
Que nos há de *arreceber.*

389

Subi ao limoeiro,
Cinco fôlhas *le* tirei;
O limoeiro escondeu-me
No dia em que me eu casei.

390

Toda a vida disse e digo,
Ainda torno a dizer;
Uma roda só não anda,
Bem no podes entender.

391

Rapariga, não te cases,
Goza-te da boa vida;
Que eu bem sei uma casada,
Que está bem arrependida.

392

Hei-de casar êste ano,
O rendeiro anda nisso;
Hei de-lhe dar a castanha,
Se se vingar o ouriço.

393

Esta noite tive um sonho,
Que era do meu agrado;
Que estava resolvida
A tomar novo estado.

394

Minha mãe, não pense nisso,
Que são sonhos variados;
Eu solteira 'stou tam bem!
Quem me manda ter cuidados?...

395

Casei-me por um ano
P'ra ver a sorte que tinha;
O ano vai-se acabando,
Quem me dera solteirinha!

396

Homem casado, vadio,
Que te importa a minha vida?
Queres que eu perca a minha alma,
Que a tua já 'stá perdida!

397

— Hei-de 'screver uma carta,
Hei de a botar no lôdo,
Para ver se tu me dizes
Quantas penas tem o corvo.

— Tem nas azas vinte uma,
E na cabeça a dobrar,
E no corpo outras tantas,
E no rabo vai-las contar.

398

— Hei de-te fazer andar
Como a corda dum sarilho,
Enquanto me não disseres
Quem é a mãe, filha do filho,
Isso por pontos miúdos
Sem que me saias do trilho.

— Em poucas palavras te digo
Quem é nossa protectora;
Essa mãe, filha do filho,
É Virgem Nossa Senhora,
E ela também é mãe
Da minha alma pecadora.

399

Ai agora que eu vou cantar,
Alargai-vos raparigas;
Agora é que eu vou saber
Quem são as minhas amigas.

400

Ó minha fala brandinha,
Não me deixes ficar mal,
No meio de tanta gente,
Hoje aqui neste arraial.

401

Ah! ah! olaré cantando,
Ó meu doce *belindrinho!*
Quem quiser que cante bem
Dê-me pinguinhas de vinho.

Dê-me pinguinhas de vinho,
Dê-me vinho ou dinheiro;
Esta minha gargantinha
Não é safra de ferreiro.

402

Disseste-me que canto mal,
Por ter a fala grossa;
Com ela me *arremedeio*,
Não vos vou pedir a vossa.

403

— Quando eu aqui cheguei
Me esqueceu a salvação;
Já que agora 'stou cá dentro,
Deus salve a quantos cá 'stão.

— Deus te salve a tua vinda
A mais a tua chegada;
Essa tua vinda agora
Há muito que é desejada.

404

— Já muito que aqui cheguei,
Eu cheguei aqui agora;
Já muito que não vi
O tocador da viola.

— O tocador da viola
Verdade é, toca bem;
Tem o tocar miudinho,
Ouve-se por aí além.

405

Meus senhores, não se *admire*
De eu cantar e não saber;
Que eu sou rapariga nova,
'stou em tempo de aprender.

406

Eu cheguei aqui agora,
Eu cheguei agora aqui;
Diz-me como tens passado,
Há dias que te não vi.

407

Sou filha duma viúva,
Meu pai morreu-me no mar;
Levo a minha vida
No terreiro a dançar.

408

Eu vou-me daqui embora,
Para donde não te digo;
Se o quiseres saber,
Põe-te a pé, anda comigo.

409

Adeus que me vou embora,
Adeus que me embora vou;
Vou-me embora desta terra,
Que eu desta terra não sou.

410

Marrafinhas de Lisboa.

Marrafinhas de Lisboa,
Foro-se labar ó mar;
Acharo a *auga* fria,
Tornaro-se a retirar.

Binte e quatro Marrafinhas,
Mandei-as formar de bronze;
Deu-*lo* Trango Mango nelas,
E o fogo por *antre* elas;
Ai de mim que 'stou sem elas,
Já *num* tenho senão onze!

Essas onze qu'elas *ero,*
Mandei-as *labar* os pés;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão dez!

Essas dez qu'elas *ero*
Mandei-as dá-*la* 'smola *ó probe;*
Deu-lo trango mango . . .
E . . . . . .
. . . . . .
Já *num* tenho senão *nobe!*

Essas *nobe* qu'elas *ero*
Mandei-as fazer biscoito;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão oito!

Essas oito qu'elas *ero*
Mandei-as fazer molete,
Deu-lo o Trango . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Já *num* tenho senão sete!

Essas sete qu'elas *ero*
Mandei-as cantar os Reis;
Auga melro, *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão seis!

Essas seis qu'elas *ero,*
Mandei-as formar em brinco;
Deu-lo o Trango . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Já *num* tenho senão cinco!

Essas cinco qu'elas *ero,*
Mandei-as ir *ó* tabaco;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão quatro!

Essas quatro qu'elas *ero,*
Mandei-as ir *ó* Gerez;
Deu-lo Trango . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Já *num* tenho senão três!

Essas três qu'elas *ero,*
Mandei-as *barrer* as ruas;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão duas!

Essas duas qu'elas *ero,*
Mandei-as ir *ber* a *lũa;*
Deu-lo o Trango . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Já *num* tenho senão *ũa.*

Essa *ũa* qu'ela era
Mandei-a fazer a ceia;
Auga melro *molh'ó* bico,
Já *num* tenho senão meia!

Essa meia qu'ela era
Mandei-a cozer o pão;
Deu-lo o Trango . . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Acabou-se a *gèração*!

Acabou-se a *gèração,*
Deixai-la ir c'os diabos,
Que daqui a *nobe* mêses,
Num faltarão engeitados.

Ó Marrafas, ó Marrafas,
Ó Marrafas d'Alêm do rio,
Bós fostes que *imbentastes*
Dormir dois p'r'amor do frio [1].

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

Erratas mais importantes do artigo precedente:

Pág.:	Linhas	Êrros	Correcções
24	3 (n.ª 2)	como	com o
26	12 (n.ª 1)	treçol	terçol
40	24	anuncia	anunciam
45	6 e 7	Derrolha	derrolha
48	2	considerados sempre	considerados
49	14	o mais velho	a mais velha

A. C. P. DE L.

---

(1) Acêrca das *Marrafinhas* v. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 299.

Reproduzimos a nossa versão exactamente como a ouvimos, para indicar algumas particularidades de linguagem de uso quase geral, v. g.: *b* por *v*, *num* por *não* nas frases negativas, *ó* por *ao*.

Pelos diferentes capítulos dêste trabalho ficam espalhados outros elementos para o estudo da linguagem de Santo Tirso.

NOTAS Á MARGEM

DO

"NOVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA"

II

(v. **Revista Lusitana,** VOL. XVI, 206)

Esta 2.ª série de *Notas* procede, na sua maior parte, de apontamentos coligidos depois da coordenação anterior, e refere-se portanto à recente edição do **Novo Diccionário**.

Devo dizer que, apesar de ter sempre em atenção não aproveitar materiais já coligidos e catalogados em trabalhos similares — a não ser para utilizar elementos de comparação e dedução —, entendi agora que nenhuma razão me força a deixar de parte duas centenas de contribùições úteis à lexicologia, que, no vol. XXIX da **Gazeta das Aldeias** (1910), e nos n.os 315 e 320 do **Espozendense** (Espòsende), de Maio de 1913, dois informadores obsequiosos me ofereceram. Estes elementos, aqui reùnidos, levam a respectiva indicação da origem.

Sobre a linguagem marítima, de que entra nesta coordenação uma regular quantídade de vocábulos, variantes de acepção, e considerações várias sobre definições já formuladas mas mais ou menos deficientes, tencionei a princípio fazer um catálogo especial. Várias circunstâncias, porêm, se oposeram a este propósito, fazendo-me integrar esses apontamentos na coordenação geral.

Aos conhecimentos práticos que possuia e ia colhendo sobre coisas marítimas, juntei as informações dos entendidos, registadas no local, e a documentação dos livros da especialidade, como o **Apparelho e Manobra de Navios,** do sr. João Braz de Oliveira, que freqùentemente cito pelo seu caracter descritivo, minucioso e claro.

Pareceu-me tambem particularmente interessante e útil respigar na **Gazeta das Aldeias** — benemérito periódico agrícola do Porto — tantíssimos termos e acepções estranhos à linguagem comum, que, de todos os pontos do país, ali concorrem, e que o observador pode colher em flagrante, surpreendendo-os com toda

a sua naturalidade na linguagem despreocupada e singela do nosso lavrador. Claro que, num trabalho definitivo, alguns destes elementos exigiriam verificação local.

Os restantes elementos desta coordenação provém de observações pessoais, notas de leitura e informações de pessôas idóneas, de que, por gratidão e para garantia dos meus processos, devo citar os nomes. São os Ex.mos Snrs.:

Manuel Antonio Gomes Himalaia, meu ilustre amigo—região dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

Henrique de Andrade Evans, professor em Santo António-da-Charneca—região de Vale-do-Cóina.

Eduardo Martins de Figueirêdo, operário de construção naval—tecnologia de construção naval.

Não devo esquècer, como muito importante, o concurso que, para a 1.ª série destas **Notas,** me prestou o meu querido amigo Júlio de Lemos—uma bela inteligencia e um belo coração—fornecendo-me todas as informações que dizem respeito a Paredes-de-Coura.

Para terminar julgo conveniente dizer que as citações são conformes aos textos donde foram extraídas e tambem que, se assinalo a uma palavra ou acepção um determinado lugar, é porque aí foram colhidas, podendo comtudo ser conhecidas em outros pontos.

Azinheira.
Barreiro, Fevereiro-Abril de 1914.

ÓSCAR DE PRATT.

A

abafar, como termo náutico, significa colher e amarrar as velas, mas sem os preceitos normais, quando a violência do tempo exige rapidez na manobra. «Se o aguaceiro der muito rijo carrega-se o traquete e até se poderá *abafar as gavias,* e a *vela d'estai..*»—Braz de Oliveira. **Apparelho e Manobra de Navios,** 195.

O **Novo Diccionário** regista *abafa!:* «grito imperativo para os marinheiros **ferrarem** as velas.»

abafar não é o mesmo que *ferrar, ferrar* tem preceitos especiais necessários à segurança e conservação do velame. Quando, debaixo de vento forte, se torna necessário suprimir qualquer vela carrega-se e *abafa-se,* i-é, enrola-se rapidamente, cingindo-a ao mastro ou à verga com algumas voltas do *tomadouro* (v.) ou chicotes de vários cabos de manobra, até que

o tempo permita operar outra disposição.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 172.

abatocadura, o mesmo que «batocadura» (dos navios). v. **Ap. e Man. de Navios,** 62.

abelha. *Segredo da abelha* ou *segredo da abelha-mestra* é o segredo muito recatado, com seus visos de mistério, tirando às vezes para melgueira ou alicantina. «..ponhamos aqui um capitulo que nos descubra o **segredo da abelha** e jarrete todas estas unhas.» — **Arte de Furtar,** 195.

Ironicamente, *segredo da abelha* é o mesmo que «complicação, dificuldade.» «.. vamos devagar que o assumpto tem seu **segredo da abelha.**» — D. Francisco Manuel. **Feira de Anexins,** 172.

Desde remotas eras que a vida interna das colmeias, envolta no seu mistério impenetrável, preocupou o espírito humano. Narra Plínio que um homem passou cincoenta anos a estudar a vida das abelhas sem chegar ao conhecimento da verdade. Não ha muito ainda que o esforço scientífico, derivado para a apicultura, rasgou enfim o véu de mistério que encerrava aquêle admirável mundo laborioso e ordeiro.

Daí a comparação com o segredo impenetrável a todas as armadilhas da astúcia.

No Vale-do-Cóina dizem *ver-se* ou *ficar da côr da abelha* no mesmo sentido de «ver-se grêgo, ficar desesperado, colérico.» Será a côr que influe como sintóma de *cólera* (com troca de sentido: «doença» por «furor»)?

aberta, o mesmo que «valêta»; no Vale-do-Cóina.

aberto, desmaiado, claro, pouco pronunciado ou intenso (referido a côr); na ling. familiar de Lisboa.

Em linguagem marítima diz-se que um navio navega *aberto* quando o vento lhe sopra da alhêta, i-é, quando este forma com a quilha um angulo de quatorze quartas.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 177.

abertona, «grande abertura no porão dos navios», define o **Novo Diccionário.**

abertona é, não só o espaço entre dois vaus (do navio), mas tambem o conjunto das peças que formam o engradamento desses vaus com a *socórdia* ou *secórdia* (v.) e curvas ou liames.

abonar-se, gabar-se, jatanciar-se; em Viana-do-Castelo.

abrancado, o mesmo que «esbranquiçado». «..tirando-se-lhe 2 litros de sangue que no dia 17, coagulado, parecia mel **abrancado**». — **Gazeta das Aldeias,** n.º 910.

São palavras de que se serve um assinante de Tavira, em uma pergunta que faz à redacção.

abuzilhar, o mesmo que «atamancar», concertar ou reparar de um modo provisório ou à pressa; na Beira-Alta. v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

acadar, apanhar, receber qualquer coisa atirada do alto ou de longe. Vem nos *Additamentos* ao **Novo Diccionário** como «*T.* [ermo] *de Paredes-de-Coira*», no sentido de «receber nas mãos *ou* no regaço», julgo que extraído da monografia **Paredes de Coura,** do Dr. Narciso Alves da Cunha.

A acepção que registei foi colhida em Viana.

aceiro, clareira junta à cova em que se faz o carvão e onde este é arrefècido antes do ensaque; na Beira-Alta. v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

achupé. «*Achupé* — [abelha] preta, grande e mui brava; [produz] mel ordinario mas abundantissimo tanto quanto a cera que é de boa qualidade». — Henrique Silva. *As*

Abelhas do Brasil. in-**Almanaque Brasileiro Garnier,** para 1912, pag. 126.

acochar. O **Novo Diccionário** dá este verbo como brasileirismo, no sentido de «conchegar, apertando *ou* calcando».

Nos Arcos-de-Vale-de-Vez *acochar* é «conchegar, aninhar (deitando).»

acontra. «Tudo vejo ser contrayro // **em acontra** do que quero..» — **Cancioneiro Geral** (ed. Imp. Univ.), I, 309.

acotoar, — aquetoar, o mesmo que «avelar» — começar a secar (falando-se da roupa); em Viana.

De *cotão?* Cp. a hip. de que *avelado* derive de *vêlo.* Porque, evaporando-se a humidade lentamente, o pêlo começa a destacar-se visivelmente do pano, encrespando. «A roupa *acotoou;* começa a *acotoar;* está *acotoada.*»

Dizem tambem *aquetoar.* Ch. as formas populares *quelher, quelhecer.*

acutelado é o corte diagonal dos panos de uma vela, do lado das testas.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 42.

adormecer, ficar inclinado ou adornado (o navio), sem tendencia para adriçar.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 196.

adrêgo. V. na 1.ª série. Usado tambem no Vale-do-Cóina.

adriçar, adriçamento. *adriçar,* mais propriamente, é erguer-se (o navio) ou retomar a posição normal depois de adornar, ou ter inclinado. «Se com o peso do vento o navio adornou tanto para S V que se não possa *adriçar*..» — **Ap. e Man.,** 196.

adriçamento, acto ou efeito de *adriçar.* «Caso haverá em que se deve passar *alanta* à borda para ajudar o **adriçamento.**» — *Ibidem,* 161.

«Momento de adriçamento» ou «de estabilidade» é a força que obriga um flutuador inclinado a retomar a posição normal. V. *Ibidem,* 156.

afedorentar-se, afedorentado. Na linguagem familiar de Viana *afedorentar-se* quere dizer o mesmo que «melindrar-se, abespinhando-se (por qualquer coisa); mostrar resentimento», e tambem «enojar-se.»

afedorentado, diz-se da pessôa esquisita, cheia de niquices, que *se afedorenta.*

afiambrar-se, predispôr-se; usar de blandícias e rodeios para conseguir os seus fins. Na linguagem fam. de Lisboa.

afivelar-se, locupletar-se, chamar a si. «*Afibelou-se* cum mais de doze c'rôas, o pilão!»

No Minho.

afocinhar, mergulhar de prôa (o navio). «O navio *afocinhará* obrigado pela amarra, isto é, mergulhará mais de prôa..» — **Ap. e Man.,** 141.

afoguear. «..candeia em que **afogueava** o cachimbo de páo..» — Camilo. **Braz. de Prazins,** 210.

agomamento, germinação, desenvolvimento dos gomos (de uma planta). V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 926.

De *agomar,* de *gomo.*

agraciado, agraciadamente. *Agraciado,* no sentido de «prazenteiro, com semblante risonho», usou-o Camilo nos **Volcoens de Lama,** 133: «Cá temos o berço — disse o padre muito **agraciado**..»

E, assim, *agraciadamente:* «O alferes recebeu **agraciadamente** o padre que o felicitou pela sua boa aparencia de saude..» — *Ibidem,* 260.

agrilar. Nos Arcos-de-Vale-de-Vez, quando o milho lançado à terra começa a germinar, até deitar as primeiras folhas, diz-se que «está a *agrilar.*»

Por *grelar.*

água, àguaceiro, àguaceirada, àgua-

deiro, àguamento; desàmento. (V. 1.ª série). A acrescentar aos derivados e compostos de *água:*

aguadeiro, dizia-se de qualquer artigo de vestuário, próprio para livrar da chuva.

«Don Bernaldo, pesa-me que tragedes
mal aguadeir' esse balandrao...»

Canc. da Vaticana (n.º 1069).

Assim, dir-se-ia «botas *aguadeiras*», como já tresouvi na linguagem popular (Cp. «chapeu *aguadeiro*», que registei na 1.ª série). Mais vulgar é dizer-se «botas *d'água*». «...se alguem lhe queria dar uma de doze por seis pintos que lhe devia o Fistula, e umas **botas d'água** que lhe emprestara.» — Camilo. **Corja,** 13.

Em Castro Daire chamam *aguadeiro* ao «mexeriqueiro, intrigante», e no Vale-do-Cóina dão o mesmo nome ao último bácoro de uma ninhada (o mesmo que *terçolho,* no Minho).

Tambem em Espòsende os pescadores denominam *aguadeiro* o «vento sul» (V. **Espozendense,** de 5 de Junho de 1913); provavelmente porque do sul vem as grandes borrascas.

àguaceirada é, no Vale-do-Cóina, o mesmo que *aguaceiro.* (Dizem *auga,* e assim os derivados.)

àguamento. No n.º 921 da **Gazeta das Aldeias,** um assinante de Alcanhões dá a seguinte informação: «Tenho uma égua de tres anos à qual dei uma pequena porção de palha de chícharo; apareceu com uma grande desinteria... e até deitada se sujava toda; ao quarto dia apareceu tolhida dos pés sem se poder mexer, nem levantar-se. O ferrador diz ser **desamento**..»

O veterinário sr. Paula Nogueira, por estes sintómas, diagnostica um *aguamento da mula,* dando este título à consulta.

No Tejo, *àguas-do-monte* são as enxurradas ou àguas das chuvas que descem das terras altas para o rio, formando as cheias. O curso destas àguas contra a erupção das marés é causa freqùente de desnivelamentos súbitos a que os marítimos chamam *estoques-de-água.* «No inverno, epoca de cheias e **águas do monte** no rio Tejo, são os **estoques d'água** perigosos...» — **Ap. e Man. de Navios,** 134.

água-acima diz-se, em geral, de qualquer coisa que provém das povoações ribeirinhas do Tejo. «Galinhas **d'água acima,** casal 1$20.» — **O Seculo,** de 27 de Outubro de 1913.

água-doce é expressão qualificativa da «inexperiência, falta de mérito e valor, ou reduzidas aptidões de determinados indivíduos na prática das suas profissões ou propensões.» «Marinheiro de *água-doce;* poeta de *água-doce.*» «Senhores meus, se me chamarem pintor *d'água doce,* por ser tão ensosso o retrato, que pinto d'uma formosura..» — D. Francisco Manuel. **Feira de Anexins,** 139.

«...se ha medicos de água doce
haja-os tambem do salgado...»

Pinto Renascido, 38.

«O *poeta d'água doce* é insulso, é o que não tem sal e o sal é a graça e o condimento essencial a todas as coizas..» — João Ribeiro. **Frazes Feitas,** II, 177.

água-mel, — o mesmo que «hidromel», — diz o **Novo Dic.** que é provincialismo algarvio. Julgo que não é só algarvio. Em um velho *Tratado historico e fysico das abelhas,* composto pelo padre Francisco de Faria Aragão, publicado em 1800 por Fr. José Maria-

no Velloso, e citado pelo sr. Eduardo Sequeira a pag. 109 de **As Abelhas,** lê-se: «Nos paizes do Norte, aonde não cresce vinho, ou he muito raro, se usa por bebida commua a **água mel**.. A agua mel foi conhecida dos antigos pelo nome de *Hydromel* ou *Mulsum*..»

água-forte é o nome que se dá, em Arte, à gravura pela agua forte, depois de estampada. «As *águas-fortes* de Goya.»

àgua-vai! era aviso que os velhos regulamentos camarários impunham ao munícipe que despejava da janela a água dos usos domésticos, para prevenir quem passava. Os canos de esgôto, abertos pelo progresso em nome da higiene, fiseram caír a postura municipal, mas a expressão ficou, enraízada por muitos séculos de uso, servindo para casos idênticos de prevenção. «Sem dizer *água-vai*» é expressão que indica falta de aviso, de consideração ou cuidado.

No Seixal dizem que «faz a *água* negra» quem procura levantar contrariedades e obstáculos a uma resolução, servindo-se de meios condenáveis, — em proveito dos seus interesses, muito naturalmente. É provável que entre aqui uma reminiscência vaga dos «pescadores de águas turvas.» (v. **Rev. Lus.,** XVI, 211).

Em farmácia, *água* é nome que se antepõe a várias palavras para designar quer uma simples solução aquosa, quer um líquido aquoso em que, por simples mistura ou destilação, os princípios activos se reúnem ao álcool.

aguçar-se, diz-se do navio quando tende a orçar. «Um navio bem atravessado ora **se aguça** ora arriba, sem contudo serem grandes as guinadas...» — **Ap. e Man. de Navios,** 184.

«E indo assim foi o vento crescendo, e a nau **aguçou** de ló, pôs-se toda á corda, sem querer dar pelo leme nem escotas.» — *Hist. Tragico-Maritima,* I.

aguilhada. O **Novo Diccionário** define esta palavra, em 2.ª acepção, como «antiga medida agrária, de 18 palmos de comprimento.» Esta definição está precedida por um asterisco, indicativo de ser registada pela primeira vez.

Vem no **Diccionario da Lingua Portugueza,** de Morais: «*uma* [aguilhada] *de terra:* medida antiga; fig. pouca terra.. São 18 palmos de craveira nos cãpos de Coimbra, ou 6 covados.»

aguilhada é, porem, medida de superfície e creio que ambos os dicionários se limitaram a indicar a largura ou testa.

No seu proficiente **Tratado Prático de Cont. e Escr. Commercial,** pag. 124, diz o sr. Magalhães Peixoto: «*Aguilhada* é uma superfície que tem 1 cana [=18 palmos] de largura e 60 de comprimento, ou 2 canas de largura e 30 de comprimento, ou 3 canas de largura e 20 de comprimento, etc Usa-se no campo de Coimbra, e é egual a 459 metros quadrados.»

aguilheta, estilete de madeira na ponta da correia que aperta a rocada, na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul). Por agulhêta? Cp. *aguilhada.* v. *palhêta,* s. v. **palha.**

agulheta. v. **zaguncho.**

agulho. « **Rêde dos** *agulhos* para a pesca do **agulho** e do camarão e que se fixa em dois paus nas proximidades das corôas. [em Espòsende].» — **O Espozendense,** 5 de Junho de 1913.

agumia. «..leixando as armas mais leves pellejavam com as **agumias** e terçados..» — **Inéditos de Hist. Port.,** I, 162.

àiola, pequena embarcação de fundo chato e prôa rasa; no Tejo.

Talvez *iola,* com *a* protético, do fr. *yole.* Cp. *abaleeira,* de *baleeira.*

alabote, é o nome que os pescadores de bacalhau dão a um peixe das costas da America-do-Norte.

A palavra é apenas uma adaptação do ing. *alabot.*

alambique, botequim de bebidas espirituosas; em Lisboa. «Quiz o destino que ela fosse parar á praça do Brazil, onde os indivíduos que ali estavam n'um **alambique** a embriagaram..» — **O Seculo,** 8 de Dezembro de 1913.

alamiré. «Corda de aço [para instrumentos músicos], superior qualidade.. Resistem ao **(alamiré, tom brilhante).**» — Anúncio da «Guitarraria Vieira», de Lisboa, in-**Annuario Comercial** (1913), pag. 1163.

alavradeirada, com modos e aparência de lavradeira; lorpa, boçal. Em Viana. «As outras duas, muito boçaes e **alavradeiradas**..» — Camilo. **Brazileira de Prazins,** 63.

alcagoita, amendoím, não só no Algarve, mas tambem, e pelo menos, em Setubal.

aluír, como verbo transitivo, no sentido de «deitar abaixo», ouve-se no Vale-do-Coina. «F. vai *aluir* aquela casa.»

alvitana, albitana, albeitana; pano. A rede de pesca chamada *tresmalho* tem três panos. Os exteriores, de malha larga, tem o nome de *alvitanas,* e o interior, de malha mais estreita, é o *pano.*

Na Murtosa dizem *albitana* e em Espòsende *albeitana.* «*Tresmalho de albeitana*..» — **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

Nas **Tradições Populares de Portugal,** pag. 194: «*Alvitana* — rede comprida que se atravessa no rio, durante a noute, para apanhar o peixe na corrente; outras vezes a *alvitana* põe-se adeante dos *aloques* que, assim tapados, são batidos com um pau para o peixe fugir e cair na rede (Guimarães).»

alça, segundo corpo, da colmeia de sistema móvel, em que assentam os *quadros* (v.) dos favos, por cima do ninho de criação. «No segundo anno porem.. se a colmeia estiver forte, pode então por-se-lhe o andar e a respectiva **alça.**» — Eduardo Sequeira. **As Abelhas,** 218.

alçar-se, no sentido de «levantar-se» (a pessoa que está sentada ou ajoelhada). «E não podendo d'ella mais saber **alçou-se** e pediu-lhe licença para ir ver el-rei...» — Fernam Lopes. **Crónica d'El-rei D. Fernando,** cap. CXLVI.

alceamento, acto ou efeito de *alcear* (poleame). «Alceamento em cabos de arame e linho, para poleame...» — **Annuario Commercial,** *para 1913,* pag. 1384.

aldeeiro, o mesmo que «festeiro», amante de festas e romarias. No concelho de Espòsende.

V. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

alefriz. Diz o **Novo Diccionário** que *alefriz* é «fenda, encaixe em que se pregam os topos do tabuado do navio.»

A definição é muito vaga porque, falando em tabuado, de um modo geral, fica indeterminada a situação do *alefriz.* E ainda que, por *tabuado,* se compreenda as «tábuas do costado», muitos topos destas tábuas se ajustam contra os topos de outras, pregando-se ambos, neste caso, na face externa das cavernas.

Morais, registando o plural *alefrizes,* deu uma definição mais exacta e por isso preferível à anterior: «encaixes abertos na quilha, onde

se embebem as taboas do risbordo, ou as primeiras, com que forrão o costado de baixo para cima.

Segundo Barros-Freitas — **Construcção Naval,** I, 6 — o *alefriz* é «uma cavidade de secção triangular feita na quilha, em que toma apoio o forro [do navio].» *Forro* são as fiadas de tábuas que revestem exteriormente o costado do navio, dispostas em sentido paralelo à quilha.

Mas o *alefriz* não se abre só na quilha. Na roda de prôa e no cadaste tambem ha *alefrizes,* que são o prolongamento do da quilha, e nestes se embebem os topos das tábuas que os tocam.

Como definição mais exacta dir-se-ha, pois, que é a «cavidade ou ranhura angular que se abre na quilha, no cadaste e na roda de prôa do navio, onde encaixam, respectivamente, as arestas e os topos das primeiras tábuas do forro, ou revestimento exterior.»

Tenho ouvido dizer, tambem, no mesmo sentido, *lefriz.*

àlém. A linguagem popular emprega a expressão *por aí além* para indicar, depreciativamente às vezes, tudo que é, ou pretende ser, extraordinário, pouco vulgar. «Não tenho uma memória *por aí além,* mas não me esqueço do que me fazem.» «Bem se vê, que tens uma habilidade *por aí além!*»

D. Francisco Manuel empregou a expressão nos *Relogios Fallantes,* dos **Apologos Dialogais:** «Muito me retenis a letrado, reloginho **de por ahi além!**

alevantamento, o mesmo que «alevanto» = sublevação, chamada às armas. «..nem caia com uma de X para o **alevantamento** que é uma comedela..» — Camilo. **Brazileira de Prazins,** 49.

alfabeto, ignorante, que não sabe lêr; No Vale-do-Côina.

Por *analfabeto.*

alfinete-de-dama, alfinete-dama (= alfinete-d'ama). Na linguagem familiar e na linguagem de loja-de-modas (que é tambem outra espécie de linguagem... pouco estudada) *alfinete-dama* ou *alfinete-de-dama* é uma espécie de fivela ou pregadeira simples de arame, com molas, com que, geralmente as senhoras, ajustam peças de vestuário.

Qualquer destas formas, com o sentido que aparentam, é incorreta. *Dama,* que parece ter aqui entrado com o sentido de *senhora,* representa a contracção de duas palavras: *de* e *ama. Alfinetes-de-ama* ou *d'ama* são alfinetes próprios para enfaixar os recem-nascidos, ou para pregar o vestuário das crianças de peito, porque, depois de espetados, enfiam o bico em um resguardo.

Em *alfinete-de-dama,* que tambem ouvi na linguagem familiar de Viana, ha um caso de prolepse fonética, como em *ambos de dois.* (V. **Estudos da Lingua Portuguesa,** I, 8).

alfôrra. «O *mildio* é, em bom portuguez, uma *alforra* — visto que alforra é, como sabem, uma doença causada nas plantas pela vegetação parasitaria de cogumelos microscopicos, quando o concurso de um calor inoportuno e de uma humidade exagerada auxilia e favorece essa vegetação.» — Batalha Reis. *in*-**O Seculo Agricola,** de 19 de Abril de 1913.

No n.º 48 do mesmo periódico o sr. Martinho de França Pereira Coutinho dá o nome scientífico da criptogâmica que causa esta doença nos vegetais, e que seria conveniente registar: «Os exemplares de trigo [examinados] estão atacados pela *Puccinia Rubiggo-Vera,* mal que efectivamente é

conhecido no Alemtejo pela denominação de *alforra.*»

alimentador. Em mecânica chama-se *alimentador* a um aparelho destinado ao aprovisionamento de água nas caldeiras de vapor. v. João de Pinho. **Nomenclatura de Caldeiras de Vapor,** 82.

Em apicultura *alimentador* é um recipiente, com disposição especial, que se introduz nas colmeias para fornecer xarope alimentar às abelhas, no inverno. v. Ed. Sequeira. **As Abelhas.**

alma. *Alma-de-cântaro,* pateta, simplório; na linguagem familiar. «.. tambem eu sou para manter segredo, e mal saberia encobrirvos nenhum meu, mas nem todas são **almas de cantaro,** como eu sou.» — Jorge F. de Vasconcelos. **Eufrosina,** acto IV, sc. II.

Cp. o esp. *alma de cántaro* = «dícese de una persona atolondrada y poco discreta.» — **Ency. Il. Ségui** (s. v. *alma*).

alma-da-padeira. (v. 2.ª série). «*Alma da padeira,* (he aquelle vão, ou sovado que ás vezes se acha no meio do pão).» — Roland. **Adagios,** 7.

Morais, s. v. *alma,* diz: «*alma da padeira:* o vão, oco do pão.»

almazem. Esta palavra, tal como antigamente se dizia, conserva-se ainda na linguagem popular, e é mais conforme ao étimo árabe. *Armazem* é presumida correcção, por influência de *arma.* (v. **Apostilas aos Dic. Port.,** I, 86).

Mas o *almazem* não era apenas o «depósito» ou «casa de arrecadação.» Em linguagem militar era tambem o provimento de guerra, como setas, metralhas, alcatrões, polvora, balas, etc.

Mais restrictamente, era o que os bèsteiros levavam nas cartucheiras, carcazes, etc., como: setas, dardos, quadrelas, pelouros, etc. (v. **Elucidario,** de Viterbo, s. v. *almazem*).

No vocabulário que acompanha a **Crónica do Condestabre,** edição meticulosa do Dr. Mendes dos Remédios, vem a palavra *almazem (almazẽẽs)* registando-se a forma correcta, antiga, em confronto com a moderna, com uma referência às **Apostilas,** lugar citado.

Nada nos diz o erudito anotador sobre a acepção especial em que ela é tomada no texto, e a que acima me referi: «E de hy escriveo a toda a gente da comarca q. viessem a elle percebidos de suas armas: e os beesteiros de suas beestas e **almazeẽs** e os homẽs de pee de suas lãças e dardos por serviço do meestre.» (pag. 64).

Viterbo cita as **Decadas,** de Barros, I, liv. IV: «Alguns dos nossos besteiros empregaram neles seu **almazem**..» E a **Cr. do Conde D. Pedro,** liv. I, cap. 79: «Aquela maldita gente trazia mortal peçonha em suas armas de ferir, especialmente no **almazem.**»

Na **Perigrinaçam** diz Fernam Méndez: «E te peço mais de nova amisade que, dos esquecidos de teus **almazens,** me socorras com pelouros e polvora, de que ao presente me acho muito falto.» — Cap. XIII.

Dos esquecidos de teus almazens, talvez = «do que te sobra em provisões de guerra.»

Morais ainda registou a acepção que daqui se depreende, mas os dicionários modernos limitam-se ao sentido geral: «depósito de fornecimento para a guerra.»

Tambem, vulgarmente, *armazem* ou *almazem* não é só «depósito de mercadorias» mas tambem «casa de arrecadação.» «Almazem para guardar as redes de pesca, etc.»

almegue. Na Beira-Alta, segundo in-

formação que recolhi por intermédio da **Gazeta das Aldeias,** n.º 733, chamam *almegue* à casa cujo sobrado se encharcou, especialmente se foi com água da chuva.

almofadão. V. **travesseirão.**

alrotar. «..que os fazem doudos as muitas letras que **alrotam.**» — **Arte de Furtar,** 217.

alvaínha. «O escarceo da vaga florea sobre o fluctuador, e á sombra d'elle, na *alvainha,* vem o mar com menos furia..» — **Ap. e Man. de Navios,** 191.

alvariça, o mesmo que «silhal, colmeal»? «*Viana do Castelo*.. Tenho uma **alvariça** do sistema antigo, isto é, com telhas, abrigadas do norte por um muro, bem situada. Ha dias notei que alguns cortiços estavam abandonados..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 925.

Por *algariça,* de *algar?*

alveirar, deixar de chover, desobscurecendo-se o ceu; na Beira-Alta. V. **Gaz. das Aldeias,** n.º 733.

De *alveiro.* Cp. *clarear.*

Tambem lá dizem *alveirar* no sentido de *avelar.*

alvorar, por *arvorar* = erguer, levantar; em linguagem marítima.

amadio. «Fazendo a tiragem geral [da cortiça] acerta a tirada e assim obterá, na tiragem imediata, só cortiça **amadia,** o que só oferece vantagens.» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 909.

amanhar. O povo emprega, às vezes, *amanhar* no sentido de «obter, conseguir.» «*Amanhou* um par de vintens lá pelos Brasis.» «*Amanhei* uma moléstia p'r'ó resto da vida.» — «**Amanhou** com isso muitos inimigos..» — Camilo. **Bruxa do Monte Cordova,** 79.

amante. «..os *amantes,* cabos de linho ou de pitta de grossa bitola, tendo n'um dos chicotes mão e sapatilho, e no outro rabicho, sendo estes cabos especialmente destinados a içar os mastareos..» — **Ap. e Man. de Navios,** 66.

amantilho. «*Amantilho* da retranca» é o cabo que sustem a retranca, engatando em um olhal da chapa do lais da mesma e que, passando por um moitão da romã do mastro, desce, a dar volta na chapa-das-malaguetas.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 71.

Contra-amantilho. V. **enramar.**

amarelo. «Mal *amarelo,*» doença dos batatais; na Nazaré. V. **Gaz. das Aldeias,** n.º 910.

amarelo diz-se de uma variedade de trigo rijo, cultivada no Alentejo. V. *Ibidem,* n.º 932.

amarra, amarrêta. *amarra* é uma «corrente de ferro forjado, tendo de comprimento 120 braças divididas em quarteladas [V. **manilha** e **quartelada**] de 15 e ligadas umas ás outras por manilhas..» — **Ap. e Man. de Navios,** 118.

As *amarras* dos navios bacalhoeiros são de manilha e tem comprimentos variáveis.

amarrêta, chama-se tambem à corrente dos ancorotes. V. *Ibidem,* 118.

amendoado, diz-se do aço que se apresenta no comércio sob a forma de barras cuja secção é uma elipse muito achatada.

amòchar-se, amòchado. O **Novo Diccionário** regista *amochado* como termo «*des*[usado]», significando «adoentado, engerido.»

Na linguagem familiar de Lisboa diz-se ainda *amòchado* neste sentido, e tambem no de «encolhido, acocorado, aninhado.» *amòchar-se* é «acocorar-se, agàchar-se, encolher-se.»

amoedado, o mesmo que «endinheirado.» «Palhares regeitara propostas de casamento com meninas bem amoedadas..» — Camilo. **Seroens de S. Miguel de Seide,** I, 17.

amòstar, molestar, maguar, ofender; nos Açores. «Perdoe-me se de alguma feita o *amòstei* (molestei)..» —Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 43.

andas, o mesmo que «cangalhas», no conc. de Paredes-de-Coura. «A principio fazia-se a conducção do leite por meio de mulheres, que o iam buscar a casa do fornecedor; depois, passou a ser feita em burras com **andas,** e agora faz-se em carroças.» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 232.

anafar. «Tomou-nos enfim às [moedas], e nos **anafou** em uma bolsa cheirosa, com mais cordões verdes e borlas no cabo, que chapeu de bispo armenio.» —D. Francisco Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 95.

ancorêta, incorêta. *ancorêta* não é só «pequeno barril chato, usado especialmente a bordo dos navios», como diz o **Novo Diccionário.**

ancorêta, no comércio de vinhos e tanoaria, em Lisboa, pelo menos, é um barril pequeno com a capacidade aproximada de 45 litros, a que tambem chamam «barril-de-décimo.» «..deixando de se exportar em cascos só seria exportado em pipas, quando muito 50 por cento, e os restantes 50 se fariam em barris e *ancorêtas* (90 a [aliás, *e*] 40 litros).» —**O Seculo,** de 9 de Junho de 1913.

Dizem tambem *incorêta.*

anilho=tornel. O *anilho,* nas correntes de amarração dos navios é uma peça formada por dois elos ou argolas de ferro forjado, ligadas entre si por um perno móvel, de forma a poderem girar independentemente. No elo superior ligam-se as manilhas (v. **manilha,** 1.ª série) dos *fiadores* ou correntes que gurnem nos *escòvens* (v.), e no inferior as das correntes das âncoras.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 135.

O *anilho* impede a torcedura que a rotação do navio forma nas correntes.

Tambem lhe chamam *tornel.*

antegalha. «As velas triangulares tambem podem diminuir de superficie mettendo-as na *antegalha,* isto é, reduzirem-se pelo lado da pena, pelo que se enrola uma percinta de lona em volta da vela, na altura dos ultimos garrunchos do gurutil, e amarrando-a em roda fortemente com uma cosedura de merlim.» —**Ap. e Man. de Navios,** 171.

antredanhas. «alma, bofes, *antredanhas..*» — **Cancioneiro Geral,** I, 20.

apaga-rastos, pessoa indolente, molenga, que chega em último lugar. No Vale-do-Côina.

apanhar, apalpar. Qualquer destes verbos, na Beira-Alta, tem tambem a significação de «queimar, crestar, ser recosido (pelo calor do sol).»

aparramar, cobrir-se, o céu, de núvens grossas, ou névoa, com tempo calmo. No Vale-do-Côina.

De *parrame?* Cp. *folhame* e outros colectivos em *ame* ou —*me: vasilhame, poleame, dinheirame.*

apascaçado, de **pascaço,** o mesmo que *panasco,* lorpa; no Minho.

v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 301.

apeguilho=peguilho, apeguilhar. O **Novo Diccionário** define *peguilho,* em 5.ª acepção, como «conducto de queijo, azeitonas, etc., que se acompanha com pão», e dá *apeguilhar* no sentido de «comer apeguilho com pão.» No lugar próprio insere: «*apeguilho, prov.* [incialismo] *beir.*[ão]. Carne de porco cozida.»

(Continúa).

MISCELÂNIA

Formas em -DURA e -DELA

As formas nominais derivadas de verbos por meio dos suficsos *-dura* e *-dela* andam confundidas na língua culta comum. Em geral os dicionários dizem simplesmente: — acção de . . . ; v. g.: *picadela,* acção de picar; *picadura,* acção de picar.

Nos falares alentejanos, porêm, estas formas são empregadas distintamente, e a derivação perdura consciente.

Se a acção expressa pelo verbo não tem resultado, o suficso *-dela* designa acção rápida ou única, e o suficso *-dura* acção prolongada ou repetida. Assim: *êle deu uma abridela de bôca,* quere dizer *abriu a bôca uma vez; estava numa grande abridura de bôca,* i. e. *estava constantemente a abrir a bôca, estava a abrir a bôca repetidas vezes.* Da mesma maneira: *dá aí uma abanadela nesse lume,* quere dizer *abana o lume depressa, sem demorar muito a abanar; ¡mas que abanadura é essa!* i. e. *¡para que estás a abanar há tanto tempo!* ou *¡para que abanas tanto!*

Do mesmo modo se distinguem *olhadela* e *olhadura, benzedela* e *benzedura,* etc.

Se a acção tem resultado, o suficso *-dela* designa a acção em si, e o suficso *-dura* o resultado da acção. Assim diz-se: *apanhei uma queimadela* e *tenho aqui uma queimadura;* apanha-se uma *mordidela* (= mordedela), fica-se com a *mordidura.* Do mesmo modo se distinguem *arranhadela* e *arranhadura, picadela* e *picadura,* etc.

Em um e outro caso esta formação é muito geral, de modo que na língua vulgar aparecem às vezes formas muito usadas que são completamente desconhecidas na língua culta e literária. Citarei de entre os exemplos dados, as formas *abanadela* e *benzedela,* que o preciosíssimo vocabulário de Gonçálves Viana [1] não regista, e que são vernáculas no Alentejo.

Faro, Agôsto de 1914.

BERNARDINO BARBOSA.

---

[1] A. R. Gonçálves Viana. — *Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa.* — Lisboa, 1909.

Uso do tratamento de "senhora,, e "senhor,,

Como prova de que, muitas vezes, quando se diz *sim senhor, não senhor,* esta expressão corresponde a simples *sim* e *não,* — citarei, entre os muitos exemplos populares que poderia apontar, os seguintes, que por várias vezes tenho ouvido:

— *Sim senhor, minha senhora!* ou

— *Sim senhora, minha senhora!* etc.

O povo diz *sim senhora* sempre, quer se dirija a homens ou mulheres, — e outras vezes sempre *sim senhor.*

A palavra «senhor» funde-se mentalmente em *sim* de tal maneira, que é vulgar o emprêgo de *sim-senhor!* como locução interjectiva:

— *Sim-senhor! vocês estão bem criados!*

Semelhantemente, tenho ouvido *Dona Donana,* por fusão de *Dona* e *Ana.*

Isto vem a propósito do que o Snr. Dr. J. Leite de Vasconcelos escreveu na **Rev. Lusitana,** XVI, 345, sob a mesma epígrafe.

Viana-do-Castelo.

CLÁUDIO BASTO.

CRÓNICA

Sendo Portugal um país em que os Arabes tiveram muita influência, na raça, na língoa e nos costumes, convinha que entre nós houvesse pelo menos um curso oficial de arabe, como já em tempos houve, mas que estava extincto. O Govêrno da República atendeu a tal necessidade: cfr. *Rev. Lusit.* xv, 175. Por decreto de 17 de Agôsto de 1914, foi provido na respectiva cadeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o Snr. David Lopes, cujos excelentes trabalhos neste dominio o chamavam naturalmente para ela. A cadeira de arabe que o Snr. David Lopes está regendo compreende dois cursos:

elementar, de um ano;

superior, de dois anos.

Alem disso haverá, feito pelo mesmo professor, um curso semestral, destinado principalmente aos alunos de história pátria da Faculdade, em que será estudado o dominio dos Arabes na Peninsula e o dos Portugueses em Marrocos.

*

Para a vaga deixada pelo Snr. David Lopes na Faculdade de Letras, onde era professor do grupo de Filologia Romanica, passou o redactor da *Revista Lusitana*, que na mesma Faculdade pertencia ao grupo de Filologia Classica; para a vaga d'este foi escolhido e nomeado o nosso ilustre colaborador o Snr. José Joaquim Nunes.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

— **Gil Vicente e a sua obra,** por J. M. de Queiroz Velloso, Lisboa 1914.

— **A campanha vicentina,** por Afonso Lopes Vieira, Lisboa 1914.

— **Introducción al estudio de la Lingüistice romanisce** de Meyer Sübke, trad. hesp. de Américo Casto, Madrid 1914.

— **Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain** por Henry Martin: I, Baltimore 1909; II, in *The American Journal* of Philolegy, XXXV, 400 ss. — A palavra «Spain» está aqui no sentido de *Hispania*.

— **Anais das Bibliotecas e arquivos de Portugal,** vol. I, n.º I, Outubro de 1914.

— **Revista da Universidade de Coimbra,** vol. I a III, Coimbra 1912-1914.

— **Critica e Historia** por A. Braamcamp Freire, vol. I, 1910.

— Historia da administração pública em Portugal nos secc. XII a XV, por H. da Gama Barros, vol. III, Lisboa 1914 (o vol. II saíra em 1896, e o I em 1885.)

— Trabalhos de D. Carolina Michäelis:
a) **A "saudade„ portuguesa,** Porto 1913;
b) **D. Francisco Manoel de Mello,** Coimbra 1914.

INDICE DO VOL. XVII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS: Pag.

Palavras e coisas — por F. Adolfo Coelho 1
Tradições populares de Santo Tirso — por A. C. Pires de Lima . 17 e 282
Falas e tradições do distrito de Viana-do-Castelo — por Cláudio Basto 55
Contos populares de Evora — por Bernardino Barbosa 86
Toponymia portuguesa — por Joaquim da Silveira 114
Subsídios para o Cancioneiro do arquipelago da Madeira — por Urbano Canuto Soares 135
Investigações etnográficas — por A. Tomás Pires 159
Adagiário português — por Teofilo Braga. 225
"Saudade„ em português e galego — por Cláudio Basto 275
Notas á margem do "Novo Diccionário„ — por Oscar de Pratt . . 338

MISCELANEA:

Nomes de ventos — por Oscar de Pratt 198
Cantiga do Mirandum — por J. L. de V. 203
Nova leitura da "Notícia de torto„ — por Pedro d'Azevedo. . . 203
Limites dialectais — por J. L. de V. 206
Fórmas em -dura e -dela — por Bernardino Barbosa 349
Uso do tratamento de "senhor„ e "senhora„ — por Cláudio Basto 350

CRÓNICA:

A Literatura portuguesa em Tolosa 208
Cadeira de arabe na Faculdade de Letras de Lisboa. 351
Mudança de professores da mesma Faculdade 351

NECROLOGIA:

Gonçalves Viana — por Cláudio Basto. 209

BIBLIOGRAFIA **(varia qvaedam):**

Paleographia iberica — por Burnam 222
Litbl. f. germ. u. rom. Philol. 222
A critica literaria como sciencia — por Fidelino de Figueiredo 222
Historia da Literatura realista — pelo mesmo. 222
Antonio Tomás Pires — por vários colaboradores . . . 222
Lições de Filologia Portuguesa — por D. Carolina Michaëlis 223
Filologia Portuguesa — pela mesma A. 223
Lexicologia — pela mesma A. 223
A palavra "momo„ — por Leite de Vasconcellos 223
Diccionário de afixos, desinencias e outros elementos de composição — por Carlos Goes. 223
Anglia 223
Sobre um dos usos do pronome "se„ — pelo Dr. José Maria Rodrigues 223
Sentido do Humanismo — por Hipolito Raposo 223
Anuario da Casa Pia 223
O psitacismo e o ensino — por José Santa Rita 223
D. Francisco Manuel de Mello — por Edgar Prestage . . 223
Locuções petrificadas — por Oscar de Pratt 223
Fragmentos de una traducción portuguesa de Juan Ruiz — por A. G. Solalinde 223
Gil Vicente poeta e ourives — por A. Braamcamp Freire . 224
A proposito de alguns modos de dizer e vocábulos arcaicos — por J. J. Nunes 224
Critica contemporanea á "Chronica de D. Manoel„ de Goes — por Edgar Prestage 224
Portogallo e Italia nel secolo XVI — por Achille Pellizzari 224
Contos e fabulas — por Baltasar Osorio 224
Trovas de Luis Anrriques a hũa moça — por F. Maria Esteves Pereira 224
Toponimia — por A. Gomes Pereira 224
Gil Vicente e a sua obra — por J. M. de Queiroz Veloso . 352
A campanha vicentina — por Afonso Lopes Vieira . . . 352
Introducción al estudio de la Lingüistica romance — por Meyer-Lübke (trad. de A. Castro) 352
Syntax of the Latin inscriptions — por H. Martin . . . 352
Anais das Bibliotecas e arquivos de Portugal 352
Revista da Universidade de Coimbra 352
Critica e Historia — por A. Braamcamp Freire 352
Historia da administração pública em Portugal nos secc. XII a XV — por H. da Gama Barros 352
A "saudade„ portuguesa — por D. Carolina Michaëlis . . 352
D. Francisco Manoel de Melo — pela mesma A. 352

ERRATA

A pag. 352, linha 6.ª, saiu, por má revisão, *Linguistice romanisce* em vez de *Lingüistica romance,* e na linha 7.ª, *Sübke* em vez de *Lübke.*

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto 1892. 500
Poesia amorosa do povo português, Lisboa 1890 400
Religiões da Lusitania, 3 volumes 1897-1913 . . . . . 7$500
Ensaios ethnographicos, 4 volumes 1891 (1911)-1910 . . . . . 3$100
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901 600
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901 . . 3$000
Textos archaicos, 2.ª ed. (esgotada).
O Dr. Storck e a Litteratnra Portuguesa, Lisboa 1910 . . . . . 1$000
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa 1911. 2$000

A Revista Lusitana publica-se em fasciculos de 5 a 6 folhas, e saem quatro por anno.

Preço da assignatura annual: Portugal e Hespanha. . . . . 2$400 réis

Toda a correspondencia literaria deve ser enviada ao director **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, R. de D. Carlos Mascarenhas, 27, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assignatura) deve ser enviada ao editor **A. M. TEIXEIRA**, P. dos Restauradores, 17, Lisboa.

00
00
00
00
00
00

00
00

s,

is

e-
7,

n-
os